



Teorias da personalidade

Teorias da personalidade

Thais de Assis Antunes Baungart
Lizandra de Campos Brandani
Cláudia Capelini Picirilli

© 2017 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente
Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação
Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico
Alberto S. Santana
Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Cristiane Lisandra Danna
Danielly Nunes Andrade Noé
Dieter S. S. Paiva
Emanuel Santana
Grasiele Aparecida Lourenço
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Paulo Heraldo Costa do Valle
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica
Carla Patricia Fregnani
Cássio Ricardo Fares Riedo
Weber Mário de Lima Rosa

Editoração
Adilson Braga Fontes
André Augusto de Andrade Ramos
Cristiane Lisandra Danna
Diogo Ribeiro Garcia
Emanuel Santana
Erick Silva Griep
Lidiane Cristina Vivaldini Olo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Baungart, Thais de Assis Antunes
B349t Teorias da personalidade / Thais de Assis Antunes
Baungart, Lizandra de Campos Brandani, Cláudia Capelini
Picirilli – Londrina : Editora e Distribuidora Educacional
S.A., 2017.
200 p.

ISBN 978-85-8482-861-6

1. Personalidade. I. Brandani, Lizandra de Campos. II.
Picirilli, Cláudia Capelini.

CDD 155.2

2017
Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida París, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 – Londrina – PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: <http://www.kroton.com.br/>

Sumário

Unidade 1 Introdução às teorias da personalidade	7
Seção 1.1 - O desenvolvimento da personalidade	9
Seção 1.2 - Influências hereditárias e ambientais na formação da personalidade. A perspectiva dos traços	21
Seção 1.3 - A perspectiva biológica/evolucionista	33
Unidade 2 Teorias da personalidade de base analítico-comportamental e teorias da personalidade de base existencial/humanista	51
Seção 2.1 - O behaviorismo e a formação da personalidade	53
Seção 2.2 - A perspectiva cognitivo-comportamental	69
Seção 2.3 - A perspectiva existencial/humanista	83
Unidade 3 Teorias da personalidade de bases psicodinâmicas	103
Seção 3.1 - Teoria psicanalítica de Freud	105
Seção 3.2 - Teoria analítica de Jung	121
Seção 3.3 - Teorias sociopsicanalíticas	135
Unidade 4 Transtornos da personalidade	151
Seção 4.1 - Transtornos da personalidade do grupo A	153
Seção 4.2 - Transtornos da personalidade do grupo B, segundo o DSM-5.	167
Seção 4.3 - Transtornos da personalidade do grupo C, segundo o DSM-5.	181

Palavras do autor

Prezado aluno, é com alegria e satisfação que o convidamos a mergulhar numa temática fascinante e importantíssima para a formação do psicólogo: as teorias da personalidade. Essa temática, sem dúvida, é uma das que mais geram curiosidade e interesse dentro da psicologia.

Com certeza você já ouviu falar sobre personalidade. Frases, tais como: "a personalidade de Fulano é fraca", ou "Beltrano tem personalidade forte", ou ainda "Sicrano não tem personalidade", são usadas no nosso dia a dia pelo senso comum, mas seria tudo isso verdadeiro ou apenas uma forma equivocada de se pensar temas relacionados à psicologia?

Sabemos que a personalidade, sendo um fator em construção, é um tema nunca acabado. A diversidade de interpretações sobre o assunto demonstra que, embora as teses defendidas estejam cada vez mais próximas da clareza, a própria dinâmica do processo da personalização fará sempre com que os argumentos fiquem desatualizados no momento seguinte àquele em que forem dados como terminados. Ou seja, não temos uma única e absoluta definição sobre qual teoria da personalidade é a "verdadeira" ou a mais "certa".

São perguntas e reflexões como essas que iremos aprofundar nesta disciplina. Ao longo das quatro unidades, iremos abordar os seguintes assuntos: na Unidade 1, faremos uma introdução ao conceito de personalidade, destacando algumas importantes definições, além de abordarmos as influências hereditárias e ambientais na dinâmica e no desenvolvimento da personalidade; na Unidade 2, estudaremos as teorias de base comportamental e existencial/humanista; na Unidade 3, trataremos das teorias de bases psicodinâmicas de Freud e Jung, além das teorias sociopsicanalíticas; na última unidade (a Unidade 4), falaremos sobre os diversos transtornos de personalidade dos grupos A, B e C, com base no *Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais*, 5^a edição (DSM-5).

Esperamos que você aprenda com entusiasmo e aplique esses importantes conhecimentos na sua vida profissional enquanto psicólogo.

Introdução às teorias da personalidade

Convite ao estudo

Olá, futuro psicólogo!

É com grande satisfação que apresentamos a você a nossa primeira unidade de ensino. Nela, faremos uma importante introdução às teorias da personalidade para que você compreenda como ocorreu o início dos estudos sobre personalidade, qual é a relação entre personalidade e psicologia, qual é a diferença entre os conhecimentos de senso comum e o estudo científico da personalidade, como ocorrem a dinâmica e o desenvolvimento da personalidade, que tipo de influências determinam a nossa personalidade e quais são as abordagens teóricas (de cunho biológico e evolucionista) que falam sobre o tema da personalidade.

Ao final desta unidade, você deverá desenvolver algumas competências profissionais importantes, tais como: conhecimento sobre os caminhos iniciais percorridos nos estudos sobre personalidade, principais nomes e obras que envolvem as teorias da personalidade, visão geral sobre o desenvolvimento e a dinâmica da personalidade, reconhecimento das influências hereditárias e ambientais no desenvolvimento e na dinâmica da personalidade tanto infantil como adulta.

Para que você possa entender de forma prática e objetiva como tudo isso acontece na vida profissional de um psicólogo, vamos usar uma situação fictícia, porém muito corriqueira na prática em nossa profissão:

Fernanda se formou em psicologia há pouco tempo. Logo após conseguir sua identidade profissional, foi selecionada para trabalhar como coordenadora numa escola da rede privada de ensino que possui cursos desde a educação

infantil até o ensino médio. Entre as responsabilidades de Fernanda, estão tarefas como: orientação psicopedagógica de pais e professores, elaboração de projetos relacionados à cidadania e à ética, orientação sobre desenvolvimento emocional na infância/adolescência, palestras (sobre temas diversos da psicologia), acompanhamento de crianças/adolescentes no âmbito comportamental e de aprendizagem.

Imagine que você irá ajudar Fernanda a desenvolver todas essas tarefas, usando os conceitos vistos nesta unidade de ensino. Na Seção 1.1, Fernanda fará uma palestra para professores do ensino fundamental sobre “a importância do estudo da personalidade para professores”. Na Seção 1.2, Fela irá elaborar um projeto com os alunos do sétimo ano, para incentivá-los a estudar e conhecer as influências hereditárias e ambientais no desenvolvimento da personalidade humana. Na Seção 1.3, Fernanda fará outra palestra com os professores, para discutir sobre a visão biológica na formação da personalidade e ajudá-los a entender o comportamento infantil com base no viés evolucionista.

Seção 1.1

O desenvolvimento da personalidade

Diálogo aberto

Vamos retomar o nosso contexto de aprendizagem, a fim de introduzir a situação-problema desta primeira seção:

Fernanda se formou em psicologia há pouco tempo. Logo após conseguir sua identidade profissional, foi selecionada para trabalhar como coordenadora numa escola da rede privada de ensino que possui cursos desde a educação infantil até o ensino médio. Entre as responsabilidades de Fernanda, estão tarefas como: orientação psicopedagógica de pais e professores, elaboração de projetos relacionados à cidadania e à ética, orientação sobre desenvolvimento emocional na infância/adolescência, palestras (sobre temas diversos da psicologia), acompanhamento de crianças/adolescentes no âmbito comportamental e de aprendizagem.

A escola solicitou à Fernanda, como primeira tarefa, uma palestra para professores do ensino fundamental sobre “a importância do estudo da personalidade para professores”. O objetivo disso é auxiliar os professores sobre a importância do estudo da personalidade e trazer informações sobre como esse estudo ocorreu ao longo do tempo, além de quais são os dados e as informações científicas sobre o tema e o que pertence ao senso comum.

Fernanda está muito motivada e determinada a preparar uma “palestra show”. Quer aproveitar essa oportunidade para colocar em prática aquilo que aprendeu na faculdade de psicologia e ajudar os professores a lidarem melhor com o comportamento de seus alunos.

O tempo estimado de apresentação é de 1 hora e 30 minutos, contando o tempo de fala da palestrante, mais o tempo de pergunta dos ouvintes. Fernanda precisa se organizar. É necessário pensar quais assuntos serão selecionados dentro da temática “desenvolvimento da personalidade”, qual é a estratégia didática que ela utilizará para prender a atenção dos ouvintes (como resumir os assuntos de forma interessante), quais são os autores que ela utilizará para falar sobre o assunto (os clássicos), qual é a relação do tema com os comportamentos observados em sala de aula e como

otimizar as perguntas dos professores de forma que elas gerem outras perguntas pertinentes sobre o tema (desenvolver e aprofundar a temática).

Imagine que você está no lugar de Fernanda. Como iria resolver essa situação-problema? Para ajudá-lo a pensar e a atingir os objetivos de aprendizagem propostos, os seguintes conteúdos serão desenvolvidos: introdução ao estudo científico da personalidade; conceituação de personalidade; dinâmica da personalidade; desenvolvimento da personalidade.

Não pode faltar

Introdução ao estudo científico da personalidade

A psicologia é a ciência que estuda, entre outras coisas, a formação e o desenvolvimento da personalidade. Para isso, ela possui uma série de teorias que tentam responder a perguntas do tipo: "Como a personalidade se forma e como se desenvolve?".



Reflita

É muito comum ouvirmos as pessoas falando sobre personalidade, aspectos da personalidade e, até mesmo, sobre as estruturas da personalidade de alguém, mas até que ponto podemos afirmar que essas informações e conhecimentos são verídicos? Ou seja, até que ponto podemos afirmar que isso que se fala por aí é ciência ou, na verdade, não passa de senso comum?

Ao contrário do que muita gente pensa, o estudo da personalidade nem sempre ocupou um lugar importante na psicologia. Por mais da metade da história da psicologia como ciência, os psicólogos deram, relativamente, pouca atenção ao estudo da personalidade. Podemos afirmar que, no seu início como ciência, a psicologia concentrou-se na análise da experiência consciente, nas suas partes fundamentais, mediante métodos baseados no enfoque utilizado pelas ciências naturais. A ideia que se tinha era: se podemos compreender o mundo físico por meio das ciências naturais, não poderíamos fazer o mesmo para o estudo da mente humana?

Os primeiros psicólogos da história, como Wundt, Watson, entre outros, foram influenciados pelo enfoque das ciências naturais e resolveram aplicar o mesmo princípio no estudo da mente humana. Como esses pesquisadores se limitaram ao método experimental, somente estudaram processos mentais que poderiam ser afetados por estímulo externo que pudesse ser manipulado e controlado pelo pesquisador. Sendo

assim, não existia espaço para o estudo de algo tão complexo e multidimensional como a personalidade.

No início do século XX, John B. Watson, psicólogo norte-americano, provocou uma revolução contra o trabalho de Wundt. Surgiu o movimento denominado behaviorismo, que se opunha ao foco de Wundt na experiência consciente. Watson era mais dedicado ao enfoque das ciências naturais e argumentava que, se a psicologia quisesse ser uma ciência, deveria se concentrar somente nos aspectos tangíveis da natureza humana: o que pode ser visto, ouvido, registrado e mensurado. Portanto, apenas o comportamento evidente poderia ser objeto de estudo da psicologia, e não o consciente. A consciência de Watson não pode ser vista ou observada (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

O behaviorismo apresenta uma visão mecanicista na compreensão do ser humano. O que acontece na mente após o estímulo ser apresentado e antes da resposta ser dada não pode ser visto, apenas especulado, então, não é de valor para a ciência. Nessa teoria, a personalidade é definida posteriormente por B. F. Skinner como um acúmulo de respostas aprendidas ou sistema de hábitos. Portanto, não havia lugar na teoria para forças do consciente e do inconsciente. Essas forças foram enfocadas por outra linha de questionamento, que surgiu independente de Wundt e Watson e foi denominada psicanálise (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

A psicanálise foi desenvolvida a partir da década de 1890 por um médico de Viena, Áustria, chamado Sigmund Freud. Freud não era psicólogo; exercia a medicina em uma clínica particular na qual trabalhava com pessoas que sofriam de problemas emocionais. Apesar de ser treinado como cientista, ele não utilizou o método experimental; em vez disso, elaborou sua teoria da personalidade baseando-se em observações clínicas. Em longas séries de sessões psicanalíticas, ele aplicava sua interpretação criativa com base no que os seus pacientes lhe relatavam sobre seus sentimentos e experiências passadas, tanto os reais como os fantasiados. É importante explicitar que psicanálise e psicologia não são sinônimos nem termos permutáveis. A psicanálise de Freud afirma que a sexualidade infantil e as motivações inconscientes influenciam na determinação da personalidade.



Assimile

Conclui-se que os primeiros teóricos da personalidade se fundamentavam mais em deduções baseadas na observação do comportamento do que na análise quantitativa dos dados de laboratório.



Refletá

Com base no exposto, você continua pensando na ideia de personalidade da mesma forma que o senso comum?

É preciso observar que a psicologia experimental, nos seus anos iniciais, não ignorava completamente a personalidade - estudavam-se alguns de seus aspectos -, mas não existia uma área de especialização distinta, denominada personalidade. Somente na década de 1930, o estudo da personalidade foi formalizado e estruturado na psicologia, principalmente com o trabalho de Gordon Allport, na Harvard University. Foi a partir de Allport que se iniciou o estudo científico da personalidade (CLONINGER, 1999).

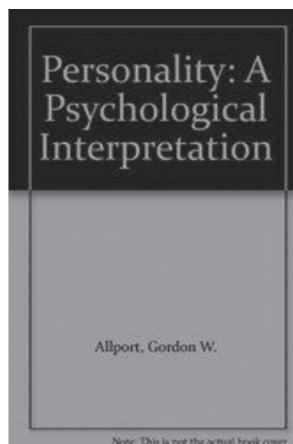


Pesquise mais

Este livro é considerado o marco inicial do estudo formal da personalidade. Você pode encontrá-lo em livrarias físicas ou em lojas virtuais, na seção de clássicos da psicologia:

ALLPORT, G. **Personality: a psychological interpretation**. New York: Henry Holt and Company, 1937.

Figura 1.1 | Livro marco inicial do estudo formal da personalidade



Fonte: <<https://goo.gl/fnbKKB>>. Acesso em: 17 out. 2016.

Com base nos estudos experimentais e na teoria psicanalítica de Freud, outros psicólogos acadêmicos começaram a crer que era possível desenvolver um estudo científico da personalidade. De 1930 até hoje, surgiram várias abordagens para o estudo da personalidade, como a abordagem biológica, a existencial, as psicodinâmicas e comportamental.



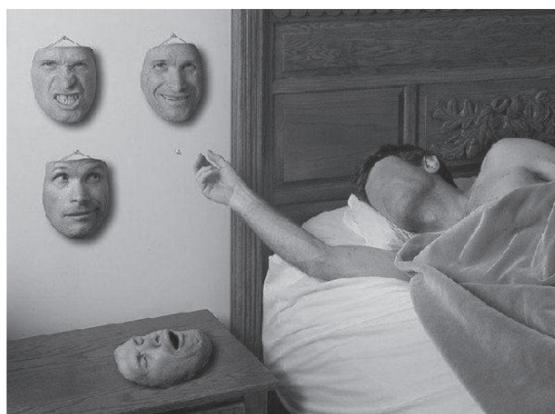
Faça você mesmo

Procure se lembrar das abordagens teóricas em psicologia que você já conhece. Faça uma lista e escreva os conhecimentos que você já tem em relação a cada uma delas. Há alguma com a qual você se identifica mais? Todas elas tratam do tema personalidade?

Conceituação de personalidade

A palavra personalidade vem do latim “persona” que, antigamente, era uma máscara usada pelos atores no teatro. Persona é a aparência externa que mostramos aos outros, é o aspecto visível do caráter, aquilo que impressiona os outros. Mas, a personalidade é mais do que aparência externa. É o conjunto dos aspectos internos e externos, peculiares a cada pessoa, relativamente permanentes, e que influencia o comportamento nas diversas situações. Existe uma interação entre os traços pessoais permanentes e os aspectos mutáveis da situação. Sabemos que as dinâmicas culturais influenciam a personalidade (CLONINGER, 1999).

Figura 1.2 | As máscaras que usamos



Fonte: <<https://goo.gl/zRxUZd>>. Acesso em: 17 out. 2016.

Há mais de 70 anos, Gordon Allport (1937), citado por Cloninger (1999, p.49), disse que personalidade é “a organização dinâmica e interna daqueles sistemas psicofísicos do indivíduo que determinam seu ajuste individual ao ambiente”. Esse conceito abrange o conhecimento de um conjunto de características psicofísicas humanas, tais como: a consciência e o perfil das atividades elétricas do cérebro, o modo, a capacidade ou o potencial de reação a estímulos internos e externos, os padrões de organização do sistema nervoso autônomo ou a emotividade, os padrões de atividade do sistema nervoso central e/ou a inteligência e o perfil bioquímico da constelação hormonal do sujeito, identificando, sobretudo, variantes não enquadradas na posologia psiquiátrica ou psicopatológica, discriminando, por exemplo, a interferência de alterações epilépticas do lobo temporal de impulsos homicidas de natureza voluntária circunstancial ou habitual.

Jacques Lacan aborda a personalidade a partir de um olhar psicanalítico, conceituando-a como um modo de desejos, necessidades e crenças; o desenvolvimento biográfico; a organização de reações psicovitais; concepção de si mesmo/responsabilidade pessoal/tensão nas relações sociais. Para Jung, uma personalidade é um todo vivo e individual, único e autômato, que se vai construindo a partir do nascimento, por uma integração dinâmica de fatores orgânicos, intelectuais, éticos, afetivos e sociais (CLONINGER, 1999).

Ao longo das quatro unidades de estudo, iremos aprofundar sobre os diversos conceitos de personalidade, de acordo com as diferentes abordagens teóricas em psicologia. Neste momento, basta ficarmos com a ideia de que a personalidade é, igualmente, uma construção pessoal que decorre ao longo da nossa vida e uma elaboração da nossa história, da forma que sentimos e interiorizamos as nossas experiências, que acompanha e reflete a maturação psicológica. Em suma, a personalidade é um processo ativo e que intervém em diferentes fatores.

Dinâmica da personalidade

Não basta, simplesmente, descrever a personalidade. A relação entre personalidade e comportamentos observáveis, muitas vezes, é sutil e não óbvia. O termo dinâmica da personalidade refere-se aos mecanismos pelos quais a personalidade se expressa, geralmente enfocando as motivações que orientam o comportamento. Uma teoria precisa explicar a dinâmica e o desenvolvimento da personalidade, bem como fornecer conceitos descritivos. Cloninger (1999) diz que a motivação fornece energia e orientação ao comportamento.



Exemplificando

Ao ver uma pessoa correndo, vigorosamente, em direção a uma porta, você pode se perguntar: Por que essa pessoa está correndo? Qual é o motivo?

Os teóricos discutem muitos motivos. Alguns estudiosos consideram que as motivações ou os objetivos de todas as pessoas são similares. Sigmund Freud achava que a motivação sexual subjaz à personalidade. Carl Rogers supunha uma tendência para avançar em direção a níveis superiores de desenvolvimento. Outros teóricos, para quem os motivos ou objetivos variam de uma pessoa para outra, veem essas diferenças como traços.

A dinâmica da personalidade inclui adaptação ou ajustamento dos indivíduos às exigências da vida e, portanto, tem implicações para a saúde mental. A moderna teoria da personalidade considera os processos cognitivos o principal aspecto da dinâmica da personalidade. O modo como pensamos é um determinante significativo das nossas escolhas e da nossa adaptação. Além disso, a sociedade nos influencia por meio de suas oportunidades e expectativas (CLONINGER, 1999).



Assimile

As dinâmicas da personalidade envolvem influências múltiplas, tanto do meio como internas à pessoa. As situações podem fornecer oportunidades para atingir objetivos ou desafios que requerem adaptação.



Exemplificando

Tanto a ambição (necessidade de realização) como a amizade (necessidade de associação) influenciam o comportamento de “estudar com um amigo”.

Desenvolvimento da personalidade

Outro tema central da teoria da personalidade diz respeito à formação e à mudança da personalidade. Até que ponto a personalidade é influenciada por fatores biológicos, como a hereditariedade? Até que ponto a personalidade pode ser modificada pela aprendizagem? Em que medida a infância é um período crítico para o desenvolvimento da personalidade e quanta mudança pode ocorrer na idade adulta?

Iremos aprofundar todas essas questões nas Seções 1.2 e 1.3 desta mesma unidade, mas, por enquanto, vale destacar pontos importantes sobre as influências biológicas e as experiências vividas na infância e na idade adulta, referentes ao desenvolvimento da personalidade:

- Influências biológicas

O termo temperamento refere-se a estilos coerentes de comportamento que estão presentes desde a infância, presumivelmente devido a influências biológicas. Alguns teóricos enfatizam o caráter hereditário da personalidade. Cattell pesquisou o papel da hereditariedade como fator determinante da personalidade e concluiu que alguns de seus aspectos são fortemente influenciados pela hereditariedade, embora outros não o sejam. As diferenças de sexo são atribuídas, basicamente, a influências biológicas por alguns teóricos (como Freud e Jung), mas outros atribuem à experiência (como Horney). Ao longo das aulas, você perceberá que, embora a personalidade tenha fatores hereditários como determinantes, é a experiência no ambiente que a determina mais fortemente (HALL et al., 2000).

- Experiências na infância e vida adulta

A personalidade desenvolve-se ao longo do tempo. A experiência, particularmente na infância, influencia a maneira como cada pessoa desenvolve sua personalidade única. Muitas das principais teorias da personalidade fazem afirmações sobre o desenvolvimento da personalidade. Freud, por exemplo, encarecia a experiência dos anos pré-escolares na formação da personalidade. Muitos outros teóricos (Horney e Adler, por exemplo), especialmente os de tradição psicanalítica, concordam que os primeiros anos de vida são importantes. Erikson ampliou a reflexão sobre o desenvolvimento, incluindo a idade adulta e a velhice (HALL et al., 2000).



Reflita

Por que é que dois ou mais indivíduos, nascidos e criados pelos mesmos pais (e, consequentemente, detentores de uma composição genética similar) se transformam, frequentemente, em indivíduos com acentuadas diferenças de gosto, forças e fraquezas? Por que é que algumas pessoas, contrariamente ao seu irmão e/ou irmã, desenvolvem doenças mentais? O que está na causa de tais diferenças e o que pesa mais no pêndulo: a genética ou o ambiente?



Vocabulário

Posologia psiquiátrica ou psicopatológica: refere-se à dosagem de medicamentos psiquiátricos indicados para uma pessoa.

Sem medo de errar

Para ajudar Fernanda em seu primeiro desafio na escola, você pode propor que ela inicie sua palestra falando sobre a importância do estudo científico da personalidade.

Nessa parte, ela pode abordar o início da psicologia científica e a preocupação com aquilo que era observável no comportamento humano. Os slides podem conter imagens de importantes nomes da história da psicologia, tais como Wundt e Watson, além de imagens do primeiro laboratório de psicologia experimental e, ao final dessa primeira parte, uma pergunta convidativa sobre a seguinte reflexão: o estudo da personalidade humana sempre foi objeto de estudo da psicologia? Deixe que os professores reflitam e comentem sobre a pergunta.

Nos próximos slides, Fernanda pode responder à pergunta, dizendo que nem sempre a psicologia teve o tema da personalidade como área de estudo e que foi a partir dos estudos de Allport que ela ganhou espaço e caráter científico.

A fim de trazer o tema mais perto da realidade vivida pelos professores, seria interessante que Fernanda explicasse, resumidamente, sobre as diferentes teorias da personalidade em psicologia e como elas podem ajudar na compreensão do desenvolvimento infantil. As próprias experiências dos professores poderiam servir de base para a ilustração desse tema.

Por último, Fernanda poderia falar sobre a dinâmica da personalidade, enfatizando a importância de se criar um clima favorável e motivador dentro da sala de aula, a fim de facilitar a motivação dos alunos para o processo de aprendizagem.



Atenção

Não se esqueça de que, para realizar esta situação-problema, Fernanda precisa estar ciente que isso é apenas uma introdução ao tema desenvolvimento da personalidade, portanto é interessante que ela desperte nos professores a curiosidade sobre o conteúdo e enfatize que, em outras palestras, serão abordados temas mais específicos desse assunto, tais como influências hereditárias e ambientais, teorias evolucionistas etc.

Avançando na prática

A importância do conhecimento sobre a personalidade no ambiente de trabalho

Descrição da situação-problema

Renato é um psicólogo renomado na área organizacional. Em seu currículo constam diversos workshop, palestras e atividades voltadas para o tema do desenvolvimento do potencial humano nas organizações. Seu enfoque de trabalho sempre foi despertar em seus clientes habilidades e competências para melhor desempenho no trabalho.

Esse mês, uma empresa de médio porte contratou os seus serviços para um

workshop motivacional com líderes de setor. A tarefa dele será preparar um dia de atividades que despertem nos líderes a motivação necessária para aumentar o desempenho no trabalho e, consequentemente, atingir as metas propostas pela empresa.



Lembre-se

O termo **dinâmica da personalidade** refere-se aos mecanismos pelos quais a personalidade se expressa, enfocando muitas vezes as motivações que orientam o comportamento. Cloninger (1999) diz que a motivação fornece energia e orientação ao comportamento. O modo como pensamos é um determinante significativo das nossas escolhas e da nossa adaptação.

Resolução da situação-problema

Renato poderia propor uma discussão inicial com os líderes de setor para debater sobre como acontece o desenvolvimento da personalidade humana e quais são as teorias que tratam desse assunto, além de como a psicologia pode contribuir para o conhecimento sobre o que esperar de cada etapa do desenvolvimento da personalidade. É importante que ele diga aos seus clientes que nem sempre a psicologia se preocupou com essa importante área de estudo, mas que, a partir dos trabalhos de Allport, a teoria da personalidade adquiriu um caráter científico. Cabe, também, aplicar uma atividade para exemplificar como a dinâmica da personalidade está relacionada com a motivação para a ação. Exemplo: cada participante poderia escrever uma situação difícil que vivenciou na empresa. Depois, eles devem escrever quais são os pensamentos e as ações mais comuns diante de situações difíceis e desafiadoras. Ao final, cada um lê seu relato para os demais participantes e todos discutem quais são as influências da forma de pensar com a ação de resposta (comportamento) para a situação. Como o modo de pensar de cada um foi determinante na escolha para solução do problema?

Ao final, Renato conclui a atividade sem uma resposta fechada; diz apenas que essas reflexões serão importantes para que cada um possa pensar a respeito de si mesmo, suas tomadas de decisões e sua capacidade de se adaptar às novas e diversas situações. Tudo isso tem a ver com a ideia de dinâmica da personalidade.

Faça valer a pena

1. Qual das ciências descritas, a seguir, é responsável pelo estudo científico da personalidade humana?

- a) Teologia.
- b) Antropologia.
- c) Psicologia.
- d) Filosofia.
- e) Epistemologia.

2. _____ provocou uma revolução contra o trabalho de Wundt. Surgiu o movimento denominado behaviorismo, que se opunha ao foco de Wundt na experiência consciente. _____ era mais dedicado ao enfoque das ciências naturais e argumentava que, se a psicologia quisesse ser uma ciência, deveria se concentrar somente nos aspectos tangíveis da natureza humana.

Qual das alternativas, a seguir, completa melhor a frase?

Obs.: o mesmo nome completa as duas lacunas.

- a) John B. Watson.
- b) Sigmund Freud.
- c) Skinner.
- d) Carl Rogers.
- e) Allport.

3. Há mais de 70 anos, Gordon Allport (1937 apud CLONINGER, 1999) disse que personalidade é "a organização dinâmica e interna daqueles sistemas psicofísicos do indivíduo que determinam seu ajuste individual ao ambiente".

Esse conceito abrange o conhecimento de um conjunto de características psicofísicas humanas, tais como:

- a) Funções mentais inferiores e capacidades adaptativas.
- b) Capacidade de organização e relacionamentos interpessoais.
- c) Formas de relacionamentos interpessoais e habilidades motoras.
- d) Motivação para ação e atividades elétricas do cérebro.
- e) Consciência e perfil das atividades elétricas do cérebro.

Seção 1.2

Influências hereditárias e ambientais na formação da personalidade. A perspectiva dos traços

Diálogo aberto

Prezado aluno, finalizamos a primeira seção da Unidade 1, Introdução às teorias da personalidade, e agora iniciaremos a Seção 1.2, tratando do tema hereditariedade e a perspectiva dos traços de personalidade. Conhecer essa temática é importante para que você possa compreender as diversas influências que determinam a formação da personalidade. Isso é fundamental para a atividade profissional do psicólogo, pois, tendo desenvolvido o conhecimento específico sobre tais influências, você poderá compreender muitas questões que envolvem o comportamento humano (objeto de estudo da psicologia).

Vamos retomar o nosso contexto de aprendizagem a fim de deixar esse conteúdo mais próprio à sua realidade:

Fernanda se formou em psicologia há pouco tempo. Logo após conseguir sua identidade profissional, foi selecionada para trabalhar como coordenadora numa escola da rede privada de ensino que possui cursos desde a educação infantil até o ensino médio. Entre as responsabilidades de Fernanda, estão tarefas como: orientação psicopedagógica de pais e professores, elaboração de projetos relacionados à cidadania e à ética, orientação sobre desenvolvimento emocional na infância/adolescência, palestras (sobre temas diversos da psicologia), acompanhamento de crianças e adolescentes no âmbito comportamental e de aprendizagem.

Para dar continuidade aos trabalhos de Fernanda, a escola solicitou um projeto junto aos alunos do sétimo ano. O objetivo desse projeto é incentivá-los a estudar e conhecer as influências hereditárias e ambientais no desenvolvimento da personalidade humana. Acredita-se que esse conhecimento possa ajudá-los a ter um olhar mais reflexivo e aprofundado acerca do comportamento humano.

Fernanda precisa trabalhar os seguintes temas com seus alunos para ter sucesso no projeto: influência dos fatores hereditários e ambientais na formação da personalidade; teoria dos traços da individualidade, segundo Gordon Allport; teoria analítico-fatorial dos traços, segundo Raymond B. Cattell.

Vamos ajudá-la nessa tarefa?

Não pode faltar

Influência dos fatores hereditários na formação da personalidade



Reflita

O que determina a formação da personalidade de uma pessoa?

Você, alguma vez, já se questionou sobre os motivos de agir ou reagir de forma tão parecida com a de seus familiares? Podemos afirmar que isso se deve apenas ao fato de você ser parecido com eles ou será que existe uma explicação científica para tanto?

Os geneticistas do comportamento demonstram que a hereditariedade afeta uma gama notavelmente ampla de comportamentos. Segundo eles, além das características físicas, tais como cor de olhos, tipo sanguíneo, altura, magreza, obesidade, também são herdados os fenótipos para traços mais complexos, relacionados à saúde, à inteligência e à personalidade (PAPALIA; OLDS, 2006). Estudos mais recentes revelam que, além de todos esses fatores já mencionados, ainda existe a influência da hereditariedade no comportamento patológico dos indivíduos. Doenças como alcoolismo, transtornos de ansiedade, transtornos de personalidade, agressividade excessiva, transtornos alimentares, entre outras, podem estar relacionadas a fatores hereditários.

Para se chegar a tais conclusões, os geneticistas do comportamento pesquisaram crianças e adultos, relacionando comportamentos observáveis dos indivíduos com os comportamentos das famílias. Eles descobriram uma significativa influência genética sobre o temperamento da criança, incluindo dimensões de emoção, grau de sociabilidade, doenças etc.

Cabe destacar que existem dois tipos hereditariedade: específica e individual. A hereditariedade específica é responsável pela transmissão de agentes genéticos que determinam a herança de características comuns a uma determinada espécie, enquanto a hereditariedade individual designa o conjunto de agentes genéticos que atuam sobre características próprias do indivíduo que o tornam um ser diferente de todos os outros.

Para destacar essas diferenças, precisamos entender o termo temperamento. Refere-se a estilos coerentes de comportamentos que estão presentes desde a infância, presumivelmente devido a influências biológicas. Alguns teóricos (como BAKER; DANIEL, 1990, PLOMIN, 1986, apud HALL et al., 2000) enfatizam o caráter hereditário da personalidade, chegando a afirmar que a teoria da personalidade poderia ser integrada à biologia. Alguns estudiosos dessa área postulavam uma base fisiológica para as principais variáveis da personalidade, e essa linha de pesquisa continua atuante até hoje. Falaremos mais sobre isso na Seção 1.3.

Cattell pesquisou o papel da hereditariedade como fator determinante da personalidade e concluiu que alguns de seus aspectos são fortemente influenciados pela hereditariedade, embora outros não o sejam. As diferenças entre os sexos são atribuídas, basicamente, a influências biológicas por alguns teóricos (como Freud e Jung), mas outros (como Horney) as atribuem ao ambiente (HALL et al., 2000).

A maioria das teorias que iremos discutir nesta disciplina acentua, no entanto, que o ambiente e as experiências vividas desempenham um papel muito mais significativo do que a hereditariedade na formação da personalidade humana.

Cattell pesquisou o papel da hereditariedade como fator determinante da personalidade e concluiu que alguns de seus aspectos são fortemente influenciados pela hereditariedade, embora outros não o sejam. As diferenças de sexo são atribuídas, basicamente, a influências biológicas por alguns teóricos (como Freud e Jung), mas outros atribuem à experiência (como Horney). Ao longo das aulas, você perceberá que, embora a personalidade tenha fatores hereditários como determinantes, é a experiência no ambiente que a determina mais fortemente.

Influências ambientais e culturais na formação da personalidade

Uma concepção que afasta as pessoas do reconhecimento das contribuições da genética comportamental é a posição já ultrapassada do determinismo genético, combinada ao que é referido na literatura (RACHELS, 1991) como falácia naturalista. A palavra determinação é equivocada e deve ser substituída por expressões como tendências, propensões ou influências genéticas. O determinismo genético postula que certos aspectos de nossa personalidade e nosso comportamento seriam definidos por nossos genes, de modo inescapável. Essa posição está completamente ultrapassada, pois sabemos hoje que todo comportamento depende, em maior ou menor grau, de fatores genéticos e de fatores ambientais, interagindo de maneira extremamente complexa. Os genes definem tendências, mas são as experiências individuais que sempre as modulam.

Nesse sentido, a pergunta clássica “este comportamento é herdado ou adquirido pelo meio em que a pessoa vive?” perde completamente o sentido, dando lugar à difícil questão: “como é que os genes interagem com o ambiente na produção desse comportamento?”



Faça você mesmo

Não é raro observarmos que alguns comportamentos, como agressividade excessiva, boa ou má comunicação, ciúmes em excesso, têm uma origem biológica. Isso quer dizer que pessoas com essa herança genética possuem uma predisposição para desenvolverem tais atitudes e sentimentos, mas é certo que nem sempre isso acontece. Os exemplos

mais comuns desse tipo de situação são de irmãos que não convivem com a mesma família. Ambos possuem a mesma predisposição para determinados comportamentos, mas enquanto um é extremamente violento (por exemplo), o outro não revela esse mesmo tipo de comportamento. Concluímos, nesse exemplo, que a forma como os genes interagem com o ambiente irá influenciar na produção do comportamento.

Em suma, podemos dizer que os estudos mais recentes sobre as teorias da personalidade são unâimes ao afirmar que não existe apenas uma causa ou fator que determine a personalidade de alguém; ambos os fatores, hereditário e ambiental, influenciam no tipo de personalidade e comportamento da pessoa.



Pesquise mais

Para conhecer mais sobre as influências dos fatores hereditários e ambientais na constituição da personalidade, leia o artigo referenciado a seguir que traz exemplos muito interessantes sobre o estudo da personalidade em gêmeos:

BUSSAB, Vera Silvia Raad. Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: a adoção de uma perspectiva interacionista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 233-243, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2016.



Assimile

Historicamente, as teorias da personalidade centraram-se no indivíduo, deixando a sociedade de lado, produzindo, assim, um retrato incompleto da personalidade e impedindo as teorias de explicar adequadamente as diferenças sexuais e as diferenças étnicas e culturais. Embora ainda haja muito por fazer, as teorias da personalidade atuais consideram mais cuidadosamente as influências sociais sobre a personalidade (CLONINGER, 1999).

Teoria dos traços da individualidade, segundo Gordon Allport

Gordon Allport (1897-1967) nasceu em Montezuma, Indiana, EUA, sendo o caçula de quatro filhos. Seu pai tinha problemas relacionados com drogas e a mãe era uma devotada religiosa, bastante severa. Ainda criança, Allport se isolou de outras crianças fora da família, inventando o seu próprio círculo de atividades, pois não se dava bem

com seus irmãos. Esforçou-se para ser o centro das atenções com seus poucos amigos, pois sentia-se excluído e inferior aos outros. Na idade adulta, continuou a se sentir inferior em relação ao seu irmão mais velho, obteve Ph.D em psicologia e tornou-se um famoso profissional. Propôs a sua teoria da personalidade baseada no fato de que os ecologicamente saudáveis não são afetados por eventos da infância. Para afirmar sua individualidade, destacava que seus interesses eram independentes dos sentimentos na infância, formalizando a ideia com o conceito de autonomia funcional. Formou-se e se encontrou com Freud, mas esse encontro não foi benéfico para Allport, que passou a dar mais atenção ao consciente e às motivações visíveis (CLONINGER, 1999).

A seguir, estão os temas mais marcantes de sua teoria:

A PERSONALIDADE – Para Allport, a personalidade é uma organização dinâmica que, dentro do indivíduo, determina comportamentos e pensamentos característicos. Ela é dinâmica, mutável e organizada, composta de mente e corpo atuando juntos como uma unidade. Todas as facetas da personalidade ativam ou orientam comportamentos e ideais específicos, significando que tudo o que se pensa e faz é característico ou típico da pessoa, fazendo com que cada pessoa seja única.

HEREDITARIEDADE E AMBIENTE – Enfatizando a singularidade da personalidade, Allport afirma que a hereditariedade fornece a matéria-prima da personalidade, mas que são as condições ambientais que moldam os comportamentos e as ações. O autor alega a importância da genética como responsável pela maior parte da singularidade, mas afirma que é a interação com o ambiente social que constitui o comportamento da pessoa. Ele declara que existem duas personalidades: uma para a infância e outra para a idade adulta, sendo que a personalidade adulta não é limitada pelas experiências da infância. Allport procurou enfatizar o consciente (e não o inconsciente), o presente e o futuro (e não o passado), reconheceu a singularidade da personalidade e optou por estudar a personalidade normal.

TRAÇO DE PERSONALIDADE – São reais e existem em cada ser humano, não são constructos teóricos criados para explicar comportamentos. Os traçados determinam ou causam o comportamento, podem ser demonstrados empiricamente, são inter-relacionados e variam de acordo com a situação. Enfim, traços são características diferenciadas que regem o comportamento e são medidos num contínuo, estando sujeitos a influências sociais, ambientais e culturais. Esses traços podem ser individuais - que são peculiares da pessoa e definem o seu caráter - ou comuns - que são compartilhados por uma série de indivíduos, como os membros de uma cultura. Os traços compartilhados foram divididos em três tipos básicos: cardinais, centrais e secundários.

- Traços cardinais: característica única que orienta a maioria das atividades da pessoa, são os mais difundidos e poderosos. No geral, as pessoas não desenvolvem esse tipo de traços cardinais abrangentes; em vez disso, possuem um conjunto de traços centrais que constituem a base da personalidade. Como exemplos, temos a

honestidade e sociabilidade.

- Traços centrais: são características fundamentais da pessoa, como honestidade, sociabilidade. Habitualmente, são entre cinco e dez.
- Traços secundários: são características que influenciam o comportamento em menor grau, em menos situações, sendo menos centrais que os traços cardinais. Exemplo: gostar de praticar esportes radicais ou não gostar de arte moderna.

Mais recentemente, a identificação dos traços primários centrou-se numa técnica estatística designada de **análise fatorial**, que é um método que consiste em sintetizar as relações entre um grande número de variáveis num número menor e num padrão mais geral. Por exemplo, pode-se administrar um questionário a muitas pessoas, solicitando-lhes que se identifiquem com uma extensa lista de traços. Ao combinar estatisticamente as respostas e calcular quais os traços que estão associados a uma mesma pessoa, o investigador pode identificar um padrão fundamental ou combinação de traços – chamados fatores – que estão subjacentes às respostas dos participantes.



Assimile

A personalidade é a organização dinâmica, dentro do indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam (...) comportamento e pensamento característicos (ALLPORT, 1961, p. 28).

Alguns pontos importantes da teoria de Gordon Allport são:

- Diferenças individuais: os indivíduos diferem nos traços que predominam em sua personalidade. Alguns traços são comuns (compartilhados por várias pessoas); outros são únicos (pertencentes a uma só pessoa).
- Adaptação e ajustamento: a psicologia cometerá um engano se se concentrar em demasia na doença. Allport enunciou diversas características de uma personalidade saudável.
- Processos cognitivos: as afirmações que as pessoas fazem sobre elas mesmas podem, geralmente, ser tomadas ao pé da letra.
- Sociedade: a adaptação à sociedade é de importância fundamental. Allport deu relevantes contribuições para a nossa compreensão do preconceito, do boato e da religião.
- Influências biológicas: todo comportamento é influenciado até certo ponto pela hereditariedade; mas é fortemente influenciado pelo meio e pelas experiências vividas.
- Desenvolvimento da criança: o *proprium* (ego ou eu) desenvolve-se ao

longo de fases que são esboçadas.

- Desenvolvimento do adulto: consiste em integrar desenvolvimentos anteriores.

Teoria analítico-fatorial dos traços, segundo Raymond B. Cattell

A definição de personalidade formulada por Cattel (1950 apud CLONINGER, 1999, p. 56) sintetiza claramente toda a sua abordagem teórica e empírica: "Personalidade é aquilo que permite predizer o que uma pessoa fará numa dada situação". Essa definição é totalmente inespecífica quanto ao conteúdo da personalidade, mas está claramente comprometida com o processo científico da predição. Como podem ser feitas as predições? Para Cattel, inicialmente é necessário descrever as variáveis de predição em termos matemáticos, o que significa que a personalidade tem de ser medida com precisão. Para aprimorar a mensuração, Cattel usou extensamente da técnica estatística da análise fatorial, que é um instrumento de pesquisa tão importante para a psicologia quanto o microscópio é para a biologia.

Para ele, traços são unidades da personalidade com valor de predição. O autor definiu um traço como "aquilo que define o que uma pessoa fará ao deparar com uma situação definida". Diferentemente de Allport, Cattel não achava necessário definir os traços em termos psicofísicos. Para ele, os traços eram conceitos abstratos, ferramentas conceituais úteis para fins de predição, mas que não correspondiam, necessariamente, a qualquer realidade física específica. Ele acreditava, contudo, que os traços de personalidade não eram um fenômeno puramente estatístico. Embora seu método fosse mais correlacional do que experimental, a sofisticação dos estudos e os padrões que eles emergiam levaram-no a crer que "os traços existem como determinantes do comportamento" (CATTEL, 1979, p. 98 apud CLONINGER, 1999, p. 59).

A contribuição mais importante de Cattel para o estudo da personalidade é sua descrição sistemática da personalidade. No seu entender, essa descrição, uma taxonomia das diferenças individuais, é essencial, antes que qualquer investigação das causas da personalidade possa ser iniciada de forma sensata. As descrições requerem mensurações e, portanto, Cattel e seus colegas desenvolveram vários testes de personalidade.

Para avaliar diferenças de personalidade no conjunto da população, ele desenvolveu seu teste mais conhecido e mais utilizado, o Questionário de 16 Fatores da Personalidade (16PF); PF significa fatores da personalidade, termo largamente utilizado na sua teoria para se referir a traços importantes. O 16PF costuma ser usado tanto em populações clínicas como em sujeitos "normais". Além dos testes de personalidade, Cattel também desenvolveu vários testes de inteligência, como o Equicultural de inteligência, que visa medir a aptidão inata das pessoas para aprendizagem.

Tabela 1.1 | Teoria de Catell

Diferenças individuais	Os indivíduos são diferentes no que tange aos traços; nas personalidades normais, 16 traços dão conta da maioria das diferenças individuais.
Adaptação e ajustamento	Alguns transtornos de personalidade (como neurose e psicose) podem ser descritos como combinações de traços e mensurados por novos testes válidos (melhor do que por entrevistas clínicas); eles sofrem a influência da hereditariedade.
Processos cognitivos	As aptidões mentais podem ser mensuradas objetivamente; a inteligência livre de variáveis culturais pode ser mensurada.
Sociedade	Diferenças entre grupos e nações existem e podem ser medidas.
Influências biológicas	A hereditariedade afeta muitos traços de personalidade; Cattell criou uma estratégia estatística para analisar os efeitos da hereditariedade (MAVA).
Desenvolvimento da criança	Alguns traços são influenciados por experiências precoces vividas na infância.
Desenvolvimento do adulto	Alguns traços mudam na idade adulta.

Fonte: elaborada pela autora.



Pesquise mais

Este artigo explorou as correlações entre habilidades, interesses e traços de personalidade investigadas em um grupo de 60 adolescentes que frequentaram um programa de orientação profissional. Utilizaram-se Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5), o Levantamento de Interesses Profissionais (LIP) e o Questionário de Personalidade 16PF, 5ª edição:

PRIMI, Ricardo et al. Personalidade, interesses e habilidades: um estudo correlacional da BPR-5, LIP e do 16PF. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 61-72, jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712002000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2016.



Vocabulário

Taxonomia: significa classificação, categorização, separação por tipos.

Técnica estatística da análise fatorial: é um conjunto de técnicas estatísticas amplamente utilizadas nas pesquisas em psicologia. Durante sua execução, diversas decisões precisam ser tomadas a fim de se obter uma estrutura fatorial adequada.

Sem medo de errar

Para Fernanda elaborar o projeto envolvendo o tema personalidade para jovens do sétimo ano é necessário, em primeiro lugar, estruturar o projeto com os seguintes tópicos:

1. **Qual é o objetivo do projeto?** Desenvolver, junto aos alunos do sétimo ano, um projeto sobre personalidade que vise despertar o interesse pelo comportamento humano, relacionamentos interpessoais, diferenças culturais, cuidados com a saúde mental.
2. **Qual é a faixa etária atingida?** Jovens de 12 e 13 anos.
3. **Quais são as estratégias que serão utilizadas?**
 - Apresentação da temática em sala de aula para os alunos. Aqui, seria bom que Fernanda ressaltasse o quanto é importante esse projeto para a formação dos alunos.
 - Pesquisa prática realizada em grupos pelos alunos.
 - Exposição do material elaborado pelos alunos para outras turmas.
 - Roda de discussão e reflexão sobre o tema mediado pela psicóloga (Fernanda).
4. **Quais são as referências teóricas que serão utilizadas?** Teorias de Gordon Allport e de Raymond B. Cattel.
5. **Quais são os procedimentos adotados?** Os alunos deverão fazer uma busca na internet sobre o tema personalidade. Deverão coletar o máximo de informações que puderem e, depois, elaborar um texto (redação) com o seguinte título: "Por que as pessoas são tão parecidas e, ao mesmo tempo, tão diferentes?"



Atenção

Para elaborar a redação, os alunos precisarão estudar os conceitos de hereditariedade e meio ambiente na formação da personalidade.

Deverá ser pedido aos alunos que façam uma entrevista informal com pessoas conhecidas (amigos, pais, familiares, outros professores) sobre o tema personalidade. A entrevista pode começar com uma pergunta disparadora: "O que você entende por personalidade?". Em seguida, nova pergunta: "No que você se acha parecido com seus familiares?". Todas as respostas precisam ser anotadas e, depois, deve-se organizá-las por categorias, sendo uma categoria "similaridades físicas", e a outra, "similaridades psicológicas".

Os alunos deverão ser orientados a elaborar uma conclusão sobre o que eles aprenderam em relação à formação da personalidade. Aqui, é importante que eles desenvolvam a ideia de hereditariedade e meio ambiente na composição da personalidade, falem sobre o desenvolvimento da personalidade na infância e fase adulta e mencionem as formas de avaliação de personalidade, segundo os testes psicológicos. (Obs.: não é necessário saber quais testes psicológicos usar; apenas que existem testes que avaliam a personalidade humana).

Deve ser realizada a elaboração dos resultados da pesquisa e da redação num painel para exposição.

6. Quais são os resultados que se pretende alcançar? Desenvolvimento da consciência crítica em relação à personalidade humana e diferenças individuais entre as pessoas.

Avançando na prática

Personalidade em programa de treinamento e desenvolvimento organizacional

Descrição da situação-problema

Maria trabalha na área de recursos humanos de uma multinacional, cujos maiores problemas são as relações interpessoais. Na filial em que ela trabalha, existem funcionários de diversas nacionalidades e isso, muitas vezes, acaba dificultando o diálogo entre eles. Todas essas dificuldades de relacionamento resultam em problemas no clima organizacional. Maria, por ser psicóloga, foi selecionada para elaborar um programa de treinamento e desenvolvimento dentro da empresa, para tentar sanar questões como essa em alguns departamentos.

Como ela poderia utilizar as teorias de Allport e Cattell para elaborar um programa de treinamento e desenvolvimento a fim de ajudar os funcionários?

Resolução da situação-problema

Maria poderia elaborar uma vivência durante o programa de treinamento e desenvolvimento para tratar sobre as diferenças de comportamentos oriundas dos diversos tipos de personalidade. Para isso, ela pode propor que os participantes contem

sobre os costumes e comportamentos de seus pais, expressem aquilo que consideram muito diferente (ou inaceitável) por parte dos colegas, falem sobre comportamentos e atitudes que têm origem no âmbito familiar etc.

Depois disso, Maria pode falar um pouco sobre como esses relatos têm uma fundamentação na teoria da personalidade. É importante que ela explique sobre as diferenças e semelhanças que todos nós, humanos, temos. Seria importante ajudar os participantes a entenderem que as pessoas não se comportam de forma igual, porque, na verdade, são diferentes (em termos de personalidade), e que essas diferenças muitas vezes estão vinculadas a questões culturais.

Maria pode pedir que os próprios participantes ofereçam soluções criativas para amenizar as diferenças culturais dentro da empresa.

Uma solução para os problemas de relacionamento na empresa pode ser a implementação do “dia da cultura”. Pelo menos uma vez por mês, uma cultura será homenageada, e todos deverão participar dessa homenagem, sendo necessário, para isso, conhecer a cultura que é diferente da sua.

Faça valer a pena

1. Os geneticistas do comportamento demonstram que a hereditariedade afeta uma gama notavelmente ampla de comportamentos. Segundo eles, além das características físicas, tais como cor de olhos, tipo sanguíneo, altura, magreza, obesidade, também são herdados os fenótipos para traços mais complexos, relacionados à saúde, à inteligência e à personalidade (PAPALIA; OLDS, 2006). Estudos mais recentes revelam que, além de todos esses fatores já mencionados, ainda existe a influência da hereditariedade no comportamento patológico dos indivíduos. Doenças como alcoolismo, transtornos de ansiedade, transtornos de personalidade, agressividade excessiva, transtornos alimentares, entre outras, podem estar relacionadas a fatores hereditários.

Como os geneticistas do comportamento conseguiram chegar a tais conclusões? Assinale a alternativa correta.

- a) Pesquisaram crianças e adultos, relacionando comportamentos observáveis dos indivíduos com os comportamentos das famílias.
- b) Pesquisaram crianças e adultos, relacionando comportamentos não observáveis entre eles.
- c) Pesquisaram animais mais evoluídos, como os chimpanzés, a fim de realizar testes antes de pesquisarem em seres humanos.

- d) Pesquisaram comportamentos entre gêmeos idênticos.
- e) Pesquisaram a relação entre o comportamento de irmãos que não viviam na mesma família.

2. Para avaliar diferenças de personalidade no conjunto da população, Cattel desenvolveu seu teste mais conhecido e mais utilizado, o _____; PF significa fatores da personalidade, termo largamente utilizado na sua teoria para se referir a traços importantes.

Assinale a alternativa correta no que se refere ao nome do teste desenvolvido por Cattel.

- a) Questionário de 10 Fatores da Personalidade (10PF).
- b) Questionário de 11 Fatores da Personalidade (11PF).
- c) Questionário de 16 Fatores da Personalidade (16PF).
- d) Questionário de 12 Fatores da Personalidade (12PF).
- e) Questionário de 17 Fatores da Personalidade (17PF).

3. _____ propôs a sua teoria da personalidade baseada no fato de que os ecologicamente saudáveis não são afetados por eventos da infância. Para afirmar sua individualidade, declarava que seus interesses eram independentes dos sentimentos na infância, formalizando a ideia com o conceito de autonomia funcional.

A descrição anterior se refere a qual psicólogo estudioso da personalidade? Assinale a alternativa correta.

- a) Sigmund Freud.
- b) Jung.
- c) Cattel.
- d) Carl Rogers.
- e) Gordon Allport.

Seção 1.3

A perspectiva biológica/evolucionista

Diálogo aberto

Prezado aluno, terminamos a segunda seção da Unidade 1, Introdução às teorias da personalidade e, agora perspectiva biológica/evolucionista. A perspectiva biológica/ evolucionista. Conhecer essa temática é importante para que você possa compreender o desenvolvimento da personalidade, segundo uma perspectiva de cunho evolucionista. Essa abordagem propõe que a mente humana funciona por meio de mecanismos psicológicos evoluídos, que seriam características universais de nossa espécie, evocativas do ambiente ancestral no qual ela evoluiu. Esses mecanismos consistem em emoções, preferências e propensões selecionadas, porque ajudaram nossos ancestrais a sobreviver e reproduzir no passado.

Retomemos o nosso contexto de aprendizagem, a fim de deixar esse conteúdo mais próximo da sua realidade:

Fernanda se formou em psicologia há pouco tempo. Logo após conseguir sua identidade profissional, foi selecionada para trabalhar como coordenadora numa escola da rede privada de ensino que possui cursos desde a educação infantil até o ensino médio. Entre as responsabilidades de Fernanda, estão tarefas como: orientação psicopedagógica de pais e professores, elaboração de projetos relacionados à cidadania e à ética, orientação sobre desenvolvimento emocional na infância/ adolescência, palestras (sobre temas diversos da psicologia), acompanhamento de crianças e adolescentes no âmbito comportamental e de aprendizagem.

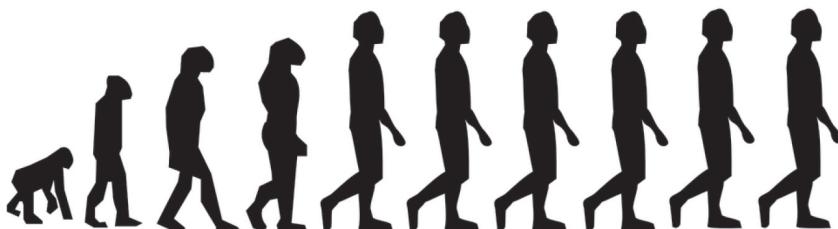
A terceira tarefa de Fernanda na escola é realizar outra palestra para professores, a fim de discutir sobre a visão evolucionista/biológica na formação da personalidade e ajudá-los a entender o comportamento infantil pelo viés evolucionista. Cabe destacar que a proposta da psicologia evolucionista é relativamente nova no Brasil, portanto, Fernanda encarárá o desafio de trazer o tema de forma didática e motivadora aos professores.

Vamos ajudá-la nessa tarefa?

Não pode faltar

O nascimento da psicologia evolucionista: história e definições conceituais

Figura 1.3 | Evolução do homem



Fonte: <https://pixabay.com/static/uploads/photo/2014/03/25/15/20/evolution-296584_960_720.png>. Acesso em: 17 out. 2016.

A teoria da evolução através da seleção natural deixou, recentemente, os domínios exclusivos da biologia e, atualmente, dá suporte a argumentos em áreas tão variadas quanto a psicologia, a economia, as ciências sociais e a filosofia. Não apenas o domínio das ciências foi invadido pelo que Rose (2000 apud YAMAMOTO; MOURA, 2010) chama de espectro de Darwin, mas também áreas de aplicação, como a agricultura, a medicina e áreas correlatas.

A psicologia evolutiva é uma área relativamente nova, tendo suas raízes na psicologia cognitiva e na biologia evolutiva. Foi influenciada pela ecologia comportamental, inteligência artificial, genética, antropologia, arqueologia, biologia e zoologia. A psicologia evolutiva é fortemente ligada à sociobiologia (veja definição em Vocabulário), mas há diferenças fundamentais entre elas, o que inclui a ênfase em mecanismos específicos de domínio, em vez de mecanismos gerais, a relevância de medidas de adaptabilidade e a preferência pela psicologia sobre o comportamento. Muitos psicólogos evolutivos, contudo, argumentam que a mente consiste tanto de mecanismos específicos quanto gerais. Muito do que antes era estudado apenas na sociobiologia, agora é estudado no campo da ecologia comportamental.

Quase 30 anos depois da proposta que uniu os pesquisadores evolucionistas sob a abordagem da sociobiologia humana, um subgrupo emergiu, com opiniões diferentes acerca das explicações sobre a origem do comportamento humano. Liderado por Leda Cosmides e John Tooby, esse grupo estava preocupado com a negligência aos mecanismos psicológicos por parte da sociobiologia e da ecologia comportamental. Autointitulou-se como psicólogos evolucionistas e propôs uma mudança na forma de explicar o comportamento humano. Com isso, passaram a utilizar, como nível de explicação, não mais o comportamento, e sim, as adaptações que permitem sua

expressão, ou seja, os complexos mecanismos psicológicos evoluídos (COSMIDES; TOOBY; BARKOW, 1992), baseados em Williams (1966).

Cabe destacar que a psicologia evolucionista possui, como marco fundador, a publicação do livro *A mente adaptada*, de Leda Cosmides, John Tooby e Jerome Barkow, publicado em 1992. A obra trata da perspectiva psicológica e evolucionista do comportamento humano e é, sem dúvida, um dos marcos na área (FREITAS; LAMAS, 2010).

Posteriormente, novas obras sobre a psicologia evolucionista foram publicadas, até mesmo no Brasil (falaremos mais sobre isso no próximo subtítulo). Entre as publicações, temos o dossiê de *Psicologia Evolucionista*, de Yamamoto e Moura (2010), que destacaram que esse novo movimento é um dos mais importantes desenvolvimentos na área das ciências do comportamento nos últimos 20 anos. Ressaltam, também, que essa abordagem propõe uma compreensão da mente com base nos mecanismos psicológicos evoluídos, que seriam características universais de nossa espécie, evocativas do ambiente ancestral onde a mente evoluiu. Esses mecanismos consistem em emoções, preferências e propensões selecionadas, porque ajudaram nossos ancestrais a sobreviver e reproduzir no passado, daí a importância de compreendê-los e estudá-los.



Refletá

Uma vez que o ambiente moderno mudou radicalmente em relação àquele que seria o berço das nossas adaptações, podemos dizer que os mecanismos psicológicos utilizados no passado ainda permanecem e que nossos comportamentos refletem essas adaptações passadas?

A psicologia evolucionista procura responder a essa e outras questões ligadas à capacidade humana de evolução e adaptação. Ela traz para a psicologia uma proposta de solução para uma questão que há muito vem sendo debatida, a da dicotomia entre natureza e criação, entre biologia e cultura. A resposta à aparente contradição entre diversidade e universalidade humanas surge com modelos que integram diversos níveis de explicação e consideram a complexidade cultural como um reflexo da complexidade biológica. Conforme Bussab e Ribeiro (1998), isso quer dizer que o homem é biologicamente cultural. Ou seja, separar a biologia da cultura não é natural na compreensão da espécie humana (YAMAMOTO; MOURA, 2010).

Martins (2012) traz uma definição bastante apropriada sobre a psicologia evolucionista (PE). Segundo a autora, a PE é a disciplina que abrange diversos modelos psicológicos explicativos, cujo objetivo comum é o de entender a natureza humana à luz da perspectiva evolucionista do neodarwinismo. Nesse sentido, antes de ser considerada uma área da psicologia, pode ser entendida como uma abordagem

epistemológica para a ciência psicológica - ou seja, uma metateoria (veja definição em Vocabulário).

Outra definição de psicologia evolucionista é dada por Barkow et al.:

 "A psicologia evolutiva constitui-se simplesmente na psicologia que leva em consideração os conhecimentos adicionais que a biologia da evolução tem a oferecer, na expectativa de que a compreensão do processo que moldou a mente humana impulsionará a descoberta de sua arquitetura" (BARKOW et al., 1992, p. 53).

É importante destacar, porém, que psicologia evolucionista não é a única perspectiva que tem por objetivo explicar a mente e o comportamento humano a partir das ideias de Darwin. Vertentes como a sociobiologia, a ecologia do comportamento humano e a teoria da dupla herança também se fundamentam na teoria da evolução (MARTINS, 2012). No entanto, o diferencial da PE diante das outras abordagens está na incorporação de uma noção de mente modular (veja significado em Vocabulário) como motor e alicerce para os comportamentos.



Assimile

A diferença entre a sociobiologia e a psicologia evolucionista é que, para a primeira, os comportamentos e sentimentos humanos são derivados da genética e de heranças hereditárias, já para a segunda, existe a influência genética, mas não podemos deixar de considerar a questão cultural.



Pesquise mais

Veja que interessante o site ScienceBlogs: Ciência, Cultura, Política (Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/marcoevolutivo/2008/02/01/dicas-de-livros-em-psicologia-evolucionista/>>). Acesso em: 18 out. 2016). Ele traz dicas valiosas sobre livros que abordam a temática da psicologia evolucionista. Os livros são comentados, além de classificados como nacionais e internacionais.

A psicologia evolucionista no Brasil

Apesar de suas raízes históricas, a psicologia evolucionista, como já mencionamos, é uma disciplina nova, tem pouco mais de 20 anos e ainda está se consolidando. No

Brasil, até agora há pouca produção científica sobre o tema e a maioria das pesquisas tem sido desenvolvida de forma mais consistente pelo grupo de pesquisadores do Instituto do Milênio em Psicologia Evolucionista, que iniciou em maio de 2004, no Estado do Espírito Santo, com o Simpósio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, a ANPEPP. Nessa condição, 11 pesquisadores de formações variadas (psicologia, biologia, medicina e sociologia) reuniram-se com o objetivo de discutir os fundamentos e os rumos desta área incipiente e amplamente desconhecida no Brasil, a psicologia evolucionista (YAMAMOTO; MOURA, 2010).

Esse grupo, formado por pesquisadores de instituições de todas as regiões do país, conseguiu, em 2005, a aprovação, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, de um projeto no Edital Instituto do Milênio para Redes de Pesquisa, "O moderno e o ancestral: a contribuição da psicologia evolucionista", para a compreensão dos padrões reprodutivos e de investimento parental humano, que envolvia 9 instituições e 16 pesquisadores de todo o país. A característica do grupo, com pesquisadores de muitas formações diferentes, marcou a abordagem multidisciplinar da PE realizada no Brasil, com fortes influências da área original de formação dos pesquisadores, a psicologia do desenvolvimento e a etologia. O principal objetivo dessa rede é investigar questões tradicionais da psicologia pela abordagem evolutiva. Os fundamentos teóricos dos estudos realizados por esse grupo e seus primeiros resultados estão descritos no livro *Psicologia evolucionista* (OTTA; YAMAMOTO, 2009). Os principais grupos representativos da PE no país localizam-se na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Universidade de São Paulo e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. As linhas de pesquisa prioritárias são: comportamento cooperativo, usando, como metodologia auxiliar, os modelos da teoria dos jogos e a percepção implícita; o comportamento reprodutivo, em especial, a escolha de parceiros, a depressão pós-parto, os estilos parentais e a ocorrência de maus-tratos a crianças; o comportamento alimentar, mais especialmente, a neofobia alimentar e a influência de fatores sociais (HATTORI; YAMAMOTO, 2012).

Comportamento e personalidade, segundo a psicologia evolucionista



Refletia

Partindo da ideia de que o nosso cérebro passou por um processo de evolução para que a espécie humana pudesse se adaptar às condições ambientais da pré-história, seria correto afirmarmos que nossos mecanismos psicológicos atuais refletem essas adaptações feitas há milênios?

Lopes e Vasconcellos (2008) apontam que, recentemente, uma área da psicologia evolucionista se voltou às análises do comportamento e das diferenças individuais da personalidade por meio das contribuições da moderna teoria da evolução. Essa teoria se debruça sobre uma base de proposições fundamentais, como a de que o

comportamento manifesto é dependente de mecanismos psicológicos subjacentes ou módulos mentais funcionais especializados no processamento de informações alojadas no cérebro. Tais mecanismos psicológicos evoluídos são funcionalmente especializados para resolver problemas adaptativos que os seres humanos recorreram ao longo do tempo evolutivo.



Exemplificando

Um exemplo de comportamento manifesto, consequente de mecanismos psicológicos especializados, foi o desenvolvimento da comunicação oral na espécie humana.

O entendimento está ancorado no chamado Princípio da Savana, que sustenta que os nossos cérebros evoluíram para ajudar os seres humanos a sobreviverem e a reproduzirem num ambiente específico, constituído por pequenos grupos nômadas (entre 20 e 30 elementos), na savana da África. Essa condição é chamada de **ambiente de adaptabilidade evolucionista (AAE)**. Dado que as condições modernas em que vivemos diferem brutalmente em vários aspectos críticos do AAE, alguns dos nossos mecanismos psicológicos inatos podem não ser os mais funcionais ou adequados ou necessitarem de mais tempo para se acostumarem ao novo ambiente adaptativo. Isso quer dizer que o homem evoluiu na época dos caçadores coletores e não na era dos computadores e das viagens espaciais. Além disso, o período em que o ser humano começou a abandonar as práticas de coleta e caça para gerar os alicerces da sociedade moderna representa apenas 1% de toda a história evolutiva. Muitas das adaptações ocorridas podem representar, na atualidade, dificuldades diante de um contexto que, embora não tenha evoluído com um objetivo final, alterou-se (VASCONCELLOS, 2005).

Isso significa que o comportamento humano tem sofrido mudanças e adaptações ao longo do tempo. Numerosas evidências empíricas derivadas da lógica evolucionista têm demonstrado a importância e a originalidade da contribuição que a psicologia evolucionista oferece para a compreensão do comportamento humano. Um exemplo disso foi uma série de pesquisas que investigou o medo em seres humanos (MINEKA; ÖHMAN, 2002). Esses estudos demonstraram que seres humanos e outros primatas possuem um intensificado medo de cobras e aranhas: os resultados indicaram que a presença desses animais em uma tarefa visual capturou automaticamente a atenção dos participantes, muito mais que objetos inofensivos; que seres humanos são mais rapidamente condicionados a ter medo de cobras do que de muitos outros estímulos. Mostrou, também, que o medo de cobras é difícil de extinguir e pode estar relacionado com circuitos neurais especializados, daí a dificuldade em minimizá-lo.

Podemos explicar tais medos se levarmos em consideração que cobras, aranhas, altura e estranhos foram perigosas ameaças para os primeiros seres humanos a viver nas savanas africanas. Coincidentemente ou não, esses quatro estímulos aparecem regularmente no topo das listas de fobias mais comuns nos homens do século XXI, em uma frequência muito superior a de ameaças atuais, que são muito mais perigosas e importantes para a sobrevivência, como carros e armas de fogo ou armas químicas (CONFER et al., 2010).



Exemplificando

Atualmente, é muito comum pessoas que deixam de realizar atividades, como viajar de avião, fazer camping ou frequentar lugares rurais, por terem fobias específicas, tais como ofidiofobia (medo de cobras) e aracnofobia (medo de aranhas).



Assimile

A psicologia evolucionista se debruça sobre uma base de proposições fundamentais, como a de que o comportamento manifesto é dependente de mecanismos psicológicos subjacentes ou módulos mentais funcionais especializados no processamento de informações alojadas no cérebro.

Ainda, no que se refere ao comportamento e à personalidade humana, sabemos que os recentes avanços em biologia evolutiva procuram esclarecer as diferenças individuais de personalidade. A aceitação da evolução como teoria para a psicologia tem motivado os psicólogos da personalidade a tratarem e conceituarem a personalidade dentro de um quadro evolutivo. Os filósofos da biologia (RUSE, 2009) ressaltam a positividade desses avanços, especialmente na área do comportamento social. A perspectiva darwiniana da natureza humana pode nos ajudar a uma explanação mais abrangente da mente e do comportamento humano, além de uma das facetas, como é o comportamento artístico, por exemplo, bem como de seus mecanismos psicológicos subjacentes tratados pela psicologia evolucionista. **No quadro evolutivo, as diferenças individuais de personalidade são, primeiramente, conceituadas como uma estratégia alternativa para a solução de recorrentes problemas adaptativos.** Buss (2009) diz que são comuns em todos os agrupamentos humanos problemas adaptativos envolvidos, por exemplo, em negociação de hierarquias de status, formação de alianças sociais, extração de recursos de outros e solução de conflitos com parentes. Portanto, a chave da discussão é: "Algumas diferenças individuais podem refletir diferenças nas estratégias individuais utilizadas para resolver esses problemas adaptativos" (BUSS, 2009, p. 364). Desse modo, as diferenças individuais enraizadas estarão refletidas no modo de negociação das estratégias adaptativas inscritas nas medidas de personalidade e comportamento interpessoal.



Pesquise mais

Leia a reportagem que a revista *Veja* fez com um dos grandes autores da psicologia evolucionista, Steven Pinker, da prestigiosa Universidade Harvard, sobre a relação entre comportamento, personalidade e DNA:

TEIXEIRA, Jerônimo. Os genes falam mais alto. **Revista Veja**. Disponível em: <<http://www.genismo.com/psicologiatexto44.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

Para finalizar a questão do comportamento humano, de acordo com uma perspectiva evolucionista, o que evoluiu foi a mente e não o comportamento, pois ele "... não é apenas emitido ou evocado e, também, não provém diretamente da cultura ou da sociedade. Ele emerge de uma luta interna entre módulos mentais com diferentes destinações e objetivos" (PINKER, 2004, p. 67 apud LOPES; VASCONCELLOS, 2008). E tal luta sofre interferência de diversos fatores, pois ocorre uma complexa interação entre (1) os genes, (2) a anatomia do cérebro, (3) o estado bioquímico do cérebro, (4) a educação que a pessoa recebeu na família, (5) o modo como a sociedade tratou esse indivíduo e (6) os estímulos que se impõem à pessoa. Desse modo, as raízes biológicas que a natureza humana expressa nos genes demonstram ser um significativo elo entre evolução e comportamento (LOPES; VASCONCELLOS, 2008).

A psicologia do desenvolvimento evolucionista (PDE)

As concepções contemporâneas sobre o desenvolvimento humano entendem que "é com o outro e por meio do outro que o indivíduo se constitui" (CARVALHO; PEDROSA, 2003, p. 31 apud HANSEN, 2007). Tais concepções trazem a noção de desenvolvimento como um processo que ocorre nas interações sociais e por meio delas. Segundo as autoras, essa concepção é a única compatível com a noção de ser humano como uma espécie biologicamente social, noção essa introduzida pela psicologia evolucionista.

O que isso significa? Que só é possível tornar-se humano num ambiente cultural, que é considerado o nicho originário da espécie humana. Um dos pressupostos da PDE é que a herança biológica e a cultura na qual o indivíduo está inserido são componentes de um mesmo processo de desenvolvimento. Quando a criança nasce, ela traz consigo um pouco de nossa história evolucionária. Dessa forma, herda certos aspectos estruturais de nosso desenvolvimento que foram selecionados ao longo de milhares de anos e que passam de geração em geração por meio da herança genética (HANSEN, 2007).

Quando se fala em herança biológica, portanto, fala-se na repercussão de nosso passado evolucionista sobre o desenvolvimento inicial do ser humano, por meio da

ação genética. Nesse sentido, a PDE introduz novas variáveis que contribuem para uma melhor e mais abrangente compreensão do processo de desenvolvimento, sem negar a influência dos aspectos sociais e antropológicos. Segundo Hansen (2007), a análise do desenvolvimento permite, dessa forma, entender a interação entre tais predisposições biológicas e as informações ambientais. A autora, com isso, rejeita o determinismo biológico e destaca a ideia de relações transacionais entre o organismo e o ambiente. Isso quer dizer que, apesar de as adaptações envolverem algum grau de controle genético (geralmente vários genes), pois são passadas de uma geração à outra, a história ontogenética de cada um tem papel importante na emergência e na ativação dessas adaptações.

O principal objetivo da PDE é fornecer um modelo explicativo sobre como os mecanismos de desenvolvimento psicológico expressam-se nos fenótipos dos indivíduos, enfatizando o papel da seleção natural, não somente na fase adulta, mas em todas as fases do ciclo de vida.

Nesse sentido, segundo Charlesworth (1992 apud HANSEN, 2007), pode-se dizer que existem duas matrizes conceituais que têm contribuições para a psicologia do desenvolvimento e que estão relacionadas à perspectiva evolucionista. A primeira seria a noção de características típicas da espécie (universais), comportamentos ou motivações, que usualmente aparecem em diferentes contextos culturais e históricos e que estão associados com a sobrevivência e a perpetuação da espécie. Já a segunda contribuição refere-se às diferenças individuais relacionadas a aspectos do ambiente físico e social (mortalidade infantil, abuso, negligência, desnutrição, qualidade no cuidado e na educação infantil etc.) que, segundo a autora, devem ser analisados no sentido de investigar quais fatores ecológicos, econômicos e culturais os modulam.

Por fim, vale destacar que, ao investigar a influência da história evolucionária da espécie humana no desenvolvimento ontogenético atual, a PDE utiliza conhecimentos da psicologia comparativa, bem como da etologia (estudo do comportamento animal). Isso porque considera que existe uma continuidade filogenética (de evolução) entre o ser humano e outros animais, buscando ter uma visão mais abrangente da nossa espécie e ter uma melhor compreensão do que é ser humano. O brincar, segundo a perspectiva adotada, pode ser pensado como um comportamento adaptado e adaptativo da espécie. Adaptado, porque, visto de um tempo longo, é comum a todos os membros da espécie; já, se visto de um tempo curto, é adaptativo, porque se todos da espécie brincam, varia como, onde, com o quê e com quem brincam (HANSEN, 2007).



Vocabulário

Desenvolvimento ontogenético: corresponde ao conjunto de transformações que ocorrem em um organismo, desde que se forma o zigoto, passando por todas as fases embrionárias, até que se completa a sua formação. Ou seja, é o desenvolvimento inicial do ser humano.

Mente modular: a teoria modular da mente desenvolve o pensamento de que a mente não é um sistema unitário e, com essa concepção, conclui-se que o ser humano precisa de várias ferramentas cognitivas em seu cotidiano, considerando que, para que o sujeito aprenda, é preciso a integração de três aspectos: o afetivo, o motivacional e o cognitivo.

Metateoria: pode ser definida como área do conhecimento que teoriza sobre a própria teoria de uma dada ciência. Pode ser considerada como o equivalente à epistemologia. A teoria cria postulados e princípios para uma determinada área do conhecimento. A metateoria analisa e discute esses postulados (FERREIRA, 2010).

Sociobiologia: é um ramo da biologia que estuda o comportamento social dos animais. Essa disciplina científica propõe que comportamentos e sentimentos animais, também existentes nos seres humanos, como o altruísmo e a agressividade, são, em parte, derivados da genética e não são apenas culturais ou socialmente adquiridos.

Sem medo de errar

Vamos ajudar Fernanda a elaborar uma palestra sensacional para os professores da escola.

Lembre-se de que a ideia é discutir sobre a visão evolucionista/biológica na formação da personalidade e ajudar os professores a entenderem o comportamento infantil pelo viés evolucionista.

Para iniciar sua palestra, Fernanda poderia, por exemplo, perguntar ao grupo de professores quem conhece as histórias e os “personagens” da própria família. Poderia, também, pedir que os ouvintes fizessem aproximações entre os próprios comportamentos manifestos e aqueles que eles estavam listando em relação à família.

Depois disso, a palestra deve chamar a atenção dos professores com o título: “Como compreender o comportamento infantil através da psicologia evolucionista”.

Provavelmente, a maioria dos profissionais presentes nunca ouviu falar sobre

psicologia evolucionista, afinal, como já dissemos anteriormente, esse é um tema novo no Brasil, por isso, seria interessante que Fernanda elaborasse alguns slides com os seguintes tópicos:

1. O que é a psicologia evolucionista?

É uma área relativamente nova, tendo suas raízes na psicologia cognitiva e na biologia evolutiva. Foi influenciada pela ecologia comportamental, inteligência artificial, genética, antropologia, arqueologia, biologia e zoologia.

2. Qual é o seu objetivo?

Explicar e divulgar pesquisas sobre o comportamento humano, a partir do olhar da teoria da evolução (diversos autores).

3. Como a psicologia evolucionista se desenvolveu no Brasil?

Os iniciadores foram profissionais de diversas áreas, que se reuniram e formaram um grupo de estudos, intitulado Instituto Milênio, e vem desenvolvendo pesquisas na área da psicologia evolucionista no Brasil desde 1994.

Esses tópicos são importantes para apresentar o assunto e estimular a curiosidade dos ouvintes.

Logo em seguida, Fernanda pode falar sobre como a psicologia evolucionista comprehende o comportamento humano. Aqui, cabem alguns slides sobre como a psicologia evolucionista entende a formação e o desenvolvimento da personalidade.

Para a psicologia evolucionista, a personalidade vem carregada de informações genéticas dos nossos ancestrais. Isso quer dizer que a criança já nasce com algumas predisposições a agir da maneira X, Y ou Z, e isso tem a ver com dois tipos de informações que carregamos:

1. Adaptações gerais pelas quais o ser humano passou ao longo da existência da humanidade.
2. Adaptações específicas vindas dos ancestrais mais próximos da família biológica.

Cabe destacar, também, que alguns autores consideram, além desses dois tipos de informações, a questão das influências culturais que a criança recebe.

Nesse ponto, seria interessante que Fernanda destacasse e abordasse mais a fundo o Princípio de Savana (veja mais detalhes em Não pode faltar) e relacionasse com algumas fobias comuns na infância, como o medo de cobras, aranhas e altura. É importante ressaltar para os professores que o trabalho com tais fobias envolve a

participação de uma equipe multidisciplinar (neurologistas, psicólogos e professores), a fim de avaliar a particularidade do caso e propor tratamentos que levem em conta a questão das informações genéticas.

Após, Fernanda poderia abrir a palestra para que os professores fizessem perguntas com base nas situações reais vivenciadas na escola. A linha de raciocínio de Fernanda (sob a psicologia evolucionista) seria sempre a seguinte:

- Queixa sobre o comportamento da criança:
 - Anamnese (história de vida).
 - Conhecimento sobre o comportamento humano geral (resultado de processos de adaptações) e conhecimento sobre a história dos antepassados da criança.
 - Fatores culturais envolvidos.
 - Doenças ou transtornos de ordem biológica.
- Encaminhamento para equipe multidisciplinar:
 - Avaliação multidisciplinar.
 - Diagnóstico.
 - Proposta de tratamento.

Ao final da palestra, Fernanda poderia abrir a discussão sobre os rumos da psicologia evolucionista, incentivando os professores a pesquisarem mais sobre o assunto.



Atenção

Não se esqueça de que, para a psicologia evolucionista, existe uma grande influência dos fatores genéticos/hereditários no comportamento humano. Portanto, não podemos deixar de lado a história da família e nem a nossa história enquanto seres humanos adaptados no mundo para compreender o comportamento da criança.

Avançando na prática

Atuando como psicólogo evolucionista em uma equipe multidisciplinar

Descrição da situação-problema

Bruno é psicólogo evolucionista e faz parte de uma equipe multidisciplinar que

trabalha, especificamente, com queixas relacionadas a fobias. Essa equipe costuma fazer reuniões semanais para discutir os casos recebidos e decidir a melhor conduta.

Ele levou para uma dessas reuniões o caso de Maria, cuja queixa é um medo avassalador de altura, que a impede de realizar viagem de avião e prejudica sua vida pessoal e profissional (é uma executiva de empresa multinacional).

Maria revelou que esse medo a acompanha desde criança e que sua bisavó (de origem europeia) também sofria do mesmo mal.

Bruno pede ajuda da equipe, que é formada por:

- 1 médico neurologista.
- 1 médico psiquiatra.
- 1 psicólogo.

Resolução da situação-problema

Bruno solicita aos médicos neurologista e psiquiatra que façam uma avaliação completa na paciente, até mesmo com exames de imagens para descartar (ou não) problemas de ordem biológica. Todos da equipe concordam com a conduta e solicitam uma anamnese completa da história de vida da paciente. Nessa anamnese, serão feitas perguntas sobre a árvore genealógica da família biológica de Maria. O profissional mais preparado para isso é Bruno. Além da anamnese, ele também irá realizar uma avaliação, utilizando instrumento de avaliação psicológica para mensurar alguns aspectos da personalidade de Maria (medo, ansiedade, resiliência, atenção etc.).

Depois de concluídos todos os exames e as avaliações necessárias, a equipe voltará a se reunir para decidir qual conduta tomar em relação ao caso. Algumas possibilidades: acompanhamento psiquiátrico com medicamento, acompanhamento psicológico sem medicamento, acompanhamento psicológico e psiquiátrico com médico.

Faça valer a pena

1. A psicologia evolutiva é uma ciência relativamente nova que surgiu a partir da teoria da evolução. Foi influenciada por diversas ciências, tais como biologia e antropologia.

Assinale a alternativa que mostra as raízes nas quais a psicologia evolutiva nasceu.

- a) Psicologia cognitiva e biologia molecular.
- b) Psicologia humanista e biologia genética.

- c) Psicologia behaviorista e biologia celular.
- d) Psicologia cognitiva e biologia evolutiva.
- e) Psicanálise e biologia molecular.

2. A psicologia evolucionista não é a única perspectiva que tem por objetivo explicar a mente e o comportamento humano com base nas ideias de Darwin. Vertentes como a sociobiologia, a ecologia do comportamento humano e a teoria da dupla herança também se fundamentam na teoria da evolução.

Explique a diferença entre a psicologia evolucionista (PE) e as outras abordagens que estudam a evolução humana.

- a) A PE se baseia no determinismo genético para explicar o comportamento humano, o que não acontece nas demais abordagens.
- b) A PE está baseada na noção de mente modular, como motor e alicerce para os comportamentos humanos.
- c) A PE se baseia na visão culturalista para explicar o comportamento humano, enquanto as demais abordagens se baseiam no determinismo genético.
- d) A PE está baseada no Princípio de Savana, o que não acontece com as demais abordagens.
- e) A PE parte do princípio de que a mente é uma estrutura rasa e limpa e que a cultura irá preencher essas lacunas ao longo da vida.

3. Recentemente, uma área da psicologia evolucionista se voltou às análises do comportamento e das diferenças individuais da personalidade por meio das contribuições da moderna teoria da evolução. Essa teoria se debruça sobre uma base de proposições fundamentais, como a de que o comportamento manifesto é dependente de mecanismos psicológicos subjacentes ou módulos mentais funcionais especializados no processamento de informações alojadas no cérebro. Tais mecanismos psicológicos evoluídos são, funcionalmente, especializados para resolver problemas adaptativos que os seres humanos recorreram ao longo do tempo evolutivo.

Assinale a alternativa que representa o princípio utilizado para se referir a essas adaptações ao longo do tempo.

- a) Princípio de Savana.
- b) Princípio de Sávia.

- c) Princípio de Escamoto.
- d) Princípio de Evolução.
- e) Princípio de Genoma.

Referências

- ALLPORT, G. **Personality:** a psychological interpretation. New York: Henry Holt and Company, 1937.
- _____. **Pattern and growth in personality.** New York: Holt, Rinehart & Winston, 1961.
- BARKOW, J. H.; COSMIDES, L.; TOOBY, J. (Eds.). **The adapted mind.** New York: Oxford University Press, 1992.
- BUSS, D. M. How can evolutionary psychology successfully explain personality and individual differences? **Perspectives on Psychological Science**, v. 4, n. 4, p. 359-366, 2009.
- BUSSAB, Vera Silvia Raad. Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: a adoção de uma perspectiva interacionista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 233-243, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2016.
- CLONINGER, S. C. **Teorias da personalidade.** 1. ed. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CONFER, J. C. et al. Evolutionary psychology: controversies, questions, prospects, and limitations. **American Psychologist**, v. 65, n. 2, p. 110-126, 2010.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário da língua portuguesa.** 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222p.
- FREITAS, M. de F. R. L. de; LAMAS, K. C. A. Psicologia evolucionista. **Psicologia em Pesquisa**, v. 2, n. 4, p. 165-168, 2010.
- HALL, Calvin S. et al. **Teorias da personalidade.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HANSEN, J. et al. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da psicologia evolucionista. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 133-143, ago. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2016.
- HATTORI, W. T.; YAMAMOTO, M. E. Evolução do comportamento humano: psicologia evolucionista. **Estud. Biol.**, Ambiente Divers., v. 34, n. 83, p. 101-112, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/323891352/Evolucao-Do-Comportamento-Humano-Psicologia-Evolucionista-PDF-Download--Available>>. Acesso em: 18 out. 2016.

- LOPES, R. G.; VASCONCELLOS, S. Implicações da teoria da evolução para a psicologia: a perspectiva da psicologia evolucionista. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 123-130, jan./mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000100012>. Acesso em: 18 out. 2016.
- MARTINS, G. D. F. et al. Psicologia evolucionista: uma perspectiva em expansão. **Temas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 509-520, 2012. Disponível em: <http://www.temasempsicologia.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=16>. Acesso em: 18 out. 2016.
- MINEKA, S.; ÖHMAN, A. Phobias and preparedness: The selective, automatic, and encapsulated nature of fear. **Society of Biological Psychiatry**, v. 52, p. 927-937, 2002.
- OTTA, E.; YAMAMOTO, M. E. (Eds.). **Psicologia evolucionista**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PRIMI, Ricardo et al. Personalidade, interesses e habilidades: um estudo correlacional da BPR-5, LIP e do 16PF. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 61-72, jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712002000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2016.
- RACHELS, J. **Created from animals**: the moral implications of Darwinism New York: Oxford University Press, 1991.
- RUSE, M. Introduction. In: RUSE, Michael (Ed.). **Philosophy after Darwin**: classic and contemporary readings. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. 2. ed. Trad. All Tasks. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- TEIXEIRA, J. Os genes falam mais alto. **Revista Veja**. Disponível em: <<http://www.genismo.com/psicologiatexto44.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2016.
- VASCONCELLOS, S. J. L. **A mente entreaberta**: reflexões sobre o que a psicologia científica anda pensando sobre o nosso pensar. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.
- WILLIAMS, G. C. **Adaptation and natural selection**. Princeton: Princeton University Press, 1966.
- YAMAMOTO, M. E.; MOURA, M. L. S. A psicologia evolucionista no Brasil: dossiê psicologia evolucionista. **Estud. Psicol.** Natal, v. 15, n. 1, 2010.

Teorias da personalidade de base analítico-comportamental e teorias da personalidade de base existencial/humanista

Convite ao estudo

Olá, futuro psicólogo! Começaremos a Unidade 2 da disciplina Teorias da Personalidade. Iremos discutir a visão de homem do behaviorismo radical, proposta por B. F. Skinner, para compreender que, para essa abordagem, a explicação do comportamento humano não supõe uma busca das causas em variáveis internas ou estruturais, tal como se descreve nas noções de personalidade conceituadas por outras linhas teóricas da psicologia. Além do behaviorismo, também iremos nos aprofundar na compreensão de personalidade segundo as teorias de base existencial/humanista, tais como a abordagem centrada no cliente, a gestalt-terapia e a teoria das necessidades de Maslow.

Assim como fizemos na Unidade 1, vamos pensar de forma prática e objetiva como tudo isso acontece na vida profissional de um psicólogo. Para tanto, iremos adotar uma nova situação fictícia.

Nosso contexto de aprendizagem envolve as personagens Marcela, Flavia e Joana - são psicólogas e atuam na área clínica. As três foram convidadas para participarem de um renomado congresso profissional cujo tema é: "Explorando as teorias da personalidade na psicologia". Elas irão apresentar uma pesquisa bibliográfica em formato de pôster sobre o tema teorias da personalidade, mas cada uma irá desenvolver a sua pesquisa com base em um referencial teórico diferente. Marcela tem 10 anos de experiência clínica e trabalha com base no referencial teórico da psicologia cognitivo-comportamental, Joana tem 8 anos de experiência e trabalha a partir do behaviorismo radical, já Flávia tem o mesmo

tempo de experiência, mas seu trabalho se baseia na gestalt-terapia (existencial/humanista). Imagine que você irá ajudar Marcela, Joana e Flavia a prepararem o material da pesquisa bibliográfica e montar um pôster para apresentação no congresso. Quais são os assuntos e os conceitos de destaque que não podem faltar no pôster de cada uma?

Na Seção 2.1, Joana precisa preparar um pôster para discutir a formação da personalidade a partir do behaviorismo radical. Na Seção 2.2, Marcela precisa preparar um pôster para discutir a personalidade baseado na psicologia cognitivo-comportamental e, na Seção 2.3, Flavia precisa preparar um pôster para discutir a personalidade com base na gestalt-terapia (existencial/humanista).

Vamos ajudá-las?

Seção 2.1

O behaviorismo e a formação da personalidade

Diálogo aberto

A situação-problema desta primeira seção, baseada no contexto de aprendizagem já apresentado, vai propor a você que ajude Joana a preparar seu pôster. Ela precisa de um material ilustrativo, didático e relevante para apresentar no congresso, afinal esse será um dos eventos mais importantes da área na sua cidade esse ano. O tema a ser desenvolvido por Joana no pôster deve fazer relações entre a análise do comportamento e a teoria da personalidade.

Ela irá apresentar um estudo de caso no qual estejam claras a concepção analítico-comportamental e a ideia de personalidade.

CASO:

Pedro tem 10 anos e foi levado ao consultório de Joana pelos pais, que relataram que a criança tem atitudes e comportamento completamente diferentes na escola e em casa. Na escola, costuma seguir as regras e não apresenta problemas de indisciplina, tem excelentes notas e bom relacionamento com os colegas. Já em casa, não segue as normas, desafia os pais, bate constantemente no irmão mais novo e se recusa a fazer os deveres escolares. Seus pais se mostram angustiados e sem saber como lidar com o filho. Dizem que Pedro deve ter dupla personalidade por se comportar de formas tão distintas em casa e na escola.

O pôster de Joana deve seguir a seguinte formação:

- Padrão ABNT (90 cm x 120 cm), orientação retrato (vertical).
- Conteúdo: fundamentação teórica, descrição do caso, análise do caso.

Não pode faltar

É necessário deixar claro que o behaviorismo radical é um tipo de filosofia e não uma abordagem da psicologia. Segundo Skinner (1982, p. 7), "o behaviorismo não é a ciência do comportamento humano, mas, sim, a filosofia dessa ciência".

Para entender a atuação do analista do comportamento nos mais diversos contextos, é necessário discutir a proposta behaviorista e as ideias de Skinner em relação ao modelo de seleção pelas consequências, que explica por que as pessoas se comportam cada qual à sua maneira com base nas influências ambientais.



Assimile

O BEHAVIORISMO RADICAL não é uma abordagem psicológica. É uma concepção filosófica que fornece as bases epistemológicas para a ciência do comportamento. A abordagem psicológica com base na filosofia do behaviorismo radical é a análise do comportamento.

Burrhus Frederic Skinner nasceu no estado da Pensilvânia, em 1904, graduou-se em literatura inglesa e línguas românicas, em 1926, e decidiu cursar pós-graduação no programa de psicologia experimental na Universidade de Harvard, em 1928.

Após abandonar a ideia inicial de seguir carreira de escritor, entrou em contato com os estudos de Ivan Pavlov e com o manifesto behaviorista escrito por John Watson, que tinha como objetivo tornar a psicologia uma disciplina passível de estudo científico, no modelo das ciências naturais.

Baum (1999) descreve que Watson desenvolveu uma ciência que desqualificava a introspecção como método científico por ser pouco confiável e vulnerável a distorções pessoais. O behaviorismo nasce, portanto, com o objetivo de tornar o comportamento um objeto de estudo da psicologia. O comportamento não é mais considerado o indício de algo interno, como sintoma do funcionamento mental ou de uma vida psíquica.

Essa primeira versão do behaviorismo proposto por Watson foi chamada de behaviorismo metodológico e sua proposta era estudar os eventos ambientais (estímulos) e as respostas observáveis do organismo. Apenas o que era observável fazia parte dos estudos dessa ciência para que os critérios de científicidade fossem atendidos: podia se estabelecer um critério de verdade científica, já que a ocorrência do comportamento poderia ocorrer pela concordância de dois ou mais observadores (observação consensual), além de esses comportamentos serem passíveis de mensuração objetiva e livres de vieses subjetivos.

A proposta de Watson vem para questionar o método de estudo de Wundt, fundador do primeiro laboratório de psicologia, e alguns de seus seguidores da escola alemã. Nos experimentos realizados por Wundt e Titchener, por exemplo, o sujeito deveria relatar experiências sensoriais por meio da introspecção. Esse método consistia em treinar observadores para descrever suas experiências perceptivas ao serem expostos a estímulos visuais, auditivos e tátteis.

Por que a introspecção é um método rejeitado pelo behaviorismo metodológico? Além do fato de que o relato e a percepção do que é sentido podem sofrer distorções, o que é sentido é acessível a apenas um observador (aquele que sente) e não pode ser validado cientificamente por não poder haver concordância com um segundo observador sobre a ocorrência desse estado interno.

Quando Skinner começa seus estudos sobre o comportamento humano, ele recebe influência das ideias de Watson, porém algumas diferenças importantes surgem ao longo da sua obra. Uma delas se refere à definição do que é comportamento e quais comportamentos podem ser objeto dessa ciência ancorada nos princípios filosóficos do behaviorismo radical.

Para o behaviorismo radical, comportamento é tudo o que um organismo faz, não importando o local onde esses comportamentos ocorrem. Ou seja, o comportamento pode ser público e acessível a um ou mais observadores, mas pode ser, também, privado ou interno, como é o caso dos pensamentos e sentimentos.



Reflita

Muito se ouve sobre a análise do comportamento: "é uma abordagem muito fria"; "é superficial". Agora, você está vendo que vários preconceitos sobre essa teoria surgem a partir da noção ainda arraigada ao behaviorismo metodológico. Skinner escreveu inúmeros textos onde discute o comportamento humano como algo extremamente complexo e determinado por variáveis igualmente complexas.

Para entendermos o porquê, não precisamos falar de personalidade como descrição do modo de ser e se comportar de alguém. É importante entender a proposta filosófica do behaviorismo radical.

Um dos grandes princípios filosóficos da proposta skinneriana se refere à rejeição ao mentalismo. O behaviorismo nega explicações que postulam o comportamento como resultado de processos internos, sejam eles mentais, cognitivos ou espirituais.

Frequentemente, ouvimos frases do tipo:

“Maria não consegue promoção na empresa, pois é muito insegura”.

“Paulo não consegue romper com as regras sociais, devido à sua personalidade extremamente obsessiva”.

“João não consegue sair de um casamento infeliz, por ter uma autoestima muito baixa”.

Todas essas frases descrevem indivíduos que encontram obstáculos profissionais, sociais ou afetivos causados por características de personalidade. Esse é o tipo de recurso explicativo rejeitado pela proposta do behaviorismo radical.



Pesquise mais

Para aprofundar seus conhecimentos sobre as diferenças entre o behaviorismo metodológico e o behaviorismo radical, leia o texto de Matos (1995), que discute a proposta skinneriana e sua rejeição ao mentalismo:

MATOS, Maria Amélia. **O behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical.** 1995. Disponível em: <<http://www.itcrcampinas.com.br/txt/behaviorismometodologico.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2016.

Aquilo que somos, a maneira como nos comportamos diante das situações da vida, o jeito que enfrentamos as dificuldades, os sentimentos que nós vivenciamos são parte daquilo que compõe a nossa subjetividade. Assim, vamos entender o que é subjetividade a partir de uma perspectiva analítico-comportamental com base na filosofia do behaviorismo radical.

No decorrer da sua obra, Skinner desenvolveu um modelo explicativo pautado na biologia, especificamente no modelo fornecido pela teoria da evolução por seleção natural de Darwin, para explicar a aquisição e a manutenção do comportamento no repertório de cada indivíduo.

Darwin, em sua teoria, afirma que as espécies que temos hoje são resultado de um longo processo de variação e seleção. Sobreviveram os membros que foram mais aptos a se adaptar às mudanças e aos desafios do meio (na busca por alimento, ao se defender dos predadores, por exemplo). Esses membros se adaptaram, sobreviveram, se reproduziram e, com maior probabilidade, passaram seus caracteres genéticos aos seus descendentes.

Assim como caracteres da espécie foram selecionados a partir do processo de seleção natural, Skinner entende que nossos repertórios comportamentais também são selecionados por meio do comportamento operante. Ao longo da nossa história de vida, comportamentos que produzem consequências reforçadoras têm maior chance de se repetir em condições semelhantes no futuro.



Exemplificando

O comportamento operante é definido como um tipo de comportamento que produz alterações no ambiente e que é, ao mesmo tempo, afetado por essas consequências. Um exemplo experimental é quando um rato (privado de água) pressiona uma barra e recebe água. A água é a alteração ambiental produzida pelo comportamento de pressão à barra e é, ao mesmo tempo, a consequência que vai aumentar a probabilidade futura de o animal emitir a mesma resposta (o comportamento de pressionar a barra) em condições semelhantes.

Todos os comportamentos que observamos ocorrer com frequência (exceto no caso do comportamento respondente) foram selecionados, pois produziram consequências reforçadoras. Uma criança birrenta não nasceu com “gênio forte” e não tem uma personalidade irritadiça. Muito provavelmente seus comportamentos de birra produziram algum tipo de atenção social. Assim, o que nos parece uma característica de personalidade pode ser só o resultado de uma longa história de reforçamento para um tipo de padrão comportamental.

Micheletto (1997) afirma que as determinações do comportamento não são todas diretamente observáveis. Os determinantes do comportamento devem ser buscados nas variáveis ambientais, porém tais variáveis não são identificadas apenas no contexto de vida atual do sujeito. A determinação do nosso comportamento é multideterminada e deve ser buscada na nossa história como espécie, nas contingências que operam na nossa história individual e no ambiente social.

Em outras palavras, a nossa subjetividade é constituída pela interação dos três níveis de seleção:

- Filogênese: envolve as contingências de seleção natural onde as características dos membros de uma espécie são passadas por meio da herança genética e vão ser necessárias para que esses indivíduos sobrevivam às (novas) condições ambientais. O nível filogenético vai explicar padrões comportamentais inatos – reflexos incondicionados – onde todos os membros de uma mesma espécie respondem a certos estímulos da mesma forma (por exemplo, salivar diante

do alimento na boca), pois tal repertório foi importante para a sobrevivência do grupo.

- Ontogênese: esse segundo nível de seleção corresponde ao âmbito do condicionamento operante e dos reflexos condicionados. Nossos repertórios individuais são selecionados pelas consequências que produzimos. Enquanto a seleção filogenética é um processo longo e a seleção de novas características anatômicas podem demorar milhares de anos para serem adquiridas por uma espécie, a seleção operante ocorre em uma velocidade em que pode ser observada de momento a momento conforme descreve Skinner em seu clássico texto *Seleção por consequências*, publicado em 1981. Um rato pode entrar na caixa experimental e, em poucos minutos, podemos observar a aquisição de uma nova resposta de pressão à barra. Vemos a rapidez com que um bebê de poucos meses aprende novos repertórios (dizer mamãe, chorar para produzir colo, andar etc.).
- Cultura: um ambiente social também é responsável por selecionar práticas que são passadas para os seus membros pelas gerações. Tais práticas foram selecionadas, pois produziram consequências para o grupo como um todo. Todos nós nos beneficiamos de conhecimentos sem que precisássemos nos expor diretamente às contingências graças ao comportamento verbal.



Pesquise mais

O modelo de seleção pelas consequências pode ser aprofundado no clássico texto de B. F. Skinner, *Seleção por consequências*, originalmente publicado em 1981. Acesse pelo link:

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/150/133>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

Agora nós já sabemos que:

1. Em uma perspectiva Behaviorista radical, não há lugar para explicações que sugerem um agente iniciador responsável pela determinação do comportamento. Ao contrário das noções tradicionalmente difundidas na psicologia, o comportamento não é fruto de uma mente ou uma psique, por exemplo.
2. O que nos torna únicos, diferentes uns dos outros é o resultado da interação das três histórias (filogenética, ontogenética e cultural) de variação e seleção.

Portanto, a noção tradicional de que personalidade é um conjunto de traços que determinam a maneira como o sujeito vai agir diante do mundo deve ser revista e não corresponde a uma concepção analítico-comportamental. Personalidade deixa, assim, de ser entendida como uma “entidade” constituída nos primeiros anos do desenvolvimento infantil e de caráter estrutural.

É fato, porém, que no decorrer da vida apresentamos certa regularidade na maneira de nos comportar e de reagir em diferentes contextos ambientais. O porquê de certos padrões comportamentais parecerem tão fortalecidos no repertório de cada um de nós e as contingências responsáveis pela aquisição e manutenção desses padrões é a proposta de uma análise comportamental.

Banaco et al (2012) exemplificam a proposta behaviorista para interpretar o conceito de personalidade, descrevendo as primeiras interações de um bebê com o ambiente desde a vida intrauterina e após o nascimento.

Em primeiro lugar, alguns padrões fixos de comportamento podem ser inatos assim como a cor dos olhos. Um bebê pode herdar uma sensibilidade a estímulos auditivos em que ruídos muito sutis são sentidos de forma mais intensa se compararmos à sensibilidade de outros bebês. Isso pode significar que, diante de estímulos sonoros de baixa magnitude, esse bebê acorda e chora com maior frequência. Esse é um exemplo de um comportamento **filogeneticamente** determinado. Essa criança pode ser descrita pelos pais como irritadiça e geniosa. Por ter herdado tal característica, essa mesma criança poderá desenvolver maior habilidade com algum instrumento musical e pode passar a ser considerada uma pessoa de personalidade criativa e talentosa.

Obviamente, a seleção filogenética não é suficiente para determinar padrões comportamentais. Então, vamos continuar a pensar nessa criança “chorosa” e com uma sensibilidade auditiva extremamente apurada. Toda vez que chora, sua mãe a pega no colo, oferece o peito, canta uma canção de ninar. Nesse ponto, o choro passa a ser fortalecido não mais por fatores hereditários, mas porque, ao chorar, a criança produzia consequências reforçadoras do tipo alimento e afeto. A característica definidora de uma consequência reforçadora é que, ao ser produzida contingentemente, a emissão da resposta tem como efeito aumentar a probabilidade futura dessa mesma resposta ocorrer em condições semelhantes. Aqui, podemos ver uma descrição da seleção **ontogenética**. Além de “geniosa”, agora, essa criança será descrita como “manhosa” ou “carente”, mas uma vez atribuindo-se a característica de personalidade como causadora do choro, ao invés das contingências ambientais (reforçadoras) responsáveis pela manutenção da resposta de chorar.

Por fim, para que a minha comunidade verbal possa nomear o “tipo de personalidade” dessa criança e para que, consequentemente, essa criança passe a se descrever futuramente, é necessária a existência de um ambiente social que reforce diferencialmente descrições que ela passe a fazer sobre o seu próprio comportamento

público ou privado. O desenvolvimento dessa noção de self é resultado do terceiro nível de seleção, o **cultural**.



Assimile

Noção de self: por mais que não se caiba um conceito de personalidade na teoria skinneriana, é fato que certos padrões comportamentais apresentados por nós se repetem em determinados contextos. Essa certa regularidade em nosso comportamento dá a impressão de que existe uma estrutura interior que funciona como um agente iniciador (onde se encontra a gênese do comportamento). Os contextos nos quais o nosso responder ocorre (chamados de estímulos discriminativos) evocam certos padrões.



Exemplificando

Um exemplo da noção de self é que, diante de uma determinada audiência (em que há membros da nossa equipe de trabalho), emitimos um certo padrão de respostas e, quando estamos diante de outra audiência (em que estão nossos familiares), agimos de maneiras completamente diferentes. Porém, se um dos membros da equipe tem características semelhantes a alguém do nosso convívio familiar, certas respostas emitidas no contexto doméstico podem passar a ser evocadas diante dessa pessoa em especial do ambiente profissional. Não se trata de dupla personalidade. O comportamento ocorre diante de determinados estímulos, pois o sujeito aprende que, se assim for, a probabilidade de reforço é maior, emitindo uma certa classe de respostas e não outras. Isso explica por que certas pessoas “se transformam” em um estádio de futebol, no trânsito etc.

A noção de self se desenvolve, então, quando uma comunidade verbal nos reforça para fazer descrições sobre o nosso próprio comportamento. Assim como diante de um objeto na cor vermelha (S_d – estímulo discriminativo), dizer vermelho (R – resposta) é seguida de aprovação social (S_{r+}), verbalizações sobre o que fizemos, estamos fazendo ou sentimos também é modelado. Por exemplo: diante de um machucado após um tombo de bicicleta (S_d), a criança diz “está doendo” (R) e a mãe reforça com frases do tipo “nossa! Está feio, mesmo!” ou “venha que vou cuidar desse machucado” (S_{r+}). É dessa maneira que o nosso repertório autodescritivo é modelado e vamos desenvolvendo uma noção de self.

Uma vez que descrevemos o modelo de determinação do comportamento humano e destacamos a sua complexidade, vamos entender como podemos aplicar os conhecimentos baseados nos conceitos da análise do comportamento na interpretação de fenômenos comumente atribuídos à personalidade. Vamos usar o conceito de resistência à extinção e esquemas de reforçamento para ilustrar o olhar do analista do comportamento para o entendimento de fenômenos comumente atribuídos a estruturas psíquicas ou características de personalidade.



Exemplificando

Notemos como um olhar pode direcionar-se para variáveis ambientais ao invés de variáveis mentais. Quando Nina nasceu, seus pais já eram mais velhos, tendo, sua mãe, levado anos para conseguir engravidar. Após muitas tentativas frustradas e uma gravidez de risco, a menina nasceu. Sua mãe sempre a tratou com muito zelo e fez questão de procurar os melhores médicos, escolas muito bem recomendadas. Conforme Nina ia crescendo, ia tendo apoio para desempenhar todas as atividades. Quando uma dúvida, por menor que fosse, surgia na hora de fazer o dever de casa, a mãe estava ali para ajudá-la. Todos os lançamentos que apareciam nas propagandas de TV, Nina pedia e ganhava: brinquedos, artigos eletrônicos, roupas da moda. Já Gabriel, coleguinha de turma de Nina, era o terceiro filho de um casal de médicos. Quando ele nasceu, a mãe estava finalizando seus estudos na pós-graduação e fazia plantões de três a quatro vezes por semana. Gabriel se virava como podia. Quando um dos irmãos estava em casa (ou de bom humor), recebia alguma ajuda para estudar. Às vezes, o pai chegava mais cedo e dava alguma atenção às necessidades do filho. Em outros dias, estava tão cansado que ia direto para o quarto dormir.

Na nossa vida cotidiana, nem todas as respostas emitidas são seguidas de consequências reforçadoras. A frequência pela qual nossos comportamentos produzem reforços vai depender do ambiente no qual estamos inseridos. No caso do exemplo apresentado, todas as respostas de Nina, ao solicitar ajuda ou pedir presentes, eram seguidas de consequências reforçadoras. Já no caso de Gabriel, o reforço para esse mesmo tipo de resposta era disponibilizado em algumas ocasiões, mas nem sempre. O exemplo apresenta uma história de reforçamento contínuo (Nina) e uma história de reforçamento intermitente (Gabriel).

Se, mais tarde, na vida adulta, Nina e Gabriel se depararem com insucessos diante de obstáculos profissionais, por exemplo, qual deles vai desistir mais fácil? Em termos comportamentais, qual comportamento entra em extinção mais rápido?

É muito provável que Gabriel seja visto, pelo senso comum, como alguém com um tipo de personalidade persistente, obstinada. Um analista do comportamento diria que a sua história de vida criou um repertório comportamental muito resistente à extinção e uma tendência maior para resolução de problemas.

Já Nina - que poderá ser tida como alguém de personalidade frágil, mimada e muito pouco resistente à frustração - apresenta comportamento que é o resultado de uma história de vida em que pouco se precisou fazer, pouco repertório era necessário para produção de reforçadores.

Esse exemplo serve para mostrar, de uma forma simplificada, como padrões comportamentais são fortalecidos por meio de contingências de reforçamento operante. Essa é uma tentativa didática de expor o raciocínio analítico-comportamental. Não podemos esquecer que o comportamento humano é extremamente complexo e são múltiplas as variáveis de controle.

Em outras palavras, uma análise comportamental deve levar em conta variáveis inatas, a história de vida e fatores culturais. Além disso, são múltiplos os contextos que evocam e eliciam padrões comportamentais, assim como são múltiplas as consequências produzidas por um mesmo padrão. Talvez, por essa razão, a psicologia se voltou para o que Skinner chamou de causas fictícias como mente e psique. Conhecer o comportamento e todas as variáveis das quais ele é função exige um esforço muito grande do analista do comportamento. A vantagem se encontra no fato de que, se não concebemos personalidade como estrutura, também podemos acreditar que padrões que geram sofrimento e geram problemas para o indivíduo podem ser mudados, se contingências diferentes forem arranjadas da maneira certa. Existe possibilidade de mudança e existe a certeza de que não somos uma única pessoa, no sentido de ter uma personalidade. Somos vários à medida que estamos expostos a muitos ambientes diferentes.

Sem medo de errar

Vamos ajudar Joana a entender o comportamento de Pedro que, segundo os pais, é completamente diferente na escola e em casa. Na situação-problema, temos a descrição da topografia da resposta de Pedro, ou seja, sabemos o que ele faz:

- Ora segue regras, é disciplinado, realiza as provas e se relaciona com os colegas de sala;
- Ora não segue regras, desafia os pais, bate no irmão, se recusa a fazer os deveres de casa.

O instrumento do terapeuta comportamental é a análise funcional, que consiste em buscar as variáveis das quais essas respostas são função. Para exemplificar como se realiza esse tipo de análise, vamos entender o repertório social de Pedro. Sabemos que,

na escola, ele se relaciona bem com os colegas. Porém Joana precisa de mais dados e visita a escola para conversar com a professora, coletando algumas informações importantes sobre esse repertório social: **(1)** Em quais situações você observa Pedro se relacionando “bem” com os colegas? **(2)** Descreva quais são os comportamentos emitidos por Pedro que faz você julgar a relação dele com os colegas boa. **(3)** Quando Pedro se comporta dessa forma, como os colegas reagem? O que você diz para ele? Você interfere na interação de Pedro com os amigos? Na questão 1, a terapeuta está buscando os estímulos discriminativos (**Sd**) que evocam a resposta “relacionar-se bem com os colegas” em Pedro. Já na questão 2, Joana procura ter uma descrição mais detalhada do responder de Pedro (relacionar-se bem pode ter a ver apenas com o julgamento da professora e cada um tem uma noção de comportar-se bem). Por fim, na questão 3, ela busca encontrar quais são as consequências reforçadoras (**Sr+**) que mantêm o comportamento de Pedro.

Após essa coleta de dados junto à professora, Joana construiu uma análise funcional:

Sd	R	Sr+
<ul style="list-style-type: none"> • Na hora do recreio e nas atividades em grupo. • Na presença dos meninos da sala. • Diante da professora. 	<ul style="list-style-type: none"> • Empresta seus brinquedos. • Dá sugestões de como realizar as tarefas. • Conta coisas engraçadas. • Joga futebol. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os amigos se divertem com suas histórias. • Faz muitos gols e todos do time vibram. • É elogiado pela professora.

Ao analisar funcionalmente o comportamento de Pedro na escola, Joana constatou que todos os comportamentos sociais são reforçados tanto pelos colegas, como pela professora. O passo seguinte foi entrevistar os pais e fazer a mesma análise do comportamento da criança em casa. O resultado da coleta de dados foi a seguinte:

Quando Pedro chama o irmão para brincar e ficam entretidos, os pais aproveitam para cuidar dos afazeres domésticos ou para conversar. Nesses momentos de “harmonia entre irmãos”, não existe nenhuma atenção/aprovação dos pais. Porém, quando começam a brigar e disputar um brinquedo, logo os pais aparecem no quarto para apartá-los e ditar como irmãos devem ser. Ou seja, Pedro recebe atenção (**Sr+**) mesmo que em forma de bronca e “sermão”.

A maneira como o repertório de Pedro é reforçado na escola é muito diferente do ambiente doméstico. Não se trata, então, de “dupla” personalidade e, sim, de contingências de reforçamento que mantêm repertórios distintos.

Agora que você sabe fazer uma análise funcional, faça o mesmo com os outros comportamentos de Pedro:

- Respeitar versus não respeitar regras.
- Disciplinado versus indisciplinado.
- Tirar boas notas versus se reusar a fazer o dever de casa.

Avançando na prática

Avaliação de competências profissionais

Descrição da situação-problema

Martina é psicóloga e trabalha em uma indústria farmacêutica no departamento de recursos humanos. A sua principal tarefa é de recrutamento e seleção. Como a empresa é muito grande, sempre existem muitas vagas para serem preenchidas na área de vendas; pesquisa/desenvolvimento de novos produtos; marketing; assessoria de imprensa, entre outras.

O departamento tem uma nova gestora que, recentemente, quis implantar um processo mais objetivo para realizar o processo de seleção. A ideia dela foi utilizar testes de personalidade que levantem as competências dos candidatos.

Como Martina é analista do comportamento, acredita que, para conhecer melhor o candidato e saber se tem o perfil para a vaga, o teste de personalidade não fornece dados suficientes e é superficial.

Por essa razão, a gestora pediu para que Martina preparasse uma apresentação justificando por que a análise de personalidade não é suficiente para determinar o perfil do candidato, segundo a teoria analítico-comportamental. Além disso, solicitou que uma nova proposta fosse apresentada a partir dessa teoria.

A apresentação deve seguir as seguintes especificações:

- Ser montada em, no máximo, 15 slides do Powerpoint.
- Conteúdo: apresentação, justificativa, objetivos, crítica da análise comportamental em relação aos testes de personalidade, procedimentos para seleção de candidatos.

Resolução da situação-problema

Para justificar por que a análise do comportamento considera os resultados de testes psicológicos insuficientes para conhecer se os candidatos têm repertórios necessários

para uma determinada vaga, discuta como essa teoria entende personalidade e formule alternativas para avaliar o perfil dos candidatos que vão de encontro com uma avaliação funcional.

Faça valer a pena

1. "Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação. Alguns processos que o organismo humano compartilha com outras espécies alteram o comportamento para que ele obtenha um intercâmbio mais útil e mais seguro em determinado meio ambiente. Uma vez estabelecido um comportamento apropriado, suas consequências agem através de processos semelhantes para permanecerem ativas. Se, por acaso, o meio se modifica, formas antigas de comportamento desaparecem, enquanto novas consequências produzem novas formas" (SKINNER, 1978, p. 15).

De acordo com o texto apresentado, podemos afirmar que:

- I. Os processos que compartilhamos com outras espécies para que tenhamos um intercâmbio útil e seguro com o ambiente foram selecionados ao longo da evolução. Essa é a seleção filogenética.
- II. Outros comportamentos são selecionados com base na nossa exposição individual ao ambiente. Durante a nossa história de vida, alguns repertórios produziram consequências reforçadoras e certos padrões foram fortalecidos. Essa é uma descrição da seleção ontogenética.
- III. Segundo Skinner, o comportamento humano é selecionado por: contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Embora nossos padrões inatos sejam parte importante na determinação de nossas características biológicas, a subjetividade humana é resultado apenas de contingências aprendidas ao longo da vida e da cultura na qual estamos inseridos.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I e II, apenas.

2. "Uma mãe de primeira viagem", cuja gravidez foi imensamente desejada, poderá responder mais prontamente ao início de choro do bebê do que uma mãe que precisa atender à demanda de outros filhos mais velhos caçula" (BANACO et al., 2012, p. 146). caçula." Esse exemplo descreve parte da história de reforçamento de dois bebês.

Com base em uma visão analítico-comportamental, assinale a alternativa correta:

- a) O exemplo demonstra que o primeiro bebê, imensamente desejado pela mãe, terá uma personalidade mais saudável já que é esse vínculo inicial o responsável pela estruturação da vida psíquica na idade adulta. A personalidade da criança está intimamente ligada ao vínculo inicial que estabelece com a figura materna.
- b) O bebê cuidado pela mãe "de primeira viagem" é reforçado imediatamente após chorar. Podemos criar a hipótese de que o ambiente não é propício para que ele desenvolva repertórios comportamentais (além do choro) para produzir consequências reforçadoras. Talvez ele apresente um padrão comportamental no futuro que se pareça com uma personalidade dependente ou pouco flexível.
- c) A formação da personalidade não é afetada nesse caso, já que tanto um bebê como outro são atendidos pela mãe nas suas necessidades básicas, mesmo que esse cuidado não aconteça com um deles de imediato. Cada cuidador tem um estilo em relação aos primeiros contatos com a criança e ambos geram resultados parecidos na constituição do sujeito.
- d) A criança que não é atendida imediatamente pela mãe pode desenvolver um sentimento de baixa autoestima e insegurança. Ela acaba desenvolvendo sensação de abandono pelo rompimento temporário do vínculo com a cuidadora. Esse padrão afetará diretamente a formação da personalidade e as relações que essa criança vai estabelecer com o sexo oposto na vida adulta.
- e) Uma das crianças teve uma história em que chorar produziu atenção imediata, e a outra aprendeu que as suas necessidades são atendidas mesmo depois de um tempo. O fato de a segunda criança dividir a atenção da mãe com os irmãos vai fazer com que, na vida adulta, ela apresente carência afetiva.

3. Leia as seguintes afirmações:

- I. Desenvolvemos autoconhecimento a partir da nossa exposição a uma comunidade verbal que foi treinada para reforçar diferencialmente descrições sobre o nosso próprio comportamento público ou privado. O repertório de autoconhecimento produz um senso de self, ou seja, aquilo que sei e penso sobre mim mesmo.
- II. Os processos comportamentais estudados por Skinner nos ajudam a entender a aquisição de certos repertórios comportamentais. Indivíduos com história de reforçamento contínuo, por exemplo, tendem a apresentar menor resistência à extinção. No senso comum, são indivíduos que desistem mais fácil diante de obstáculos, são pouco persistentes e menos criativos.
- III. Obstinação e persistência são características de personalidade típicas de indivíduos com estrutura obsessiva conforme postula o behaviorismo radical. Uma vez que a personalidade é estruturada, ela será responsável por determinar a maneira como o sujeito vai agir diante das contingências.

Analise essas afirmações e identifique quais são verdadeiras. Utilize os conhecimentos adquiridos nesta seção sobre como o behaviorismo radical interpreta a noção de personalidade.

Após análise, podemos afirmar que:

- a) Apenas I e II são verdadeiras.
- b) Apenas II e III são verdadeiras.
- c) Apenas I e III são verdadeiras.
- d) Apenas II é verdadeira.
- e) I, II e III são verdadeiras.

Seção 2.2

A perspectiva cognitivo-comportamental

Diálogo aberto

Olá alunos!

Nesta seção, continuaremos abordando as teorias da personalidade de cunho comportamental, enfatizando as teorias de cunho cognitivista e sociocognitivista da personalidade.

Sabemos que as pessoas estão constantemente tentando compreender o mundo ao seu redor e relacionar-se com ele. Esse fato é tão importante, que todas as teorias da personalidade o levam em conta. Contudo, as abordagens cognitivas da personalidade consideram a percepção e a cognição fundamentais para a compreensão do funcionamento humano. Na Seção 2.2, iremos nos aprofundar nesse assunto, estudando os seguintes conteúdos: as abordagens comportamentais e cognitivo-comportamentais; o desenvolvimento da personalidade segundo as teorias cognitivo-comportamentais; as teorias da aprendizagem cognitiva social de Bandura e Mischel.

A situação-problema desta seção está baseada no contexto de aprendizagem já apresentado na seção anterior. Você deverá ajudar Marcela a preparar seu pôster. Ela precisa de um material ilustrativo, didático e relevante para apresentar no congresso, afinal, esse será um dos eventos mais importantes da área na sua cidade esse ano. O tema a ser desenvolvido por Marcela deve conter uma reflexão sobre as teorias da personalidade nas abordagens cognitivo-comportamentais e na teoria da aprendizagem social. Seu objetivo é apresentar, de forma sucinta, como os autores dessas abordagens comprehendem o desenvolvimento e a formação da personalidade humana.

O pôster de Marcela deve seguir a seguinte formação:

- Padrão ABNT (90 cm x 120 cm), orientação retrato (vertical).
- Conteúdo: título, introdução, fundamentação teórica, referências bibliográficas.

Não pode faltar

Para iniciarmos nosso estudo sobre as teorias da personalidade de cunho cognitivista, é importante que você compreenda como aconteceu a passagem das teorias behavioristas de Watson e Skinner para as chamadas teorias cognitivo-comportamentais (TCC). Compreender esse movimento de transição vai ajudá-lo a entender o que a TCC chama de formas de funcionamento ou personalidade.

A terapia cognitiva surgiu nos anos de 1950 nos Estados Unidos da América. Nessa época, alguns autores da psicologia passaram a defender uma abordagem que levasse em consideração a explicação sobre como as pessoas recebem e processam as informações do ambiente. Esse processo (receber e processar informações) é o que chamamos de cognição. Em outras palavras, cognição é o pensamento humano em ação. A proposta da terapia cognitiva não desconsiderava as descobertas do behaviorismo de Watson e Skinner, mas acreditava que a cognição, muito mais do que os estímulos externos, exerceia forte influência sobre a forma como nos comportamos e nos relacionamos com o ambiente.



Refletá

Você já parou para pensar por que uma teoria da personalidade concederia à cognição um papel tão importante?

A explicação para essa questão está no fato de que, ao compreendermos como as pessoas recebem e processam as informações sobre o ambiente à sua volta, ou seja, a maneira como os indivíduos pensam e se relacionam com o mundo, compreendemos também outros aspectos mais complexos do funcionamento humano, incluindo a personalidade.

A TCC surgiu, justamente, a partir da insatisfação de alguns autores (tanto psicanalistas quanto behavioristas), tais como Albert Ellis, Michael Mahoney, Albert Bandura e Wolpe, em relação aos modelos de tratamento e diagnóstico das doenças emocionais e transtornos psiquiátricos. Esses modelos rejeitados eram: o modelo da raiva retroflexa (sob a perspectiva psicanalítica abordada por Sigmund Freud e seus seguidores) e o condicionamento operante, estudado e aplicado apenas em animais (dentro do modelo behaviorista estudado por Watson e Skinner).

A crítica recaía na validade questionável da utilização de tais modelos para o tratamento clínico em humanos. Foi então que surgiu, nesse contexto, uma nova proposta de atendimento e olhar para as questões de cunho emocional: uma proposta que se baseava na cognição para explicar as atitudes e os comportamentos humanos, ou seja, uma resposta do porquê de as pessoas agirem da forma como agem e por que cada um tem uma forma diferente de se relacionar com os outros e com o meio.

Wright, Basco e Thase (2009) descrevem que, à medida que a terapia comportamental (de base behaviorista) se expandia, vários pesquisadores proeminentes – como Meichenbaum (1977) e Lewinson e colaboradores (1985) - começaram a adotar as teorias e estratégias cognitivas a seus tratamentos. Eles notaram que a perspectiva cognitiva trazia contexto, profundidade e entendimento às intervenções comportamentais.

Além disso, Beck defendeu a inclusão de métodos comportamentais desde o início de seu trabalho, pois reconhecia que essas ferramentas são eficazes para reduzir sintomas, e conceitualizou um relacionamento estreito entre cognição e comportamento. (WRIGHT; BASCO; THASE, 2009, p. 16).

Serra (2007) destaca que, desde a década de 1960, houve uma unificação das formulações cognitivas e comportamentais na psicoterapia, que levou ao nome de terapia cognitivo-comportamental. Assim, a terapia cognitiva tem sido frequentemente identificada com a terapia comportamental, e as denominações terapia cognitiva e terapia (ou teoria) cognitivo-comportamental (TCC), especialmente no Brasil, têm sido intercambiáveis.



Pesquise mais

Veja mais sobre as diferenças e influências entre as abordagens comportamentais e cognitivo-comportamentais no artigo a seguir. Nele, a autora fala do trabalho de três autores: Ellis, Beck e Meichenbaum e sobre como eles abordam essas diferenças e aproximações:

KERBAUY, Rachel Rodrigues. Terapia comportamental cognitiva: uma comparação entre perspectivas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 9-23, 1983. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931983000100002>. Acesso em: 18 out. 2016.



Assimile

“A TCC propõe um modelo próprio de desenvolvimento da personalidade, bem como um modelo de instalação das psicopatologias. Esse último descreve como os desvios no desenvolvimento da personalidade podem

resultar na instalação e manutenção de transtornos psicológicos. A TOC aplica-se com eficácia ao tratamento de várias classes de transtornos, como a depressão, os transtornos de ansiedade (o transtorno de ansiedade generalizada, as fobias, o transtorno de pânico, o TOC – transtorno obsessivo-compulsivo, o TEPT – transtorno de estresse pós-traumático, a hipocondria), o abuso e a dependência de álcool e outras drogas, os transtornos alimentares, os transtornos de personalidade, as psicoses (esquizofrenia, transtorno bipolar), entre outras" (SERRA, 2013, [s.p.]).

(Obs.: veremos mais sobre os transtornos de personalidade na Unidade 4 desta disciplina).

Para entendermos a ideia de personalidade na TCC, é necessário, em primeiro lugar, deixar claro que essa abordagem não utiliza o termo personalidade em si, mas fala de reorganização de esquemas cognitivos que mudam a relação da pessoa com o meio. Aqui, portanto, ao se falar de personalidade, estamos nos remetendo ao conceito de esquemas e crenças cognitivos. Esquemas/crenças acontecem a partir dos processos cognitivos (percepção, atenção, raciocínio, aprendizagem, reconhecimento etc.) sem que o indivíduo perceba. Esses esquemas são informações vindas do meio, que vamos assimilando ao longo da vida e tomando como verdades únicas sobre nós mesmo, sobre o meio e sobre os outros. Os produtos resultantes desses esquemas cognitivos normalmente são pensamentos automáticos, sentimentos inexplicáveis, sensações estranhas ao organismo e refletem o significado por nós atribuído à realidade interna e externa, a eventos, a pessoas e a nós mesmos.



Exemplificando

Esquema de fracasso: refere-se à crença de que a pessoa é incapaz de ter um desempenho tão bom quanto o dos outros na profissão, na escola ou nos esportes. Essas pessoas podem sentir-se burras, ineptas, sem talento ou ignorantes. A pessoa com esse esquema, muitas vezes, nem tenta fazer as coisas, porque acredita que vai fracassar. Esse esquema pode se desenvolver quando o indivíduo é desprezado e tratado como se fosse um fracasso na escola ou em outras esferas de realização. Podemos supor que a instalação desse esquema aconteceu porque os cuidadores não proporcionaram suficiente apoio e/ou encorajamento para que a criança persistisse e tivesse sucesso em suas realizações durante a infância ou em qualquer outra fase da vida.

Rocha (2013) diz que o conceito de personalidade para a TCC pode ser considerado como integrador, por sua tentativa de explicar o funcionamento dos mais variados sistemas e suas inter-relações, como podemos observar na seguinte definição de personalidade assumida por Beck:

“[...] um constructo composto que representa a soma total das ações, dos processos de pensamento, das reações emocionais e das necessidades motivacionais da pessoa, através dos quais ela, como organismo biológico geneticamente programado, interage com seu ambiente, influenciando-o e sendo influenciada por ele”. (BECK, 1992 apud ROCHA, 2013, p. 32).

Assim, para a perspectiva cognitiva, a definição de personalidade está vinculada basicamente aos processos esquemáticos que vão direcionar o funcionamento psicológico como um todo. A personalidade ou as estratégias comportamentais predominantes em um indivíduo seriam condizentes com os padrões cognitivos e afetivos que, por sua vez, estão intimamente relacionados às crenças que geram o comportamento (BECK, 1992 apud ROCHA, 2013).

Os pensamentos automáticos determinam a qualidade e a intensidade de nossas respostas emocionais (o que sentimos), como tristeza ou alegria, ansiedade ou tranquilidade, e a forma como nos comportamos (o que fazemos). Em TCC, dizemos que o conjunto de esquemas apresentados pela pessoa revela a sua forma de ser no mundo, em outras palavras, a sua personalidade. Assim, os esquemas e crenças, bem como os pensamentos automáticos, são alvos privilegiados da intervenção terapêutica em TCC em diferentes estágios do processo clínico, visto que, mudando estruturas cognitivas, mudamos também as emoções adversas e os comportamentos disfuncionais (mal-adaptados) que as acompanham.



Assimile

Mudando os esquemas cognitivos de funcionamento de uma pessoa, consequentemente muda-se a forma com que ela se relaciona com o meio. Essa mudança gera uma nova dinâmica e novos esquemas cognitivos são formados. Se compreendermos que a personalidade da pessoa é essa dinâmica flexível de construção e desconstrução de esquemas cognitivos (pensamento, sentimento e comportamento), podemos afirmar que existe mudança de personalidade a partir da construção de novos esquemas.

Até as décadas de 1950 e 1960, tanto psicólogos comportamentais quanto cognitivos acreditavam que a causa dos transtornos de personalidade era justamente uma “personalidade” mal constituída, ou seja, que não estabelecia bom relacionamento com o meio. Essa compreensão gerava a ideia de que não havia possibilidade de tratamento para tais transtornos, e a TCC foi classificada como pouco eficaz no tratamento. Diante de tal realidade, os pesquisadores cognitivos começaram a aprofundar seus estudos para encontrarem possíveis soluções para essa questão (LEAHY, 2010).

Os resultados das pesquisas apontaram que os transtornos de personalidade (TP) eram causados por esquemas disfuncionais. Young (2003) criou a hipótese de que os transtornos de personalidade teriam origem nos “esquemas desadaptativos precoces” (EDP), que são mais do que esquemas disfuncionais comuns. O mesmo autor acredita que esses EDP estão relacionados a eventos infantis na formação de esquemas, assim, os esquemas disfuncionais produzem crenças que, por sua vez, originam comportamentos que são fontes de sofrimento.



Refletá

Partindo do que vimos até agora sobre a ideia de personalidade para a TCC, como podemos explicar a continuação desses esquemas (que tiveram início na infância) por toda a vida da pessoa?

Figura 2.1 | Albert Bandura



Fonte:<<http://www.idacademy.dk/trae/assets/img/Bandura.gif>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Segundo DiGiuseppe (1986, apud BECK et al., 2005), uma das explicações para a continuidade de esquemas por toda a vida da pessoa pode ser a dificuldade de fazer mudanças, inerente a todo ser humano. Para Freeman (1987, apud BECK et al., 2005), outra explicação seria a facilidade que as pessoas em geral têm para se ajustar a esquemas enraizados (ou seja, se ajustar a pensamentos e informações sobre si mesmo e o meio em que estão inseridas há muito tempo, provavelmente desde a infância). Tais esquemas cognitivos enraizados diminuem a capacidade de lidar com os desafios da vida, uma vez que a pessoa tende a agir e a pensar sempre da mesma forma, baseando-se nos esquemas já conhecidos (enraizados). Isso traz um padrão de comportamento que faz com que a pessoa seja reconhecida a partir dele. Se pensarmos que o conceito geral de personalidade é justamente um padrão estável de comportamentos e atitudes, podemos afirmar que os esquemas fazem parte do desenvolvimento da personalidade de uma pessoa.

Para pessoas com transtornos de personalidade, esses esquemas enraizados são inflexíveis, supergeneralizados (vale para toda e qualquer situação), resistentes a mudanças e conduzem a vida social, profissional e pessoal da pessoa. Esses esquemas são mal adaptativos (impedem a formação de outros esquemas mais adequados e realísticos ao contexto em que se manifestam).



Exemplificando

Maria (que tem transtorno de personalidade *borderline*) reage com muita raiva e impulsividade diante da resposta negativa de sua amiga para irem ao cinema. Aqui se percebe uma reação emocional exagerada para um contexto que não exigiria esse tipo de reação, como no caso de alguém que agride ou reage violentamente perante a frustração por um pedido negado.

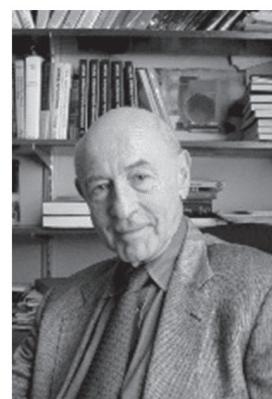
Sabemos que é durante a infância que as crenças iniciam e, ao longo da vida, podem ser reforçadas no relacionamento interpessoal. Isso, segundo Leahy (2010), resulta na autoperpetuação dos ciclos de esquemas cognitivos, que são bastante resistentes a mudanças, ou seja, se há repetição, a crença se instaura.

De maneira resumida, podemos dizer que, para a TCC, a personalidade tem origem na formação de esquemas de crenças ao longo da vida. Um esquema de crença pode estar fortemente cristalizado, o que resultaria numa personalidade mais inflexível para determinadas ações e formas de pensamentos. No entanto, assim como um esquema de crenças é construído, ele também pode ser reformulado por meio da TCC.

Ainda falando sobre as teorias de cunho cognitivista, passaremos, neste momento, a abordar o processo de aprendizagem social a partir das teorias de Albert Bandura e Walter Mischel, que também sofreram a influência das abordagens behavioristas e cognitivo-comportamentais para elaborar uma teoria da personalidade com base no enfoque da aprendizagem social.

Nos Estados Unidos, durante a primeira metade do século XX, o behaviorismo era a perspectiva dominante em psicologia. Como já visto anteriormente, o comportamento humano era explicado pela manipulação das forças ambientais, e aquilo que chamamos de personalidade era resultado do controle que o meio exercia sobre as pessoas. Questões de ordem interna (como pensamentos e sentimentos)

Figura 2.2 | Walter Mischel



Fonte: <<http://quantifiedself.com/images/Walter%20Mischel.jpg>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

não eram consideradas objetos de estudo da psicologia norte-americana. Foi apenas na segunda metade do século XX, com a TCC, que o pensamento (cognição) passou a fazer parte dos estudos em psicologia comportamental.

Nessa época, alguns autores como Albert Bandura e Walter Mischel, influenciados pela teoria cognitiva, passaram a se preocupar com as questões relacionadas às influências que o meio social exerce no comportamento das pessoas. Diziam que os estímulos ambientais não eram adequados para explicar o comportamento humano, que só poderia ser explicado com base em uma interação recíproca entre estímulos externos e cognições internas. Diziam, ainda, que as representações simbólicas de eventos passados e da situação atual orientam o comportamento, e os processos autorreguladores (associações, lembranças, valores pessoais) permitem que as pessoas exerçam controle sobre o próprio comportamento (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).



Exemplificando

Imagine uma pessoa que tenha passado por uma experiência desagradável ao agredir alguém por raiva. Essa experiência negativa fica registrada cognitivamente e, no momento presente, a pessoa pode controlar cognitivamente seu comportamento agressivo ao sentir raiva gerada por um estímulo.

Albert Bandura e Walter Mischel oferecem uma das análises teóricas mais atuais sobre o desenvolvimento da personalidade dentro da área de aprendizagem social, que atualmente é chamada de teoria social cognitiva. Os autores da aprendizagem social mantêm a convicção dos comportamentalistas de que, dentro dos limites impostos pela biologia, a aprendizagem explica a aquisição e a manutenção do comportamento humano, mas essa aprendizagem só pode ser compreendida em um contexto social e levando-se em consideração as variáveis situacionais presentes no momento em que o comportamento acontece (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Bandura e Mischel apresentam orientações teóricas similares e citam um ao outro em seus trabalhos. Apesar disso, suas pesquisas foram publicadas de forma independente e guardam algumas distinções. Mischel, por exemplo, descreveu de maneira mais completa as limitações das explicações do comportamento a partir dos traços de personalidade (como propostos pelas abordagens psicodinâmicas e dos traços) e propôs alternativas para as teorias dos traços, afirmando que as pessoas não se comportam sempre da mesma forma em qualquer situação, ou seja, não podemos afirmar que os traços determinam a personalidade de uma pessoa (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

Mischel demostrou, por meio de pesquisas, que existe muito menos coerência situacional no comportamento humano do que se pensava. Por outro lado, afirma que existem evidências de coerência temporal na personalidade, ou seja, as pessoas tendem a se comportar de maneira semelhante ao longo do tempo, mas não em qualquer situação. A teoria de Mischel defende que fatores cognitivos, como expectativas, percepções subjetivas, valores e padrões sociais, desempenham papéis importantes na formação da personalidade. Suas contribuições às teorias da personalidade se desenvolveram a partir da pesquisa sobre o “adiantamento da gratificação” e o famoso teste do marshmallow, além das pesquisas sobre a consistência e inconsistência da personalidade (PEAKE; MISCHEL, 1984).



Pesquise mais

Veja mais sobre as contribuições das pesquisas de Mischel para as teorias da personalidade no vídeo que aborda o que foi o teste do marshmallow e as ideias de autocontrole e capacidade de adiar recompensas desenvolvidos por Mischel:

COACHING Mais50. **O teste do marshmallow**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LHbOkjOEusM>>. Acesso em: 20 out. 2016.

Albert Bandura foi um teórico sociocognitivo cuja principal obra aborda a natureza da aprendizagem observacional. Procurou entender a maneira como a mente e as exigências de cada situação combinam-se para determinar os comportamentos de uma pessoa, ou seja, sua personalidade.

Bandura atribui um papel importante à personalidade, que ele chama de autossistema, ou seja, um conjunto de processos cognitivos por meio do qual uma pessoa percebe, avalia e regula o próprio comportamento, de modo que ele seja apropriado ao meio e eficaz para que ela alcance suas metas (BANDURA, 1978 apud CLONINGER, 1999). Portanto, além de o indivíduo ser influenciado por processos de reforçamento provenientes do ambiente, seu comportamento também é determinado por expectativas, reforçamento esperado, pensamentos, planos e metas, ou seja, pelos processos cognitivos internos. Para o autor, a natureza cognitiva ativa do indivíduo durante a aprendizagem é fundamental; em vez de apenas reagir a um reforçamento direto após um acontecimento, alterando o comportamento no futuro, a pessoa pode imaginar e antecipar os efeitos do ambiente. O indivíduo pode, portanto, antever as consequências possíveis de suas próprias ações e, assim, escolher uma ação com base na resposta esperada do ambiente e das outras pessoas que nele se encontram (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004).



Assimile

A teoria de Bandura assume que os efeitos de um reforçamento anterior são internalizados, e o comportamento de fato muda em decorrência de alterações no conhecimento e expectativas da pessoa. Saber que determinado comportamento (próprio ou de outra pessoa) em uma situação em particular foi reforçado no passado permite que o indivíduo antecipe o reforço por esse comportamento em situações idênticas (ou semelhantes) no futuro.

Vemos que essa abordagem de Bandura vale-se das potencialidades tanto da abordagem da aprendizagem quanto da abordagem cognitiva da personalidade. Uma de suas principais contribuições foi a explicação sobre como novos comportamentos podem ser adquiridos na ausência do reforçamento. Ele observou que as pessoas aprendem tantas reações complexas que seria impossível que cada reação aprendida simplesmente resultasse da administração de reforçamento; assim, o autor ampliou os estudos da teoria da aprendizagem para além do behaviorismo radical. Bandura formulou teorias sobre mecanismos pelos quais as pessoas podem aprender apenas observando o comportamento de outras, ou seja, como as pessoas aprendem mesmo não sendo diretamente recompensadas ou punidas por esse comportamento. Isso é denominado de aprendizagem observacional e significa que uma pessoa se modela à imagem de outra (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004).



Exemplificando

Uma criança que passa tempo prolongado assistindo a programas violentos na televisão pode aprender, por observação, a comportar-se da mesma forma, ou seja, poderá desenvolver comportamentos violentos, conforme observou na televisão.

Nesse sentido, podemos dizer que a personalidade de uma pessoa pode ser modelada por meio da observação que ela faz dos modelos obtidos no ambiente.



Pesquise mais

Veja mais informações sobre os processos de aprendizagem por modelagem propostos por Bandura e, também, sobre as diferenças entre as teorias da aprendizagem cognitivo-social e o behaviorismo no artigo:

ALMEIDA, Alana Peixoto de et al. Comparação entre as teorias da

aprendizagem de Skinner e Bandura. **Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde**, Maceió, v. 1, n. 3, p. 81-90, nov. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosaude/article/view/905/608>>. Acesso em: 26 out. 2016.

Outro conceito fundamental na abordagem de Bandura é o da reciprocidade triádica. Tal conceito diz respeito a interações recíprocas entre três espécies de fatores: os pessoais, os comportamentos e as variáveis ambientais. Isso quer dizer que os comportamentos dependem do ambiente e das condições pessoais que, por sua vez, dependem dos próprios comportamentos e dos contextos ambientais. Vale ressaltar que a influência relativa dos fatores ambientais, pessoais e comportamentais varia em função do indivíduo e da situação. O conceito de reciprocidade triádica nos ajuda a entender que, para Bandura, a forma como reagimos ao mundo, ou seja, a nossa personalidade, só pode ser entendida se considerarmos as mútuas influências entre comportamento, ambiente e fatores pessoais (crenças, pensamentos, valores etc.) (CLONINGER, 1999).

A seguir, apresentam-se pontos fundamentais da teoria cognitivo-social de Bandura. Nele, você pode encontrar, de forma sintética, algumas condições propostas por tal teoria.

Tabela 2.1 | Teoria da aprendizagem cognitivo-social de Bandura

CONDIÇÕES	A TEORIA DA APRENDIZAGEM COGNITIVO-SOCIAL
Diferenças individuais	Os indivíduos diferem em seus comportamentos e nos processos cognitivos devido à aprendizagem.
Adaptação e ajustamento	Novas terapias que empregam a modelagem e outras técnicas para tratar as fobias e outros distúrbios mostraram-se eficientes. As técnicas que aumentam a autoeficiência são eficazes.
Processos cognitivos	Os processos cognitivos (incluindo a expectativa e a autossuficiência) são centrais para a personalidade.
Sociedade	A modelagem tem implicações fundamentais para a sociedade, incluindo-se a violência na TV, que provoca agressividade.

Influências biológicas	Embora a teoria não enfoque os fenômenos biológicos, Bandura verificou que a autoeficiência melhora o funcionamento imunológico entre sujeitos fóbicos.
Desenvolvimento da criança	As crianças aprendem por meio da modelagem, como ficou demonstrado em pesquisas cujos sujeitos eram crianças.
Desenvolvimento do adulto	A aprendizagem pode ocorrer ao longo de toda a vida. As expectativas e outras variáveis cognitivas da aprendizagem podem mudar como resultado da experiência.

Fonte: Cloninger (1999, p. 381).

Sem medo de errar

Para ajudar Marcela (nossa psicóloga que irá participar de um importante congresso de psicologia) a montar seu pôster, podemos sugerir os seguintes conteúdos:

Título: o título do pôster deve ser claro, objetivo e destacar o assunto da pesquisa.

Sugestão: a perspectiva cognitiva e da aprendizagem social na formação da personalidade.

Introdução: na introdução, Marcela deve falar sobre seu tema de estudo e fazer pequenos apontamentos sobre a ideia principal.

Sugestão: para as abordagens cognitivas, a ideia de personalidade está associada à forma como o indivíduo se relaciona com o ambiente e com as pessoas ao seu redor. A palavra personalidade em si não é própria das abordagens de cunho cognitivo, sendo que seus autores preferem falar de esquemas cognitivos de funcionamento, que determinam a forma de o sujeito interagir no mundo.

Além dos autores que trabalham com a abordagem cognitivo-comportamental, também recebem destaque os autores que propõem uma teoria da personalidade com base na aprendizagem cognitivo-social. Entre eles, destacam-se Albert Bandura e Walter Mischel, que atribuem grande importância ao fator social (além do cognitivo) no desenvolvimento da personalidade.

Referências bibliográficas: nas referências bibliográficas, Marcela deverá citar todos os autores usados em seu pôster e/ou mencionar os autores mais importantes usados na pesquisa.

Avançando na prática

Comportamento agressivo em crianças oriundas de famílias desestruturadas

Descrição da situação-problema

Na maioria das escolas, principalmente nas públicas, uma das queixas mais frequentes apresentadas por professores e coordenadores é em relação à agressão dos alunos. Essa agressão aparece nos relacionamentos com os colegas, com os professores e, muitas vezes, em relação ao próprio aluno. Ao consultar as famílias, é comum observarmos uma desestrutura (fragilidade nas relações) entre os membros, bem como a exposição constante das crianças a situações de violência (física e psicológica).

Com base na teoria da aprendizagem social de Bandura, como podemos compreender o comportamento dessas crianças?

Resolução da situação-problema

Para a teoria da aprendizagem social de Bandura, as crianças aprendem por observação, ou seja, reproduzem aquilo que observam no comportamento dos outros. São influenciadas pelos acontecimentos do meio e absorvem cognitivamente tudo o que está à sua volta. Nesse caso citado, podemos deduzir que crianças expostas constantemente a situações de violência tendem a aprender esse tipo de comportamento por observação e a reproduzi-lo em seu meio social. Para conseguirmos reverter a situação, é necessário retirar os modelos de violência presentes na vida da criança e modelar o seu comportamento para atender, adequadamente, as atitudes da vida em sociedade.

Faça valer a pena

1. Os estudos desenvolvidos pela psicologia, na época em que a TCC surgiu (início do século XX), envolviam ideias como:

- I. Insatisfação de psicanalistas e behavioristas a respeito dos modelos propostos para tratamento e diagnóstico das doenças mentais.
- II. Necessidade de compreensão sobre como as pessoas recebem e processam as informações do meio.
- III. Forte influência do papel da cognição sobre a maneira pela qual os indivíduos se comportam.

Está correto o que se diz em:

- a) I, II e III.
- b) I e II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II, apenas.
- e) III, apenas.

2. A TCC propõe um modelo próprio de desenvolvimento da personalidade, bem como um modelo de instalação das psicopatologias. Esse último descreve como os desvios no desenvolvimento da personalidade podem resultar na instalação e manutenção de transtornos psicológicos.

Assinale a alternativa que representa o uso da TCC no tratamento em psicologia:

- a) Interpretação de sonhos.
- b) Transtornos de ansiedade e de personalidade.
- c) Tratamento de traumas infantis.
- d) Classificação da personalidade em traços.
- e) Ressignificação de conteúdos inconscientes.

3. Walter Mischel desenvolveu uma teoria da personalidade voltada para a aprendizagem cognitivo-social. A respeito de sua teoria, podemos afirmar que:

- I. Faz críticas severas aos modelos dos traços propostos pelas abordagens psicodinâmicas.

Porque

- II. Sua teoria leva em conta comportamentos adquiridos ao longo do tempo.

Analizando essas afirmações, conclui-se que:

- a) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda justifica a primeira.
- b) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda não justifica a primeira.
- c) A primeira afirmação é verdadeira, e a segunda é falsa.
- d) A primeira afirmação é falsa, e a segunda é verdadeira.
- e) As duas afirmações são falsas.

Seção 2.3

A perspectiva existencial/humanista

Diálogo aberto

Olá, alunos!

Nesta seção, daremos continuidade às abordagens de cunho cognitivista, porém, aqui, enfatizaremos o olhar sobre a personalidade com base na relação cognição-percepção que aparece, principalmente, na teoria da gestalt. Também, iremos estudar as teorias existenciais/humanistas com foco na abordagem centrada na pessoa (ACP), de Carl Rogers, e a teoria da hierarquia das necessidades, de Abram Maslow.

Como você deve se lembrar, nas seções anteriores, você ajudou Joana e Marcela a desenvolverem um pôster sobre teoria da personalidade para apresentação em um importante congresso de psicologia. Sua tarefa, agora, é ajudar Flávia na elaboração de um pôster sobre a compreensão humanista/existencial em relação à formação da personalidade humana.

Como todo pôster a ser apresentado em um evento científico (como é o caso do congresso), devemos sintetizar os aspectos mais importantes a serem tratados. Flávia escolheu trabalhar seu pôster com base nas teorias cognitivo-perceptuais e, portanto, irá desenvolver uma breve revisão bibliográfica conceitual apontando como a teoria da gestalt, a abordagem centrada na pessoa e a teoria da hierarquia das necessidades de Maslow entendem a formação e o desenvolvimento da personalidade.

O pôster de Flávia deve seguir a seguinte formatação:

- Padrão ABNT (90 cm x 120 cm), orientação retrato (vertical).
- Conteúdo: tabela comparativa, objetivo e justificativa do trabalho, referências bibliográficas.

Não pode faltar

Iniciaremos nossos estudos sobre a teoria da personalidade de cunho existencial/humanista com base na análise da teoria da gestalt, que se enquadra nas perspectivas cognitivo-perceptuais. A palavra alemã *gestalt* não tem uma tradução adequada para o português, mas, de forma didática, os autores dizem que ela se aproxima daquilo que compreendemos por “forma ou configuração”.

A psicologia da gestalt (ou psicologia da forma) foi um movimento que começou na Alemanha no final do século XIX. Tornou-se bastante influente nesse país na década de 1920 e foi levado para os Estados Unidos na década de 1930. Os princípios centrais da teoria da gestalt concentram-se em três pontos: 1) os seres humanos buscam estabelecer relações de significado em seu ambiente; 2) os seres humanos organizam as sensações que têm do mundo ao redor em percepções significativas; e 3) os estímulos complexos não são reduzíveis à soma de suas partes (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004). A compreensão inicial desses pontos será importante para você entender a ideia de personalidade baseada na teoria da gestalt. Vejamos cada um deles.

A teoria da gestalt afirma que a percepção envolve a busca de significados. Esse significado pode ser uma propriedade emergente, não encontrada em nenhum por que um mesmo. A percepção não está no elemento em si, mas na mente de quem o percebe.



Exemplificando

O triângulo, que a maioria das pessoas percebe, emerge da justaposição de círculos incompletos. Essa imagem (do triângulo) existe apenas na mente do preceptor e não na figura em si.

Figura 2.3 | Percepção gestalt



Fonte: <<https://psicologiadimarketing.files.wordpress.com/2015/03/immagine-4.png>>. Acesso em: 22 out. 2016.

A visão da teoria da gestalt é a de que a configuração de um estímulo complexo é a sua essência (KOHLER, 1947 apud FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004). Com base nessa perspectiva, os elementos que fazem parte de um estímulo ou de uma experiência não podem se somar para recriar o original. A essência do original reside em suas complexas relações e em sua configuração geral, o que é percebido quando as subpartes são analisadas separadamente. Isso é o que os teóricos gestaltistas dizem sobre o todo ser maior do que a soma das partes. Na prática, isso quer dizer que não é possível analisarmos partes ou elementos de uma experiência vivida de forma isolada ou fragmentada, pois a constituição da experiência muda quando analisamos o todo vivido.

Embora a teoria da gestalt fosse aplicada principalmente nas áreas de percepção e solução de problemas, vários aspectos (tais como a ideia de dependência de campo e espaço vital) foram igualmente utilizados para desenvolver uma teoria da personalidade. Vejamos esses conceitos mais de perto com base na teoria de campo de Kurt Lewin (1965).

Kurt Lewin foi influenciado diretamente pela teoria da gestalt, mas, diferentemente da maioria dos teóricos gestaltistas, ele se concentrou nas áreas da personalidade e da psicologia social. Lewin tornou pública sua teoria de campo em 1935. Essa teoria defende que a forma como uma pessoa interage com o mundo, ou seja, a personalidade, depende, basicamente de dois fatores: 1) da totalidade dos fatos coexistentes no meio; 2) da influência de forças exercida entre fatos e eventos que acontecem no campo dinâmico (espaço vital) que é constituído por todas as foças, interna e externas, que atuam sobre o indivíduo e as relações estruturais entre a pessoa e o meio ambiente.



Exemplificando

A vida familiar de uma pessoa poderia ser a área do espaço vital, e a religião, outra área do espaço vital. Para algumas pessoas, os espaços são divididos livre e claramente, isto é, têm fronteiras que mantêm as questões e emoções de cada uma das áreas totalmente independentes. Já para outras pessoas, as fronteiras são mais abertas, de modo que as diferentes áreas da vida exercem maior influência entre si (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004). A percepção que a pessoa tem em relação aos espaços vitais é dada pela relação organismo-meio (subjetividade, cognição, estímulos ambientais).

É no campo psicológico que a pessoa reconhece a si mesma e o mundo externo. Nesse ambiente, as pessoas, objetos e situações podem ter valências diferentes (positivas ou negativas). A valência positiva acontece quando as forças do campo se atraem e vão ao encontro das necessidades do indivíduo e da sua satisfação. Já a valência negativa acontece quando as forças podem ou sugerem causar algum dano ou prejuízo à pessoa. A primeira atrai e a segunda causa repele, criando nessa situação uma força, um vetor. Um vetor tende a criar a “locomoção” em certa direção. O modelo de comportamento humano proposto pela teoria de campo de Kurt Lewin (1965) pode ser representado pela equação: $C = f(P, M)$. Na qual (C) = comportamento, que é o resultado da função (f), interação entre a pessoa (P) e seu meio externo (M). Isso quer dizer que o comportamento da pessoa se deve às suas características genéticas e à sua aprendizagem (perceptual-cognitiva) em contato com o meio. Essa teoria explica por que um mesmo objeto pode ser visto e interpretado de modo diferente por cada pessoa.



Pesquise mais

Obtenha mais informações sobre a teoria de campo de Kurt Lewin e sua importância para a compreensão do comportamento humano na teoria da gestalt por meio do livro:

LEWIN, Kurt. **Teoria de campo em ciência social**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Pioneira, 1965. p. 177.

A definição de Lewin de personalidade converge para a condição momentânea do indivíduo. Pelo fato de Lewin ter observado de perto os processos mentais (pensamentos, aprendizagem, memória, atenção etc.) das pessoas, independentemente do momento, sua abordagem pode ser considerada cognitiva. Isso demonstra que as várias abordagens da personalidade podem, às vezes, sobrepor mais de um aspecto básico, como é o caso da gestalt, que trabalha com base na cognição e na percepção (além de conter elementos da abordagem interacionista).

Para citar um exemplo de abordagem perceptual-cognitiva que se desenvolveu diretamente da psicologia da gestalt, vejamos o conceito chamado dependência de campo. Esse conceito diz que todas as pessoas têm uma forma distinta, constante e cognitiva de lidar com suas tarefas diárias de percepção, solução de problemas e tomadas de decisões. Os indivíduos são diferentes em uma série de dimensões (LEWIN, 1965).



Refletá

Vamos pensar sobre como as pessoas percebem as coisas no mundo:

Quando os objetos variam na cor e na forma, qual dimensão é vista pela pessoa como mais importante? Costumam agir de forma mais atenta ou desatenta? Ao se relacionar com coisas e/ou pessoas tendem a ser analíticas (concentram-se nas partes distintas das coisas) ou sintetizadoras (concentram-se nos padrões)? Veem o mundo de modo complexo e sofisticado ou de maneira simples?

Uma resposta para essas diferenças no estilo de cognição é chamada de dependência de campo, que pode ser entendida como variável de personalidade. As pessoas altamente dependentes de campo costumam ser influenciadas por aspectos do campo externo (contexto). Isso significa que tais pessoas, ao tentarem resolver algum problema, tendem a olhar mais para o contexto em que a situação ocorre, ou seja, prestam mais atenção aos aspectos salientes (altamente perceptíveis), mas não diretamente relevantes para a solução. Já as pessoas independentes de campo não são tão influenciadas por fatores contextuais. O estilo independente de campo é mais analítico e admite níveis mais complexos de reestruturação na solução de problemas. O comportamento desses indivíduos é mais influenciado por aspectos internalizados da situação em que está solucionando um problema. A tabela proposta por Friedman e Schustack (2004) irá ajudá-lo a compreender melhor as características associadas com a independência de campo.

Tabela 2.2 | Características associadas à independência de campo

SITUAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Brincadeira preferida	Tendem a preferir brincadeiras solitárias a brincadeiras sociais.
Padrões de socialização	São socializadas, enfatizam a autonomia em vez da conformidade.
Opções de carreira	Tendem a ocupar cargos tecnológicos a cargos humanitários.
Distância interpessoal preferida em uma conversa	Tendem a sentar-se mais longe do interlocutor.
Contato nos olhos	Tendem a olhar com menos frequência e de forma não prolongada nos olhos do interlocutor.

Fonte: adaptada de Friedman e Schustack (2004).

A dependência de campo é útil como descrição de diferenças individuais na personalidade, porque pode ser avaliada confiavelmente por meio de diferentes instrumentos (como o teste de atenção e rastreio visual (VSAT) e a prova de inteligência de fator G); além do mais, tende a ser consistente no indivíduo com o passar do tempo (até mesmo da infância para a fase adulta). A posição de uma pessoa em relação à dependência de campo está associada a muitos aspectos do comportamento, especialmente o interpessoal (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004). Os mesmos autores ainda destacam que existem muitas outras variáveis cognitivo-perceptuais que influenciam a personalidade, entre elas: a dominância hemisférica do cérebro e a complexidade cognitiva (o quanto uma pessoa é capaz de lidar com as diversas situações da vida a partir das certezas e incertezas). De maneira geral, a teoria da gestalt entende que a personalidade de uma pessoa depende, basicamente, dos fatores genéticos, cognitivos e perceptuais envolvidos na relação organismo-meio.

A teoria da gestalt influenciou e serviu de base epistemológica para diversos movimentos dentro da psicologia durante a segunda metade do século XX, entre eles, a psicologia existencial/humanista. Contaremos com Friedman e Schustack (2004) para abordarmos mais de perto:

Psicologia existencial/humanista

O surgimento da psicologia humanista, também chamada de terceira força em psicologia, ocorreu na década de 1950, ganhando força nos anos de 1960 e 1970. Foi chamada de terceira força em psicologia, porque nasceu como uma reação às abordagens psicológicas usadas até o momento, ou seja, à psicanálise e ao behaviorismo. O movimento humanista não teve a intenção de revisar ou adaptar as teorias já existentes, mas sim de oferecer uma nova forma de se pensar o humano.

No que se refere às críticas, podemos afirmar que, em relação ao behaviorismo e às abordagens comportamentais, os argumentos recaíam na ideia de que a forma de pensar o ser humano era reduzida, artificial e não se aplicava à natureza humana. Já em relação à psicanálise, a divergência estava na ênfase que a abordagem oferecia a questões ligadas ao inconsciente, explicações biológicas excessivas e a busca por traumas ou situações passadas (normalmente na infância) para compreensão do ser humano no presente. Criticava-se, também, o estudo das neuroses e psicoses, além da ideia de divisão entre mente e corpo.

Para as abordagens humanistas, as experiências infantis podem ajudar ou prejudicar a autoatualização (ou autorrealização) - que é a capacidade de exercer plenamente os potenciais do indivíduo - mas, de forma alguma são consideradas determinantes. A capacidade de o homem alterar consciente e racionalmente seus pensamentos e comportamentos indesejáveis fornece ao momento presente um grande peso na formação da personalidade do indivíduo. Para essa abordagem, os indivíduos bem ajustados psicologicamente têm autoconceitos realistas, sendo a angústia psicológica

advinda do impasse ou da desarmonia entre o autoconceito real (o que se é de fato) e o ideal para si (o que se deseja ser).

Conforme você já deve ter estudado em outras disciplinas, as abordagens existências/humanistas têm como base epistemológica a filosofia existencial e fenomenológica.



Pesquise mais

Nessa disciplina, não abordaremos as influências das filosofias existenciais e fenomenológicas na abordagem humanista, mas você pode fazer uma revisão sobre tais influências e compreender as bases epistemológicas das abordagens humanistas lendo o artigo:

AMATUZZI, Mauro Martins. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 93-100, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a10v26n1.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2016.

Abordagem centrada na pessoa (ACP)

Segundo Torres (2010), a teoria da personalidade proposta na ACP é dividida pelos autores Sommers-Flanagan & Sommers-Flanagan (2006) em quatro aspectos centrais: **1) teoria do self; 2) a fenomenologia e a valorização da experiência; 3) aprendizagem e crescimento potenciais; 4) condições de valor.**

Vamos estudar cada um desses pontos que foram abordados por Sommers-Flanagan & Sommers-Flanagan (2006 apud TORRES, 2010) para compreender a teoria da personalidade proposta pela ACP.

- 1. Teoria do self:** toda pessoa é o centro de um mundo em permanente mutação no qual vive. Por isso, o self (palavra inglesa que significa eu, em português, ou ego, em latim), também chamado de autoconceito, não pode ser considerado uma estrutura fixa, como uma instância de um aparelho psíquico. O self seria uma estrutura em processo, capaz tanto de permanecer estável, como de se modificar. Tal compreensão é possível a partir da premissa do homem como um vir-a-ser, ou seja, como algo que nunca está definitivamente acabado, sempre podendo surpreender e criar novas possibilidades. Uma das premissas da psicologia humanista é a de que o homem é um ser de possibilidades (ou de potencialidades). Para entendermos como o self se relaciona com toda a personalidade, é preciso, antes, situá-lo e, para isso, precisamos falar do organismo. Em ACP, organismo é o campo completo das experiências vividas pela pessoa, enquanto o self seria a parte do eu desse

organismo, ou seja, aquela parte na qual nós reconhecemos como sendo nós mesmos. O self tem conteúdos tanto conscientes como inconscientes. Dividir a compreensão da pessoa entre organismo e self, embora pareça uma tendência reducionista, possibilita, na verdade, entender que o self pode estar coerente ou incoerente com a experiência psicológica vivida pelo organismo. Caso esteja incoerente com a experiência do organismo, esse fenômeno recebe o nome de incongruência. Caso haja coerência entre a experiência do organismo e o self, o fenômeno é chamado de congruência. A congruência leva à maturidade e ao pleno funcionamento do indivíduo, assim, obviamente, a congruência será um parâmetro de saúde psicológica e um objetivo a ser alcançado pela terapia centrada na pessoa (TCP), ou também chamada de abordagem centrada na pessoa (ACP).

2. **A fenomenologia e a valorização da experiência:** mesmo não tendo elaborado sua teoria com base em estudos da fenomenologia, mas por tê-la encontrado como referência quando já havia desenvolvido grande parte dos seus pensamentos, Carl Rogers (criador da ACP) identificou uma série de semelhanças e intuições próximas às suas, chegando a afirmar que sua teoria "é de caráter basicamente fenomenológico e se fundamenta fortemente no conceito do self como conceito explanatório" (SOMMERS-FLANAGAN; SOMMERS-FLANAGAN, 2006, p. 34). Da mesma forma como propõe a fenomenologia, a ACP valoriza a experiência pessoal direta – o que inclui a intuição como conhecimento – e, além disso, ajuda os clientes a serem mais abertos às experiências pessoais e gerais. Supõe-se, assim, que a aprendizagem é melhor desenvolvida por meio da experiência vivida, na qual o self julga se determinada ação ou sentimento promove ou não a automelhora, partindo, a teoria, portanto, de uma postura fenomenológica. Para entender mais sobre a fenomenologia, leia o artigo já indicado na caixa *Pesquise mais*.
3. **Aprendizagem e crescimento potenciais:** esse tópico também poderia ser chamado de tendência ao crescimento ou tendência atualizante. De forma geral e resumida, pode-se afirmar que Carl Rogers acredita no crescimento – ou atualização – como uma tendência humana. O termo atualização é pertinente e preferido pelos especialistas em ACP por ser uma referência à compreensão do humano como processo. Aprender e crescer, portanto, seria relativo à capacidade de se atualizar durante as frequentes mudanças do mundo e, consequentemente, da experiência. Dessa forma, podemos entender que pessoas com uma personalidade mais saudável (emocionalmente falando) seriam aquelas com maior capacidade de autoatualização.

Uma curiosidade sobre a infância de Carl Rogers pode nos ajudar a compreender a ideia de tendência atualizante. Carl Rogers cresceu numa fazenda e presenciou muitos fenômenos inerentes à natureza. Certa vez, o pequeno Carl notou que, de

um amontoado de batatas jogadas no porão escuro de sua casa, apesar de uma série de condições adversas para a germinação daquelas plantas, uma rama havia brotado de uma batata e, em busca da luz, começava a sair por uma fresta da porta do porão. Essa situação mostrou que, apesar de todos os empecilhos que podem surgir, a vida pungente no organismo é capaz de vencê-los, atualizando-se e crescendo a partir das condições que lhe são impostas. Dessa forma, a ACP acredita que as pessoas podem simplesmente aprender de uma hora para outra, pois são capazes de se atualizar de repente com suas experiências sem nenhuma causa determinante específica (SOMMERS-FLANAGAN; SOMMERS-FLANAGAN, 2006).

4. Condições de valor: além de se manter e de melhorar, a ACP acredita que o organismo assume algumas necessidades aprendidas. As duas principais são: 1) aceitação positiva; e 2) a necessidade de autoconsideração. Enquanto os bebês e as crianças crescem com seus cuidadores, duas coisas acontecem: 1) o bebê começa a desenvolver uma consciência cada vez maior do self: mais ou menos aos 2 anos de idade, quando diz, com frequência, palavras como: "meu!" e "não!"; 2) a criança, durante o crescimento, desenvolve uma forte necessidade de aprovação por parte das outras pessoas (aceitação positiva), buscando ser recompensada e amada. É comum constatar crianças que ficam olhando para os seus cuidadores, esperando aceitação e aprovação. Para um desenvolvimento saudável, não deve haver nenhuma condição de valor para que haja uma aceitação da pessoa. Quando são colocadas condições para a aceitação, trata-se de uma aceitação condicionada ao cumprimento desses valores, entendendo-se que o não cumprimento das condições implica não aceitar ou aprovar essa pessoa. É nesse contexto que as crianças começam a entender que existe uma troca de ações e/ou afetos para serem aceitas. (SOMMERS-FLANAGAN; SOMMERS-FLANAGAN, 2006)



Exemplificando

Veja um exemplo prático de aceitação positiva. Uma mãe pode dizer ao filho: "vou gostar mais de você, se o seu quarto estiver arrumado". Imediatamente, entende-se que, se ele não arrumar o quarto (ou não se comportar, ou não fizer o que a mãe quer), ela não gostará dele, colocando, assim, uma condição para o afeto (gostar/amar).

Da mesma forma que a consideração positiva, a autoconsideração também deve ser incondicional, isto é, a pessoa deve se desenvolver de forma a não se colocar condição para se aceitar (o que pode ocorrer quando sofre tantas imposições de condições de valor). Porém, nem sempre a aprovação acontece. As crianças passam a distinguir os sentimentos e as ações aprovados dos desaprovados e criam condições de valor para si mesmas durante a vida. As crianças internalizam a avaliação que percebem de seus cuidadores, independentemente de serem coerentes com suas experiências orgânicas ou não.



Exemplificando

Uma menina que brinca com meninos é desaprovada quando tem atitudes rudes e agressivas típicas de meninos. Sem clareza da situação, podemos imaginar algumas conclusões que a menina venha a tirar:

- 1) "Quando brinco de luta ou de carrinho igual aos meninos, eu sou má".
- 2) "Meus pais não gostam de mim, porque eu brinco igual aos meninos".
- 3) "Mesmo quando eu tenho vontade, eu não gosto e não posso gostar de brincar igual aos meninos".

Nenhuma dessas conclusões consegue valorizar o gosto total da criança, levando-a à incongruência (TORRES, 2010).

Nesse exemplo citado, vemos que a condição de valor é claramente incongruente com o valor orgânico da menina. Se essa situação se tornar frequente, inicia-se um conflito ou uma discrepância entre os valores introjetados, que são geralmente conscientes, e os valores genuínos, que são geralmente inconscientes. Quanto mais a pessoa perde contato com seu self e seus desejos, mais provável é o desenvolvimento de uma psicopatologia, uma sensação de desconforto na existência, ou seja, problemas em termos de personalidade.

A menos que o self se torne mais congruente com a realidade, a pessoa vai interpretar a realidade para ajustá-la à sua autoimagem, não importando o quanto isso seja agressivo com relação à sua verdadeira experiência e à realidade externa. Dessa forma, a incongruência leva à uma distorção da percepção de mundo, e as pessoas podem desenvolver uma personalidade doente, ou seja, com grandes distorções entre o self real e o ideal.

Além da abordagem centrada na pessoa desenvolvida por Carl Rogers, outra abordagem teórica de cunho existencial/humanista ofereceu um importante trabalho para as teorias da personalidade no aspecto motivacional: a chamada teoria das necessidades, de Abraham Maslow.

Abraham Maslow e a teoria da hierarquia das necessidades

Abraham Maslow, assim como outros psicólogos humanistas, foi um crítico das abordagens comportamentalistas e da psicanálise, particularmente da teoria de personalidade proposta por Freud. Segundo Maslow (1970, p. 180), quando os psicólogos estudam somente exemplos anormais e emocionalmente perturbados, ignoram qualidades humanas positivas, como felicidade, satisfação e tranquilidade. Dizia que: "o estudo de espécimes avariados, atrofiados, imaturos e não saudáveis só pode produzir uma psicologia defeituosa".

O mesmo autor tinha como foco de estudo o lado mais desenvolvido da natureza humana e procurou analisar as pessoas mais criativas, saudáveis e maduras da sociedade. Dessa forma, estipulou que a sua abordagem sobre personalidade avaliaria os melhores representantes da espécie humana (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).



Exemplificando

Ao querer estipular quanto rápido os seres humanos são capazes de correr, você não deve estudar o corredor médio, mas sim o mais veloz que puder encontrar. Somente assim é possível determinar o alcance completo do potencial do ser humano.

A teoria da personalidade de Maslow não tem origem em histórias de casos de pacientes clínicos (como acontece com outras abordagens, como a psicanálise), mas em pesquisas com adultos criativos, independentes, autossuficientes e realizados. O autor concluiu que as pessoas nascem com os mesmos potenciais e as mesmas necessidades instintivas que nos capacitam a crescer, a nos desenvolver e a conquistarmos nossos potenciais. Assim, toda pessoa já nasce com um potencial inato para o crescimento, o desenvolvimento e a realização. Partindo dessa ideia, Maslow desenvolveu uma teoria que chamou de teoria das hierarquias das necessidades, que ficou mundialmente conhecida como a Pirâmide de Maslow.

De acordo com a imagem representada na pirâmide, a hierarquia de necessidades abrange necessidades fisiológicas (por alimento, oxigênio, água, sono etc.), de segurança (proteção física e emocional), de socialização (viver com outros humanos), de estima (status, reconhecimento) e de autorrealização (exercer o máximo de potencial, talento e capacidade). As necessidades da base da pirâmide precisam ser satisfeitas para que as superiores surjam, daí a ideia de hierarquia das necessidades. Quanto mais inferior for a necessidade, maior é a sua força. Veja que existe um dinamismo na relação estabelecida entre a pessoa (organismo) e o meio (que oferta as possibilidades de realização das necessidades emergentes). Assim, para Maslow, a ideia de personalidade não é estática, mas sim construída na relação que o organismo estabelece com o meio, ou seja, se as necessidades básicas são satisfeitas pelo meio, as chances de a pessoa se tornar um autorrealizador (topo da pirâmide) é muito maior (MASLOW, 1970).

Figura 2.4 | Pirâmide de Maslow



Fonte: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/upload/conteudo/images/maslow.jpg>>. Acesso em: 24 out. 2016.



Assimile

Quanto mais próximo do topo da pirâmide o sujeito estiver, maiores são as chances de desenvolvimento de uma personalidade autorrealizadora, que possibilita condições de ser e exercer o melhor de si.

Schultz e Schultz (2015) apontam que, no topo da Pirâmide de Maslow, há características que revelam uma pessoa autorrealizadora, a saber: percepção clara da realidade, aceitação de si, dos outros e da natureza, espontaneidade, simplicidade e naturalidade, dedicação a uma causa, independência e necessidade de privacidade, vigor na apreciação, vivência e experiência culminantes (de êxtase), interesse social, relações interpessoais profundas, tolerância e aceitação dos outros, criatividade e originalidade, resistência a pressões sociais.



Faça você mesmo

Pesquise na internet sobre as biografias de Albert Einstein (renomado físico) e Harriet Tubman (líder do movimento abolicionista à época da Guerra Civil Americana) e veja as características de personalidade autorrealizadora presentes em tais biografias.

Sem medo de errar

Para ajudar Flávia (nossa psicóloga que irá participar de um importante congresso de psicologia) a elaborar seu pôster sobre os conceitos de personalidade segundo as abordagens de cunho cognitivo-perceptual (teoria da gestalt, abordagem centrada na pessoa e teoria da hierarquia das necessidades de Maslow), sugerem-se os seguintes passos:

1. Realizar pesquisa de levantamento bibliográfico: sugerimos alguns artigos, mas utilize-se de sua autonomia intelectual e procure por outras fontes também.

Teoria da gestalt:

LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Teoria organísmica. **Instituto de Gestalt-terapia na Rede**, v. 2, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs2/index.php/ignarede/article/view/1742/2399>>. Acesso em: 25 out. 2016.

Abordagem centrada na pessoa:

SANTOS, Cecília Borja. Abordagem centrada na pessoa: relação terapêutica e processo de mudança. **Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca**, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.psilogos.com/Revista/Vol1N2/Indice2_ficheiros/Santos.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

Teoria da hierarquia das necessidades de Maslow:

AGUIAR, Ronaldo Aparecido et al. **A experiência criativa infantil em Abraham Maslow**. Disponível em: <http://www.faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/7f2HDPxI4K4jnLY_2013-5-13-16-1-47.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

Para complementar sua pesquisa, faça busca em livros da biblioteca da sua faculdade e/ou em bases de dados de pesquisa, tais como LILACS (Disponível em: <<http://lilacs.bvsalud.org/>>). Acesso em: 12 dez. 2016), Portal de Periódicos CAPES/MEC (Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>). Acesso em: 12 dez. 2016) e Scielo Brasil (Disponível em: <<http://www.scielo.br/?lng=pt>>). Acesso em: 12 dez. 2016). Para isso, utilize palavras-chaves, por exemplo, personalidade, teoria da gestalt, teoria de Maslow, abordagem centrada na pessoa.

2. Selecionar os materiais que apontam para a compreensão do comportamento humano segundo cada abordagem e fazer um fichamento destacando as ideias de personalidade.
3. Elaborar uma tabela comparativa sobre como cada abordagem pesquisada comprehende a formação e o desenvolvimento da personalidade. Nessa tabela, destaque as seguintes informações:
 - Abordagem teórica.
 - Principal representante.
 - Compreensão do comportamento humano.
 - Conceito de personalidade para cada uma das abordagens.
4. Destacar qual é a justificativa para a realização de um estudo como esse. Lembre-se de destacar a importância das teorias da personalidade para fundamentação de uma abordagem teórica em psicologia.
5. Mencionar todas as referências bibliográficas utilizadas no pôster de acordo com as normas da ABNT (Disponível em: <<http://www.anhanguera.com/bibliotecas/biblioteca-virtual/pagina/normalizacao>>. Acesso em: 12 dez. 2016).

Avançando na prática

Personalidades autorrealizadoras no ambiente organizacional

Descrição da situação-problema

Imagine que você é o psicólogo organizacional de uma empresa de médio porte. Entre as suas múltiplas funções, destaca-se a importância de desenvolver programas que favoreçam o desenvolvimento das potencialidades dos funcionários, em especial, dos líderes de setor, afinal, ter funcionários que trabalham utilizando o máximo de seu potencial é tudo o que uma empresa mais quer. Com base na teoria da hierarquia das necessidades desenvolvida por Abraham Maslow, como você poderia pensar em programas ou ações organizacionais cujo objetivo seja desenvolver personalidades autorrealizadoras?

Resolução da situação-problema

Para resolver essa situação, é importante que você pesquise o tema motivação dentro da teoria da hierarquia das necessidades. Maslow dizia que não é possível motivar ninguém a fazer ou produzir alguma coisa, isso porque a motivação é algo interno (subjetivo), sendo que o que pode ser feito é criar condições para que a pessoa se automotiva a produzir ou realizar determinada tarefa. Veja mais sobre isso em:

BUENO, Marcos. As teorias de motivação humana e sua contribuição para a empresa humanizada: um tributo a Abraham Maslow. **Revista do Centro de Ensino Superior de Catalão**, ano 4, n. 6, 2002. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/site_antigo/prof/foto_p_downloads/fot_10529as_teobias_de_motivayyo_humana_e_sua_contribuiyoy_paba_a_empbesa_humanizada_pdf.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

Partindo desse entendimento, seria interessante a realização de uma pesquisa de clima organizacional na qual os funcionários pudessem apontar quais necessidades não estão sendo atendidas. Veja um modelo de pesquisa de clima organizacional em:

BISPO, Carlos Alberto Ferreira. Um novo modelo de pesquisa de clima organizacional. **Produção**, v. 16, n. 2, p. 258-273, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prod/v16n2/06>>. Acesso em: Acesso em: 24 out. 2016.

A partir dos resultados dessa pesquisa, verifique com a empresa que tipo de mudanças organizacionais seriam possíveis de realização a fim de satisfazer algumas das necessidades apontadas pelos funcionários. Além disso, poderiam ser realizados programas de treinamento e desenvolvimento a fim de satisfazer as necessidades de estima e programas motivacionais que proporcionem aos funcionários soluções inovadoras e criativas para cumprimento de metas, bem como desenvolvam o relacionamento interpessoal na equipe. Se pensarmos que, para Maslow, uma personalidade autorrealizadora é aquela que tem a maioria das necessidades (fisiológicas, segurança, social e estima) satisfeitas pelo meio, podemos concluir que programas organizacionais bem planejados e executados podem colaborar para o desenvolvimento de personalidades sadias.

Faça valer a pena

1. As várias abordagens da personalidade podem, às vezes, sobrepor mais de um aspecto básico, como é o caso da teoria da gestalt. A respeito desse assunto, podemos afirmar que:

- I. A teoria da gestalt se enquadra dentro das chamadas teorias cognitivas da personalidade.

Porque

- II. Existe a preocupação em considerar os aspectos cognitivos e perceptivos na compreensão do comportamento

Analizando essas afirmações, conclui-se que:

- a) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda justifica a primeira.
- b) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda não justifica a primeira.

- c) A primeira afirmação é verdadeira, e a segunda é falsa.
- d) A primeira afirmação é falsa, e a segunda é verdadeira.
- e) As duas afirmações são falsas.

2. A abordagem centrada na pessoa foi desenvolvida pelo psicólogo humanista Carl Roger, que propôs quatro aspectos centrais para a compreensão da personalidade: I. teoria do self; II. fenomenologia e valorização da experiência; III. aprendizagem e crescimento pessoal; IV. condição de valor.

Associe cada ideia-chave apresentada a seguir ao seu correto aspecto, conforme mencionado no texto:

- A. Aceitação positiva e necessidade de autoconsideração.
- B. Centro de um mundo em permanente mutação.
- C. Composição da intuição como conhecimento.
- D. Atualização como uma tendência humana.

A alternativa que apresenta a correta associação está em:

- a) I=B; II=C; III=D; IV=A.
- b) I=A; II=C; III=B; IV=D.
- c) I=B; II=C; III=A; IV=D.
- d) I=C; II=B; III=D; IV=A.
- e) I=A; II=D; III=C; IV=B.

3. Abraham Maslow ficou conhecido com o pai da teoria da hierarquia das necessidades.

Sua teoria trata, basicamente de:

- a) Reconhecer as diversas personalidades humanas e agir com as pessoas de acordo com o formato da personalidade de cada um.
- b) Reconhecer as diversas formas de motivação humana e ensinar as empresas a elaborarem propostas para programas motivacionais individuais.
- c) Reconhecer as particularidades das motivações humanas e ajustá-las a uma forma de motivação coletiva para melhor atendê-las.
- d) Reconhecer as necessidades humanas e atendê-las em ordem aleatória.
- e) Reconhecer a hierarquia das necessidades humanas e atendê-las em ordem hierárquica.

Referências

- AGUIAR, R. A. et al. **A experiência criativa infantil em Abraham Maslow.** Disponível em: <http://www.faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/7f2HDPxI4K4jNLY_2013-5-13-16-1-47.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.
- ALMEIDA, A. P. et al. Comparação entre as teorias da aprendizagem de Skinner e Bandura. **Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde**, Maceió, v. 1, n. 3, p. 81-90, nov. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosaude/article/view/905/608>>. Acesso em: 26 out. 2016.
- AMATUZZI, M. M. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 93-100, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a10v26n1.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2016.
- BANACO, R. A. et al. Personalidade. In: HÜBNER, M. M. C.; MOREIRA, M. B. (Orgs.). **Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BECK, A. T. et al. **Terapia cognitiva dos transtornos e personalidade**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BISPO, C. A. F. Um novo modelo de pesquisa de clima organizacional. **Produção**, v. 16, n. 2, p. 258-273, maio/ago., 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prod/v16n2/06>>. Acesso em: 24 out. 2016.
- BUENO, M. As teorias de motivação humana e sua contribuição para a empresa humanizada: um tributo a Abraham Maslow. **Revista do Centro de Ensino Superior de Catalão**, ano 4, n. 6, 2002. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/site_antigo/prof/foto_p_downloads/fot_10529as_teobias_de_motivayyo_humana_e_sua_contibuiyyo_paba_a_empbesa_humanizada_pdf.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.
- CALLEGARO, M. M. A neurobiologia da terapia do esquema e o processamento inconsciente. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872005000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 ago. 2016.
- CLONINGER, S. C. **Teorias da personalidade**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COACHING Mais50. **O teste do marshmallow.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LHbOkjOEusM>. Acesso em: 20 out. 2016.

FRIEDMAN, H.; SCHUSTACK, M. **Teorias da personalidade:** da teoria clássica à pesquisa moderna. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da personalidade.** Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

KERBAUY, R. R. Terapia comportamental cognitiva: uma comparação entre perspectivas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 9-23, 1983. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931983000100002>. Acesso em: 18 out. 2016.

LEAHY, R. L. (Org.). **Terapia cognitiva contemporânea:** teoria, pesquisa e prática. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social.** Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Pioneira, 1965.

LIMA, P. V. A. Teoria organísmica. **Instituto de Gestalt-terapia na Rede**, v. 2, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/view/1742/2399>>. Acesso em: 25 out. 2016.

LUNDIN, R. W. **Psicologia da personalidade.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

MASLOW, A. **Motivação e personalidade.** 2. ed. New York: Harper & Row, 1970.

MATOS, M. A. **O behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical.** 1995. Disponível em: <<http://www.itcrcampinas.com.br/txt/behaviorismometodologico.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2016.

MICHELETTO, N. Bases filosóficas do behaviorismo radical. In: BANACO, R. A. (Org.). **Sobre comportamento e cognição.** Santo André: Arbytes, 1997. v. 1. p. 29-44.

PEAKE, P.; MISCHEL, W. Getting lost in the search for large coefficients: reply to conley. **Psychological Review**, v. 91, n. 4, p. 497-501, 1984.

ROCHA, Natália Quintela et al. **A teoria da personalidade na terapia cognitiva de Aaron.** 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2314>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

SANTOS, C. B. Abordagem centrada na pessoa: relação terapêutica e processo de mudança. **Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca**, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.psilogos.com/Revista/Vol1N2/Indice2_ficheiros/Santos.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade.** Tradução de Priscila Lopes e Lívia Koepll. 3. ed. São Paulo: Centage Learning, 2015.

SCRIBEL, M. C.; SANA, M. R.; BENEDETTO, A. M. Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872007000200004>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SERRA, A. M. M. Terapia cognitiva, terapia cognitivo-comportamental e terapia comportamental. **ICT - Instituto de Terapia Cognitiva**, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.itcbr.com/artigo_drana_tc.shtml>. Acesso em: 24 ago. 2016.

_____. Terapia cognitivo-comportamental - um novo conceito em psicoterapia breve. **ICT - Instituto de Terapia Cognitiva**, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://itcbr.com/artigo_drana_tcc.shtml>. Acesso em: 17 out. 2016.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000100010>. Acesso em: 1 nov. 2016.

_____. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SOMMERS-FLANAGAN, J.; SOMMERS-FLANAGAN, R. **Teorias de aconselhamento e de psicoterapia**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

TORRES, A. R. R. **Princípios e conceituações das abordagens centrada na pessoa e suas aplicações nos campos clínicos, educação, organizações e saúde**. Manuscrito não publicado. 2010.

WRIGHT, J. H.; BASCO, M. R.; THASE, M. E. **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental**: um guia ilustrado. Porto Alegre: Artmed, 2009.

YOUNG, J. E. **Terapia cognitiva para transtornos da personalidade**: uma abordagem focada no esquema. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 88 p. focada em esquemas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Teorias da personalidade de bases psicodinâmicas

Convite ao estudo

Olá, futuro psicólogo.

Terminamos a Unidade 2 da disciplina *Teorias da personalidade*, na qual estudamos as teorias da personalidade com base nas abordagens comportamentais e existencial/humanista.

Neste momento, daremos início à terceira unidade da disciplina com o tema: teorias da personalidade de bases psicodinâmicas. Esse assunto é importante para que você compreenda como a psicanálise de Freud, a teoria analítica de Jung e as teorias sociopsicanalíticas desenvolveram a ideia de personalidade.

Ao final desta unidade, você deverá desenvolver algumas competências profissionais importantes, tais como diferenciar as abordagens psicodinâmicas (psicanálise de Freud, psicologia de Jung e teorias sociodinâmicas), conhecer as estruturas psíquicas e suas relações com a dinâmica da personalidade, entender as funções dos mecanismos de defesa na constituição da personalidade, reconhecer os tipos psicológicos segundo Jung e analisar as fases do desenvolvimento psicossocial segundo Erikson. Para isso, faremos como nas demais unidades e partiremos de um contexto de aprendizagem no qual você poderá visualizar como esses conceitos se aplicam na vida profissional de um psicólogo.

O contexto de aprendizagem para a Unidade 3 é o seguinte: Adriana é psicóloga social e trabalha numa ONG que presta atendimento multidisciplinar para adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Essa ONG tem como objetivo acolher jovens com problemas disciplinares (tanto na escola como em

casa) e oferecer ajuda psicológica, além da oportunidade de aprender ofícios, como corte e costura, artesanato, mecânica, marcenaria e culinária. Adriana tem muitas funções dentro da ONG, das quais citamos orientar e planejar, juntamente com a equipe de assistência social, como será o trabalho de abordagem dos jovens e seus familiares. Suas atividades práticas envolvem elaboração de projetos com os temas identidade, cidadania, trabalho e sexualidade, além da orientação psicológica (individual e em grupo) e programas de incentivos para aprendizagem de um ofício e ingresso no mercado de trabalho.

Vamos ajudá-la nesse importante trabalho?

Seção 3.1

Teoria psicanalítica de Freud

Diálogo aberto

Olá, aluno.

Conforme você leu no contexto de aprendizagem, iremos ajudar Adriana, nossa psicóloga social, a elaborar projetos para a ONG em que trabalha. Na Seção 3.1, Adriana vai partir da teoria psicanalítica de Freud para elaborar uma vivência (que é uma experiência dirigida) sobre o tema sexualidade com jovens entre 14 e 18 anos de idade. Ela pensou em trabalhar essa temática com base nas dúvidas e experiências relatadas pelos próprios participantes e, para isso, vai precisar conhecer conceitos fundamentais da psicanálise freudiana (desenvolvimento psicossexual, mecanismos de defesa, formação das estruturas psíquicas), a fim de identificar como essa teoria aborda a formação e o desenvolvimento da personalidade. Para Freud, a personalidade é formada a partir das experiências que o sujeito teve nas diversas fases do desenvolvimento psicossexual. Portanto, é importante que você conheça a teoria de Freud, as estruturas psíquicas (id, ego e superego), as fases do desenvolvimento psicossexual e os mecanismos de defesa a fim de preparar uma vivência que auxilie os jovens a refletirem sobre a sexualidade. Partindo dessa compreensão, que tipo de atividades ela poderia desenvolver para trabalhar a temática e como essas vivências podem ajudar os jovens?

Não pode faltar

Sigmund Schlomo Freud, mundialmente conhecido como Freud, é considerado o “pai da psicanálise” - embora alguns autores discordem desse título, atribuindo-o ao seu mestre Jean-Martin Charcot. A vida de Freud foi amplamente estudada e divulgada, logo você poderá pesquisar mais informações sobre a sua biografia na subseção *Pesquise mais*.

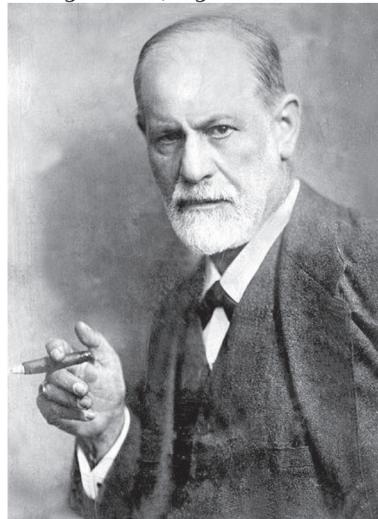
Schultz e Schultz (2015) ressaltam que a teoria da psicanálise desenvolvida por Freud foi a primeira teoria formal sobre a personalidade e continua, até hoje, sendo uma das mais conhecidas. O trabalho de Freud não só afetou a forma de pensar

a personalidade nas áreas de psicologia e psiquiatria, como também causou um enorme impacto na nossa maneira de encarar a natureza humana. Muitas das teorias da personalidade propostas depois de Freud são derivações ou elaborações da sua obra básica, como é o caso das psicanálises desenvolvidas por seus discípulos Alexander Mitscherlich, Alfred Adler, André Green, Anna Freud, Bruno Bettelheim, Carl G. Jung, Donald Woods Winnicott etc. Outras devem parte de sua força e rumo à oposição feita à psicanálise de Freud, como foi o caso das abordagens comportamentais e humanistas. Dessa forma, seria difícil compreender e avaliar o desenvolvimento do campo da personalidade sem entender o sistema teórico de Freud. Vamos iniciar nossos estudos sobre a teoria da personalidade freudiana tornando como base a biografia do próprio Freud. A relação entre autor e obra torna-se mais significativa quando descobrimos que grande parte de sua produção foi baseada em experiências pessoais, transcritas com rigor em várias de suas obras, como é o caso de *A interpretação dos sonhos* e *A psicopatologia da vida cotidiana*, entre outras (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).

Freud nasceu no dia 6 de maio de 1856, na República Tcheca, e viveu grande parte da vida em Viena, Áustria, com sua família de origem judia. Formou-se em medicina e logo se interessou pelas manifestações de desequilíbrio psicológico vistas em pacientes psiquiátricos. Sua preocupação foi estudar e elaborar uma teoria a partir do contato com seus pacientes. Segundo Cunha (2008), esse é um aspecto importante, porque revela o ambiente em que a psicanálise surgiu e o destino original de suas formulações: a cura de pessoas que sofrem distúrbios psíquicos.

No início de sua vida profissional, como médico, Freud trabalhou num laboratório de fisiologia e deu aulas de neuropatologia. Por dificuldades financeiras, não pôde dedicar-se integralmente à vida acadêmica e de pesquisador. Passou, então, a clinicar, atendendo pessoas acometidas por "problemas nervosos". Obteve, ao final da residência médica, uma bolsa de estudo em Paris, onde trabalhou com Jean Charcot, psiquiatra francês que tratava as histerias com hipnose. Em 1886, retornou à Viena e voltou a clinicar, e seu principal instrumento de trabalho na eliminação dos sintomas dos distúrbios nervosos passou a ser a sugestão hipnótica. Em Viena, o contato de Freud com Josef Breuer, médico e cientista, também foi importante

Figura 3.1 | Sigmund Freud



Fonte: <<http://lounge.obviousmag.org/humano demasiado humano/2013/09/10/Sigmund-Freud-photo1.jpg>>. Acesso em: 19 set. 2016.

para a continuidade das investigações. Nesse sentido, o caso de uma paciente de Breuer (Ana O.), em especial, foi significativo, pois ela apresentava um conjunto de sintomas que a fazia sofrer: paralisia com contratura muscular, inibições e dificuldades de pensamento. Esses sintomas tiveram origem na época em que ela cuidara do pai enfermo. No período em que cumprira essa tarefa, ela havia tido pensamentos e afetos que se referiam a um desejo de que o pai morresse. Tais ideias e sentimentos foram reprimidos e substituídos pelos sintomas (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992). Freud ficou muito interessado pelo caso e passou a estudar os diversos componentes psíquicos envolvidos no caso de Ana O, procurando, assim, analisar as questões da mente, a formação da personalidade e os distúrbios psicológicos de seus pacientes. A esses estudos, Freud deu o nome de psicanálise. Na psicologia, o termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria, um método de investigação e a uma prática profissional. Enquanto teoria, caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre a formação da personalidade humana e o funcionamento da vida psíquica em geral. Enquanto método de investigação, caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações, palavras ou produções imaginárias – por exemplo, os sonhos, os delírios, as associações livres e os atos falhos (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).



Pesquise mais

Você pode encontrar mais detalhes sobre a vida de Sigmund Freud e o nascimento da psicanálise no filme *Freud, além da alma*.

FREUD, além da alma 2. Direção: John Huston. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ykywqa6uhhY>>. Acesso em: 19 set. 2016.

Além disso, você poderá realizar download das obras completas de Freud: Disponível em: <<http://consultoriodepsicanalise.psc.br/blog-psicanalise/psicanalise/obras-completas-freud.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.

Iniciaremos, agora, o estudo da teoria da personalidade proposta por Freud abordando três conceitos fundamentais em psicanálise: instintos, estruturas psíquicas e mecanismos de defesa. Vejamos:

Instintos (ou pulsões) são os elementos básicos da personalidade, as forças motivadoras que impulsionam o comportamento e determinam o seu rumo. "Os instintos são uma força de energia fisiológica transformadora, que liga as necessidades do corpo com os desejos da mente" (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015, p. 46).



Exemplificando

Maria está com fome (necessidade de comida). Essa necessidade é despertada no corpo dela, gerando uma situação de excitação ou energia fisiológica (impulso). Com base nisso, a mente de Maria transforma essa energia ou impulso em um desejo (que é a representação mental da necessidade fisiológica) para que ela satisfaça a sua necessidade, ou seja, comer.

Isso quer dizer que, quando o corpo está em um estado de necessidade, a pessoa tem a sensação de tensão ou pressão. A meta do instinto é satisfazer a necessidade e, assim, reduzir a tensão (pulsão). Freud acreditava que sempre experimentamos uma certa quantidade de tensão instintual e temos de agir constantemente para reduzi-la. Não é possível escapar da pressão das nossas necessidades fisiológicas como escapamos de um estímulo irritante do meio ambiente. Isso significa que os instintos estão sempre influenciando o nosso comportamento, num ciclo de necessidade de buscar a redução de si mesma. Freud acreditava que a energia psíquica podia ser deslocada para objetos substitutos, e esse deslocamento era de extrema importância para determinar a personalidade de uma pessoa.



Exemplificando

O impulso sexual pode ser satisfeito pelo ato sexual em si ou ser canalizado para outra forma de atividade, como alto desempenho em esportes ou atividades intelectuais.

Freud agrupou os instintos em duas categorias: instinto de vida e instinto de morte. O instinto de vida é orientado para o crescimento e desenvolvimento da pessoa. Seu objetivo é garantir a sobrevivência do indivíduo (satisfação das necessidades básicas: alimentação, água, ar e sexo). Ele dizia que o instinto de vida mais importante para a personalidade é o sexo, que ele definia como quase todos os comportamentos e pensamentos prazerosos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015). Isso porque as satisfações das pulsões sexuais irão revelar a forma de o indivíduo se relacionar consigo mesmo e com o mundo, ou seja, sua personalidade.



Exemplificando

Ao buscar satisfação lendo um livro ou assistindo a um filme, a pessoa pode estar satisfazendo uma pulsão sexual.

Em oposição aos instintos de vida, Freud postulou os instintos de morte. Para explicá-lo, partiu dos estudos biológicos para dizer que todas as coisas vivas se denegram e morrem, voltando ao seu estado inanimado original. Essa ideia levou Freud a afirmar que existe um desejo inconsciente do ser humano de morrer. Um dos componentes dos instintos de morte é o impulso agressivo, entendido como o desejo de morrer, voltado para os objetos que não são o self, ou seja, qualquer coisa ou pessoa que não seja o próprio sujeito.



Assimile

Instinto de vida é o impulso de assegurar a sobrevivência do indivíduo e da espécie humana, satisfazendo as necessidades básicas (comida, água, ar e sexo).

Instinto de morte é o impulso inconsciente na direção da degeneração, destruição, agressão e morte.

A teoria freudiana é totalmente desenvolvimentista e relaciona a formação da personalidade ao processo de desenvolvimento do instinto sexual que ocorre na infância (iremos estudar mais sobre isso nesta mesma seção). A qualidade resultante desse processo de desenvolvimento psicossexual, juntamente com as estruturas psíquicas (id, ego e superego), irão determinar o comportamento da pessoa e as relações que ela estabelece consigo mesma, com o meio e com outros, ou seja, a sua personalidade.

Vamos estudar mais detalhadamente os níveis ou estruturas da personalidade para Freud.

As estruturas da personalidade

Originalmente, Freud apresentou duas diferentes descrições da mente humana, a que ele denominou aparelho psíquico. Em 1900, com a publicação de *A interpretação dos sonhos*, Freud explicou que o aparelho psíquico, ao qual a personalidade integra, poderia ser descrito em três níveis: consciente, inconsciente e pré-consciente. O consciente é a parte que proporciona acesso às experiências de vida cotidiana (como a consciência de estar ouvindo uma música ou assistindo a um programa de televisão); o pré-consciente é o depósito de lembranças, percepções e ideias das quais não estamos conscientes no momento, mas que podemos facilmente trazer para a consciência (por exemplo, desviar a atenção dos estudos para pensar em como resolver aquele problema pendente que você deixou no trabalho); e o inconsciente é a parte que guarda os instintos, os desejos, os medos e as fantasias. É no inconsciente que fica a força propulsora (a qual não conseguimos controlar) e que rege todo o nosso comportamento (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

Freud considerava o consciente uma parte limitada da nossa mente, isso porque apenas uma pequena parte dos nossos pensamentos, sensações e lembranças existe na consciência. A grande parte disso tudo está guardada numa região bem maior, chamada de inconsciente. Freud fez uma analogia dessas regiões com a imagem de um iceberg, sendo que a parte mais profunda (escondida no oceano) seria o inconsciente, a parte mais próxima da superfície, o pré-consciente, e a parte acima da superfície, o consciente.

Ao revisar sua teoria, ele descreveu o aparelho psíquico em três estruturas psíquicas que chamou de id, ego e superego.

O id é a instância que contém os impulsos inatos, as inclinações mais elementares (primitivas) do indivíduo. É determinado pelas pulsões (Impulsos) de vida e de morte (conceito que você já estudou nesta mesma seção). Vale lembrar que tais pulsões (ou forças) são responsáveis por desejos e necessidades que não reconhecem qualquer norma socialmente estabelecida. O id não é socializado, não respeita convenções, e as energias que o constituem buscam a satisfação incondicional do organismo. Podemos afirmar que o id é inato, ou seja, a pessoa já nasce com ele constituído, o que não acontece com as outras duas estruturas (ego e superego), que são desenvolvidas ao longo da vida. O ego, que significa literalmente "eu", é o setor do aparelho psíquico (e, portanto, da personalidade) especializado em manter contato com o ambiente que cerca o indivíduo. Ele é a porção visível de cada um de nós, convive segundo regras socialmente aceitas, sofre as pressões imediatas do meio e executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com aqueles que a cercam. O superego, por sua vez, é um depositário das normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula. Nele, se concentram as regras e as ordenações da sociedade e da cultura, representadas, inicialmente, pela família e, posteriormente, internalizadas pela pessoa (CUNHA, 2008).

Figura 3.2 | Níveis e estruturas da personalidade



Fonte: <<http://2.bp.blogspot.com/-zsF7gm0d4BQ/Tn5wwUvlpWI/AAAAAAA0/DnDYrmY2j20/s1600/psiquico.jpg>>. Acesso em: 27 out. 2016.

Podemos visualizar a dinâmica entre essas três instâncias da seguinte maneira: energias determinantes de desejos originárias do id devem chegar ao nível do ego para que este possa articular ações supressoras das necessidades então impostas. Se o ego dará conta de fazê-lo ou não, esse é um problema que diz respeito às possibilidades reais de que dispõe o indivíduo, que estão diretamente relacionadas à estrutura de personalidade da pessoa em questão. Dessa forma, o foco de atenção da psicanálise dirige-se à relação entre as energias oriundas do id e os impedimentos que o superego lhes impõe.



Exemplificando

Maria trabalha de segunda a sábado em horário comercial. Essa semana, Maria acordou e olhou pela janela, quando viu o lindo dia de sol que estava fazendo. Sua vontade era de tirar o dia de folga e não trabalhar, aproveitando apenas para passear e curtir aquele dia que estava maravilhoso. Não queria se lembrar de todas as responsabilidades que o trabalho lhe trazia. Essa força, que impele Maria à realização de seu desejo por curtir o dia, é o id. Porém, o ego de Maria sabe de suas responsabilidades e da importância de seu emprego para o sustento da família. Essa é a força do superego, que lembra Maria daquilo que as normas dizem. O superego trabalha para lembrar suas responsabilidades, minimizando a necessidade do lazer e contrapondo-se ao que o id pede. Assim, Maria vai ao trabalho como o superego orienta, porém, lamentando muito, de acordo com a vontade do id.

Agora que você já conhece o funcionamento das estruturas psíquicas e sua relação com as pulsões de vida e de morte, vamos analisar como tudo isso é formado na mente da pessoa durante a infância. Para isso, estudaremos o que Freud chamou de fases do desenvolvimento psicossexual.

As fases do desenvolvimento psicossexual

Para Freud, o desenvolvimento da personalidade ocorre em cinco estágios sequenciais, que decorrem desde o nascimento até a vida adulta. Cada um deles centra-se em uma determinada zona erógena, e o desenvolvimento da personalidade estaria relacionado com as experiências emocionais vividas em cada fase, ou seja, uma experiência má vivida em um (ou mais) estágio pode resultar numa fixação (dificuldade) na fase, podendo gerar problemas emocionais e de personalidade na idade adulta. As cinco fases propostas por Freud, segundo Fadiman e Frager (1986), foram:

- Fase oral (desde o nascimento até os 18 meses/2 anos): a zona erógena

dessa fase é a boca, portanto, a alimentação, nesse estágio, é uma grande fonte de prazer e a interação do bebê com a mãe é determinante para seu desenvolvimento futuro. É também nesse estágio que se começa a desenvolver o ego. O principal conflito aqui é o desmame, uma vez que o seio é o gerador de prazer. Para Freud, uma boa resolução (experiência) nessa fase promove a confiança e a segurança na vida adulta, enquanto uma fixação (dificuldade) pode explicar um excesso de procura de gratificação oral, como fumar.

- Fase anal (dos 2 aos 4 anos): a zona erógena nesse estágio é a região anal. O prazer está, então, relacionado com o ato de reter/libertar as fezes. Juntamente com o aprendizado de controle de esfíncter, vem a aprendizagem em relação aos hábitos de higiene, e é nesse contexto que podem acontecer os conflitos vividos pela criança, passando a existir a questão das regras colocadas pelos responsáveis. Nesse momento, podemos dizer que o superego começa a ser criado, já que a criança hesita entre ceder ou opor-se às regras de higiene impostas pelos pais. É importante uma equilibrada educação da criança nessa idade, de forma a promover uma boa resolução desse estágio, já que a fixação nessa fase pode ser provocada pelo excesso/falta de rigor no "treino de banheiro", o que pode resultar em comportamentos de ordem compulsiva na idade adulta, como a compulsão sexual, sentimentos de avareza e/ou egoísmo.
- Fase fálica (dos 3/4 aos 5/6 anos): a zona erógena desse estágio é a zona genital. É a fase do exibicionismo, na qual a criança percebe que existem diferenças entre o corpo dos meninos e das meninas. Além disso, começam a obter prazer ao tocar os órgãos genitais. O conflito vivido nessa idade é muito intenso e é conhecido por complexo de Édipo. Segundo Freud, os meninos sentem-se atraídos pela mãe (complexo de Édipo) e veem no pai um rival, sentindo um grande medo da punição (castração) em relação ao genitor. Esse temor inconsciente foi chamado por Freud de "ansiedade de castração", que provoca na criança o recalque desse sentimento incestuoso e ativa um mecanismo de defesa denominado identificação. Por esse motivo, os meninos passam a identificar-se com o pai, tentando imitar os seus comportamentos, e começam, assim, a desenvolver a sua masculinidade. As meninas passam por um processo semelhante na resolução desse conflito. Freud também refere que o ódio sentido pelo progenitor do mesmo sexo para além do medo de retaliação também cria um sentimento de culpa na criança, contribuindo para o desenvolvimento do superego, que sai reforçado nessa fase.
- Fase de latência (dos 5/6 anos até a puberdade): em oposição ao período fálico, a criança passa, nessa fase, por um processo de amnésia infantil. As experiências emocionais vividas nos primeiros anos de sexualidade estão

reprimidas, libertando, assim, a criança da pressão dos impulsos sexuais. Esse estágio é, então, caracterizado pela atenuação da atividade sexual e pelo aumento do interesse da criança no desenvolvimento das suas capacidades sociais e intelectuais. É importante também salientar que as estruturas psíquicas (id; ego; superego) se encontram completamente formadas nessa fase.

- Fase genital (depois da puberdade): esse é o último estádio do desenvolvimento psicossexual. Devido à maturação biológica e à produção de hormônios sexuais, a sexualidade desperta com grande intensidade. Nessa fase, é reativado e resolvido o complexo de Édipo, mas, dessa vez, é feito de forma realista, e as escolhas性ais são feitas segundo a norma social e fora do âmbito familiar. É importante referir que, em oposição aos estágios anteriores, nos quais a sexualidade da criança era autoerótica - ou seja, tinha como fim apenas o seu próprio prazer -, nesse estádio, desenvolve-se o desejo da gratificação sexual mútua, bem como a capacidade de amar. Problemas nessa fase podem resultar em comportamentos sexuais não saudáveis, tais como a perversão ou o sadomasoquismo.

Para a psicanálise, o sucesso do desenvolvimento psicológico de uma pessoa depende da qualidade dos resultados adquiridos ao passar por cada uma das etapas do desenvolvimento psicossexual, ou seja, quanto menos fixações a pessoa tiver em cada uma das etapas, mais saudável será a sua personalidade. Da mesma forma, o oposto também é válido, ou seja, quanto mais fixações a pessoa tiver em cada uma das etapas, mais doentia será a sua personalidade. É importante esclarecer que não existem pessoas com uma personalidade completamente sadia e sem nenhum tipo de fixações em nenhuma das fases. Todos nós temos algum tipo de dificuldade em alguma área da vida.



Refletá

Mas, então, como lidamos com essas dificuldades adquiridas na infância ao longo da vida sem enlouquecer?

A resposta para isso está no que Freud chamou de: mecanismos de defesa do ego. Vejamos alguns deles:

Mecanismos de defesa do ego

Os mecanismos de defesa podem ser entendidos como as manifestações do ego diante das exigências das outras instâncias psíquicas (id e superego). Em outras palavras, os mecanismos de defesa, como o próprio nome diz, é uma forma de defesa psíquica natural para nos proteger daquilo que é insuportável para o ego. Assim, os mecanismos de defesa agem de acordo com a estrutura de personalidade formada

durante a infância. Bergeret (2006) explica os mecanismos de defesa da seguinte forma:

- Recalque ou repressão: está ligado à noção de inconsciente e é um processo pelo qual se eliminam da consciência partes da vida afetiva e relacional profunda, mandando essas lembranças para o inconsciente. A pessoa rejeita determinadas representações, ideias, pensamentos, lembranças ou desejos, submergindo-os na negação inconsciente, bloqueando, assim, os conflitos geradores de angústia. Um exemplo seria uma personalidade reprimida, que não consegue entrar em contato com seus sentimentos de ódio e raiva porque eles foram reprimidos em alguma fase de seu desenvolvimento.
- Regressão: consiste em retornar, emocionalmente, ao contexto infantil durante situações bastante estressantes. O comportamento regressivo pode ser simples - por exemplo, uma pessoa que está sugando uma caneta (como uma regressão freudiana para fixação oral) - ou pode ser mais disfuncional - como chorar ou usar argumentos infantilizados nas relações com outras pessoas como forma de defesa. Nesse caso, falamos de uma personalidade infantilizada.
- Formação reativa: é o mecanismo no qual a pessoa faz o oposto daquilo que realmente sente ou pensa. Normalmente, aparece como uma defesa contra uma punição social. Por exemplo, uma pessoa que está chateada com um conhecido e, ao invés de demonstrar tal sentimento, passa a ser particularmente simpática e cortês para com ele.
- Isolamento: consiste em isolar um pensamento ou sentimentos associado a algo que é insuportável para o ego. O objetivo é criar defesas contra a angústia que tais sentimentos podem causar. Por exemplo, alguém que rouba e não sente culpa, ou alguém que perde um parente próximo e parece não vivenciar o luto. Normalmente, dizemos que é um tipo de personalidade insensível.
- Anulação retroativa: é o ato de se criar um pensamento ou ação para anular outro pensamento ou ação. É uma tentativa de apagar a ação anterior, levando a cabo uma outra que a substitua ou anule completamente. Exemplo: se eu fechar a porta quatro vezes, não serei assaltado ao sair na rua. É um tipo de personalidade obsessiva.
- Projeção: é o ato de depositar em outra pessoa sentimentos, pensamentos ou até mesmo comportamentos pertencentes ao próprio ego, mas que são insustentáveis para ele. Assim, como forma de defesa, a pessoa acredita que o outro sinta aquele sentimento rejeitado pelo ego. Exemplo: uma pessoa que não suporta o fato de pensar ser uma pessoa agressiva e intolerante (porque aprendeu que isso é errado), quando sente a própria agressividade, coloca-a em outra pessoa ("você é agressivo, não eu!"), a fim de se proteger daquilo que considera errado.

- Introjeção: a pessoa toma para si ideias, sentimentos e valores do meio, ou seja, aquilo que está externo passa a ser interno, não havendo um filtro para tais sentimentos e/ou pensamentos, e uma ordem/ação externa passa a fazer parte do próprio ego. Exemplo: crianças que introjetam dos pais valores religiosos, e tais valores passam a fazer parte da personalidade da criança, indiscutivelmente. Não há flexibilidade, e a personalidade é rígida nesse e em outros aspectos também.
- Retorno sobre a própria pessoa: é o ato de voltar para si sentimentos e ações que deseja colocar no outro. Por motivos variados, a pessoa não pode ou não consegue depositar seus sentimentos no outro, voltando, dessa forma, tais sentimentos para si mesmo. Exemplo: a pessoa sente raiva da própria mãe, e esse sentimento lhe gera culpa, então, como não pode expressar raiva contra a mãe (porque aprendeu que expressar raiva é errado), passa a se autoagredir.
- Sublimação: é o ato de buscar as satisfações do id de forma socialmente aceitável, ou seja, satisfazer o id por meio da aprovação do superego. Podemos dizer que esse mecanismo não é patológico, pois é por ele que a pessoa encontra vias aceitáveis de satisfação dos desejos reprimidos. Exemplo: uma pessoa agressiva pode se tornar uma grande atleta na modalidade de lutas. É uma forma saudável de vivenciar a pulsão do id.



Assimile

Os mecanismos de defesa do ego são importantes para manter a sanidade da personalidade, por isso, o objetivo do psicoterapeuta não é eliminar os mecanismos, mas sim torná-los mais “porosos” no sentido de ajudar o paciente a transitar entre a proteção necessária e novas formas de contato (mais criativas e saudáveis) com as experiências da vida.

Sem medo de errar

Adriana, a psicóloga da ONG que irá elaborar uma vivência para discutir sexualidade com jovens entre 14 e 18 anos, precisa pensar numa prática que proporcione aos participantes uma reflexão sobre como as questões de sexualidade foram incorporadas por eles durante sua vida. Uma autoanálise sobre isso poderá ajudá-los a desenvolverem um senso crítico sobre como se relacionam com a própria sexualidade, sobre os limites do próprio corpo e do corpo do outro, sobre como são influenciados pelo ambiente para desenvolverem determinados tipos de comportamento sexual e sobre

como lidar com situações adversas no campo da sexualidade.

Para isso, é importante que ela siga alguns procedimentos a fim de elaborar uma vivência reflexiva. A primeira pergunta que fazemos ao pensar em atividades vivenciais é: qual é o objetivo que pretendo atingir? A segunda pergunta é: quais são os recursos que eu tenho para atingir esses objetivos? A terceira pergunta é: quais procedimentos deverei seguir para que meus objetivos sejam atingidos? E, por último, devo me perguntar: como tudo isso irá proporcionar uma reflexão significativa a ponto de despertar nos jovens o desejo (ou não) de mudanças de atitude?

Respondidas todas as perguntas, elabore um roteiro prático para guiá-lo na execução dessa importante atividade.

Veja um modelo de roteiro que pode ajudá-lo:

Título da vivência: _____

- Materiais a serem utilizados: _____
- Ambiente (no qual a atividade será desenvolvida):

- Tempo da atividade: _____
- Procedimentos (detalhar todos os passos que serão adotados na atividade)
 1. _____
 2. _____ etc.
- Fixação dos objetivos propostos: pensar em atividades que gerem fixação daquilo que a atividade tem como objetivo estabelecer. Veja exemplos de questões para reflexão sobre o tema:
 - Por que as pessoas confundem sexualidade com sexo?
 - De que maneira a sexualidade pode ser expressada?
 - Que sentimentos podem estar envolvidos na expressão da sexualidade?
 - O que se entende por sexualidade, sensualidade, erotismo e pornografia?

Resultado esperado: debate das concepções do grupo sobre sexualidade e suas diferentes maneiras de expressão, observação das fixações da sexualidade em alguma etapa do desenvolvimento sexual, tomada de consciência em relação a tais fixações.

Avançando na prática

Análise de formação reativa com base na compreensão da psicanálise freudiana

Descrição da situação-problema

João procura ajuda psicológica clínica após ter sido encaminhado pela psicóloga da empresa na qual trabalha. Segundo a carta de encaminhamento da psicóloga organizacional, ele demonstra ter sentimentos e comportamentos homofóbicos. Não consegue trabalhar numa equipe em conjunto com pessoas homossexuais e faz questão de demostrar ódio e intolerância sempre que essa temática (da homossexualidade) aparece em conversas informais entre os colegas de trabalho.

Há tempos, João recebeu uma advertência da empresa, pois não aceitou negociar com um fornecedor da empresa que usava brinco.

Ao receber João, a psicóloga clínica pergunta sobre sua infância e história de vida. João revela que, quando criança, sentia atração pelos meninos e se identificava mais com as brincadeiras das meninas, no entanto, seus pais, segundo ele, o salvaram de uma vida de promiscuidade quando o levaram para a igreja e o internaram num colégio militar. João diz que, desde então, se curou, mas sente muita raiva quando está perto de pessoas com orientação sexual homoafetiva.

Resolução da situação-problema

Aqui podemos começar a pensar que João utilizou-se do mecanismo de defesa da formação reativa para lidar com os sentimentos não permitidos pelos pais durante a infância. Para se proteger da reprovação dos pais e da sociedade, ele transformou sua atração por meninos em raiva dos homens que sentem o mesmo que ele (desejo por outros homens). Aqui vemos uma cristalização (fixação) de uma defesa que foi necessária em uma determinada fase da vida (é imprescindível entender como aconteceu o desenvolvimento psicossexual de João), mas que não precisaria ser mais utilizada (da mesma forma) na idade adulta.

Em uma situação terapêutica, é possível ajudar João, primeiramente, criando um ambiente favorável (de aceitação e segurança) onde ele possa admitir e aceitar seus verdadeiros sentimentos sem o medo e a preocupação do julgamento. Em seguida, é possível apoiar o processo de ressignificação da personalidade, que passará a olhar para suas defesas de forma mais fluida e flexível.



Atenção

Lembre-se de que os mecanismos de defesa são geralmente sintomas de problemas mais profundos, e enfrentá-los diretamente pode ser ineficaz ou mesmo piorar o quadro da pessoa. Sabemos também que simplesmente mostrar que a sua posição se opõe aos seus verdadeiros sentimentos pode causar ainda mais resistência. Antes disso, deve-se primeiramente trabalhar em seu conflito primário, ou seja, a angústia de contrariar ou de frustrar os pais.

Faça valer a pena

1. Sigmund Freud, que ficou mundialmente conhecido como o “pai da psicanálise”, nasceu no dia 6 de maio de 1856, na República Tcheca. Viveu grande parte da vida em Viena, Áustria, juntamente com sua família de origem judia.

Qual é a importância de Freud para as teorias da personalidade? Assinale a alternativa correta.

- a) A elaboração de uma compreensão comportamental sobre o ser humano.
- b) O estabelecimento de parcerias com renomados laboratórios para análise da personalidade humana.
- c) A elaboração de uma das primeiras teorias sobre a personalidade a partir de estudos de casos clínicos.
- d) A elaboração de testes e instrumentos de avaliação da personalidade.
- e) A realização de cirurgias para tratamento dos transtornos de personalidade.

2. Para Freud, o desenvolvimento da personalidade ocorre em cinco estágios sequenciais, que decorrem desde o nascimento até a vida adulta. Cada estágio centra-se numa determinada zona erógena, e o desenvolvimento da personalidade estaria relacionado com as experiências emocionais vividas em cada um deles.

Qual é a alternativa a seguir que representa o estágio de latência proposto pela psicanálise?

- a) Na fase fetal, por meio de experiências primitivas vividas na relação mãe-bebê ainda no útero.
- b) Entre 1 e 2 anos, por meio de experiências de prazer na boca.

- c) Entre 3 e 4 anos, por meio de experiências edipianas.
- d) Entre 5 e 6 anos, quando as experiências emocionais de sexualidade são reprimidas.
- e) Na puberdade, quando as experiências sexuais passam a ser realizadas concretamente.

3. Os mecanismos de defesa podem ser denominados como as manifestações do ego diante das exigências das outras instâncias psíquicas, como o id e superego. Em outras palavras, os mecanismos de defesa, como o próprio nome diz, é uma forma de defesa psíquica natural para nos proteger daquilo que é insuportável para o ego.

Com base nesse enunciado, podemos afirmar que os mecanismos de defesa do ego são:

- a) Peças fundamentais das estruturas psíquicas, tais como id, ego e superego.
- b) Forças destruidoras da organização mental saudável.
- c) Peças importantes para defesa psíquica da pessoa.
- d) Formas de alienação contra desejos incontroláveis.
- e) Forças autodestruidoras encontradas no inconsciente.

Seção 3.2

Teoria analítica de Jung

Diálogo aberto

Olá, futuro psicólogo.

Na Unidade 3, estamos estudando as teorias da personalidade de bases psicodinâmicas. Conforme você deve se lembrar, na Seção 3.1, estudamos a teoria da personalidade com base na psicanálise de Freud e, agora, na Seção 3.2, compreenderemos a estrutura e a dinâmica da personalidade a partir da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Para isso, abordaremos os seguintes temas:

- Introdução à teoria analítica de Jung.
- A estrutura da personalidade.
- Simbolismo e inconsciente coletivo.
- Tipos psicológicos segundo Jung.
- Arquétipos centrais.

Assim como fizemos nas demais unidades, vamos pensar de forma prática e objetiva como tudo isso acontece na vida profissional de um psicólogo. Para isso, iremos usar o contexto de aprendizagem já citado na Seção 3.1.

Na Seção 3.2, a psicóloga Adriana irá realizar um projeto com a equipe de assistência social da ONG em que trabalha. O objetivo desse trabalho é auxiliar a equipe a realizar o acolhimento de jovens e familiares a partir da compreensão dos diferentes tipos de personalidade segundo a teoria analítica de Jung.

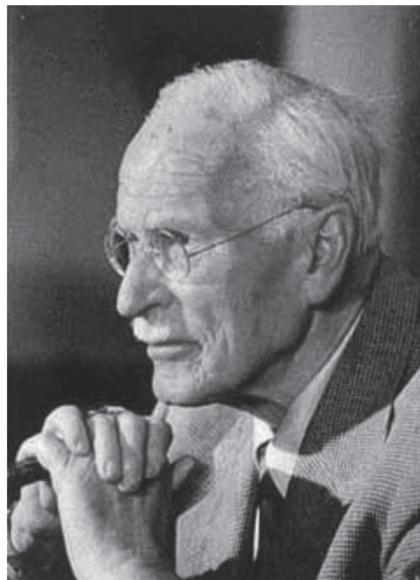
Como ela poderia conduzir esse projeto? Que tipo de recursos devem ser usados?

Não pode faltar

Carl Gustav Jung nasceu em 1875, na Suíça. Seus pais sempre foram muito religiosos e preocupados em educar a família, levando em conta questões de cunho espiritual. Dessa forma, podemos verificar a influência da espiritualidade na psicologia proposta por Jung, que foi estruturada por seus conhecimentos sobre filosofia e religião, adquiridos desde a infância. Na juventude, ingressou no curso de medicina e, desde o início, demonstrou interesse pelos fenômenos psíquicos. Logo após sua formatura, em 1900, iniciou sua vida profissional no hospital psiquiátrico Burghölzli, em Zurique. Dois anos depois, casou-se com Emma Rauschenbach, com quem teve cinco filhos.

Em 1903, publicou sua primeira obra, *Psicologia e patologia dos fenômenos ditos ocultos*, resultado de sua pesquisa de doutoramento. Além desse, ainda publicou mais três trabalhos, relacionados à descoberta dos complexos afetivos e das significações nos sintomas das psicoses.

Figura 3.3 | Carl Gustav Jung



Fonte: <http://www.vopus.org/ro/images/articole/cg_jung.jpg>. Acesso em: 1 nov. 2016.

Um dos momentos mais importantes na trajetória de Jung foi em 1907, quando visitou Sigmund Freud em Viena e demonstrou grande interesse pela psicanálise. Freud ficou impressionado com o talento do jovem discípulo, e os dois se tornaram grandes amigos e parceiros teóricos. Viajaram juntos aos Estados Unidos em 1909, onde realizaram palestras e estudos. Em 1910, foi fundada a Associação Psicanalítica Internacional, da qual Jung foi eleito presidente.

As primeiras divergências entre Jung e Freud surgiram em 1912 e, num período curto de tempo, eles se separam em todos os aspectos (pessoais, profissionais e teóricos). A partir do rompimento com Freud, o analista suíço vivenciou um período de depressão e introversão, que o levou a trilhar seu próprio caminho no campo da psicologia. Em 1917, publicou seus estudos sobre o inconsciente coletivo no livro *A psicologia do inconsciente* e, em 1920, apresentou os conceitos de introversão e extroversão na obra *Tipos psicológicos*. Essa obra foi importante e o primeiro passo na construção de uma teoria da personalidade. A partir daí, Jung construiu as bases da psicologia analítica, desenvolveu a teoria dos arquétipos e incorporou conhecimentos das religiões orientais, da alquimia e da mitologia em seus estudos. O pai da psicologia analítica morreu em 1961, em Zurique, mas o seu legado permanece até hoje, influenciando campos do conhecimento como antropologia, sociologia e, claro, a psicologia.



Pesquise mais

Veja essa entrevista realizada com o próprio Jung sobre o início da psicologia analítica e o rompimento com a psicanálise:

FACE to Face: Entrevista com Carl Jung. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lN3y2go4Tmg>>. Acesso em: 3 out. 2016.

O rompimento de Jung com Freud e a psicanálise trouxe pontos de divergência importantes que contribuíram para o nascimento da psicologia analítica e, consequentemente, para a elaboração dos tipos de personalidade propostos por Jung. Ao longo de suas obras, é notável a crítica que o autor faz à psicanálise, principalmente em relação à importância atribuída à sexualidade e ao método de associações livres usado no tratamento dos problemas emocionais.

Segundo Souza (2015), o método analítico, diferente da psicanálise, procura dividir as partes de um conteúdo psíquico (como um sonho ou sintoma) em várias partes para, então, analisar o sentido existente apenas nessas partes. Esse tipo de interpretação recebeu o nome de método sintético. Nele, não são utilizadas associações livres, já que associar livremente a partir de um material levaria a outros conteúdos e não às partes daquele sintoma ou sonho em si.



Exemplificando

Por exemplo, se o paciente havia sonhado com um leão em sua casa na presença de sua mãe, a interpretação da psicanálise dividiria cada parte do conteúdo, buscando associações para cada parte: para o leão, para a casa, para a mãe. Assim, o paciente iria pensar livremente primeiro sobre o significado de leão (tudo o que lhe ocorresse), depois sobre o sentido de casa, e assim por diante. A interpretação psicanalítica estaria mais nas associações retiradas de cada parte do que do próprio conteúdo. Já a interpretação sintética (usada por Jung) visa não fugir do conteúdo. Um leão é um leão e não deve ser associado com qualquer outro conteúdo (SOUZA, 2015).

Enquanto Freud acreditava que grande parte da nossa personalidade já estava formada, aproximadamente, na metade da infância, Jung preferia ver a personalidade em termos de suas metas e orientação futuras, ou seja, a personalidade não é estática e imutável, mas sim construída ao longo da vida adulta da pessoa. Assim, podemos dizer que, com a experiência (e com ajuda da psicoterapia), a personalidade vai se aprimorando. A esse processo de aprimoramento, aprendizagem e autoconhecimento da própria personalidade, Jung nomeou individuação.

Outro conceito que pertence tanto a teorias de Freud quanto de Jung é o de inconsciente. Embora possamos encontrar divergências entre os autores, ambos concordam com a ideia de que o inconsciente é uma estrutura psíquica “mais profunda”, que guarda informações nem sempre acessíveis à consciência e que influencia fortemente a nossa personalidade. Para diferenciá-los, podemos dizer, do modo geral, que, para Freud, o inconsciente é pessoal e guarda informações únicas e exclusivas sobre uma pessoa em especial. Já para Jung, o inconsciente tem uma parte que é individual e outra que é coletiva, ou seja, compartilha as mesmas demandas psicológicas que os homens do passado e a mesma capacidade de criar os símbolos (imagens, afetos, sonhos, mitos e religião) que suprem ou atendem a essas demandas. Jung explica essa diferença entre o inconsciente coletivo e o individual da seguinte forma:



Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo

"coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal, que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2000, p.15)



Pesquise mais

Para ter mais informações sobre o inconsciente coletivo proposto por Jung, leia o livro:

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Associação Palas Athena, 1988.

Jung denominava a personalidade como psique, o que quer dizer que, para a psicologia analítica, falar em personalidade ou psique é a mesma coisa. O autor ainda dizia que não existe uma única estrutura isolada denominada psique. A personalidade consiste em vários sistemas atuantes entre si, que, juntos, formam o que conhecemos por personalidade. De acordo com a teoria junguiana, a mente ou psique está dividida em três partes: ego consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Vejamos cada uma delas de acordo com a explicação de Friedman e Schustack (2004):

- Ego consciente: o ego proposto por Jung é muito semelhante em escopo e significado ao proposto por Freud. É o aspecto da personalidade que é consciente e incorpora a percepção do self. Jung acreditava que essa identidade pessoal, ou ego, desenvolvia-se por volta dos 4 anos de idade.
- Inconsciente pessoal: contém pensamentos, impulsos e sentimentos que não fazem parte do conhecimento consciente no presente, embora possam ser acessados a qualquer instante. Não estão presentes porque não são importantes para o ego naquele momento ou porque, de alguma forma, representam uma ameaça ao ego. Nesse último caso, pensamentos e sentimentos podem ser reprimidos para proteger o ego.



Exemplificando

Enquanto você está assistindo a um filme de seu interesse, você não está pensando nas informações da prova que terá na semana que vem.

Essas informações (sobre a prova) não foram reprimidas, apenas não são importantes no momento no filme. Agora, veja um exemplo de situação em que houve uma repressão de sentimentos e pensamentos.



Exemplificando

Uma pessoa pode reprimir o sentimento de raiva pelo pai, porque tal sentimento ameaça a sua capacidade de se ver como um bom filho e, para essa pessoa, ter a família unida e aparentemente feliz é o mais importante.

A terceira parte que compõe a psique, segundo a teoria de Jung, é o inconsciente coletivo:

- Inconsciente coletivo: pertence a um nível bastante profundo de inconsciência, composto por símbolos emocionais que Jung chamou de arquétipos, que são imagens ou símbolos comuns a todas as pessoas. Essas imagens foram (e ainda continuam sendo) construídas ao longo da história da humanidade. Por esse motivo, elas são chamadas de “transpessoais” e não de pessoais ou individuais. Friedman e Schustack (2004) explicam que os arquétipos se originaram das reações emocionais de nossos ancestrais a eventos que se repetem continuamente, como a mudança das estações do ano, o nascer e o pôr do sol, relações interpessoais, como mãe e filho. A teoria junguiana diz que, devido à existência desses arquétipos, é possível predizer nossas reações humanas diante de estímulos comuns e recorrentes.

Veja alguns arquétipos importantes da teoria junguiana:

- Animus e anima: animus é o componente masculino de uma mulher, e anima é o componente feminino de um homem. O arquétipo animus significa que toda mulher tem um lado masculino e um conhecimento inato correspondente sobre o que significa ser homem; o arquétipo anima encerra que um lado feminino e, portanto, o conhecimento sobre o que significa ser mulher, reside em todo homem.
- Persona: é o rosto, ou papel público, que o indivíduo apresenta para os outros. Ela tem como objetivo causar uma impressão definida na pessoa. Como, ao longo da história da espécie humana, a assunção de um papel social foi

importante, originou-se o arquétipo da persona. O problema é quando o ego se identifica demais com a persona, e o indivíduo acha que ela reflete sua verdadeira natureza.

- A sombra: é o lado obscuro da personalidade, o arquétipo que contém os instintos animais primitivos. Ela também é responsável pelo aparecimento, na consciência, de pensamentos, sentimentos, ações desagradáveis, que são escondidos pela persona ou reprimidos no inconsciente pessoal. A sombra não integra apenas os aspectos pouco desenvolvidos ou socialmente reprováveis de nossa personalidade, mas também de vitalidade, criatividade e emoção. É função do ego reprimir alguns instintos animais para sermos considerados civilizados e, ao mesmo tempo, permitir uma expressão suficiente desses instintos, para fornecer criatividade e vigor à personalidade. Caso contrário, a psique se tornará maçante e inerte. "Ela ajuda a completar a pessoa inteira" (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000, p. 92).
- Self: também é um arquétipo, representando a unidade, integração e harmonia da personalidade total. Para Jung, o self é o arquétipo central da psique. Os processos, consciente e inconsciente, são assimilados para que a psique se desloque do ego para um ponto de equilíbrio no meio do caminho entre as forças opostas do consciente e do inconsciente. Como resultado, o material do inconsciente passa a ter maior influência sobre a personalidade (SCHULTZ; SCHULTZ, 2002).

Além dos arquétipos citados, Jung descreveu vários outros, entre eles: o herói, o sábio ancião, o trapaceiro, a mãe etc.



Exemplificando

Você pode encontrar mais informações e aprofundar seus estudos sobre os arquétipos propostos por Jung no livro:

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

Outro conceito bastante importante para a compreensão da personalidade com base na psicologia analítica é o de complexo. Para Jung, complexo é um grupo organizado de emoções, lembranças, percepções e desejos que existem no inconsciente pessoal. Por exemplo, uma pessoa dominada por um forte complexo materno é muito sensível a tudo que a mãe diz ou sente, e sua imagem fica gravada para sempre em sua mente. Tende a imitar a mãe em suas preferências e desejos, preferindo, até mesmo, a companhia de mulheres mais velhas. Um dos objetivos da terapia analítica é liberar a pessoa desses complexos.



Assimile

Um complexo não precisa, necessariamente, ser um obstáculo ao ajustamento da pessoa, pois também pode ser fonte de inspiração. Por exemplo, um artista obcecado com a beleza só se contentará com a realização de uma obra-prima, aprimorando sua técnica, com o objetivo de produzir algo muito bonito. Jung fala que nossos complexos não provêm somente da nossa infância ou de nossas experiências como adultos. Eles também vêm de nossos ancestrais, nossa herança contida no inconsciente coletivo.

Como você pode perceber até aqui, para Jung, o inconsciente se expressa, primariamente, por meio de símbolos (arquétipos). Isso quer dizer que a compreensão e a observação dos símbolos "naturais" (produções espontâneas da psique individual) nos dizem muito a respeito de uma pessoa em especial, assim como os símbolos universais (uma cruz ou a estrela de cinco pontas, por exemplo) nos diz muito sobre a cultura de um povo e a história da humanidade.



Reflita

Como você imagina que o terapeuta pode trabalhar os símbolos individuais de uma pessoa? Quais seriam os caminhos para isso, tendo como base a abordagem junguiana?

Existem muitas maneiras de estimular a elaboração de símbolos naturais de uma pessoa. Uma delas, por exemplo, é pelos símbolos presentes nos relatos de sonhos ou expressões artísticas. Cabe destacar que aquilo que denominamos símbolo pode ser um termo, um nome ou até uma imagem familiar no nosso dia a dia, embora tenha conotações específicas além de seu significado convencional e óbvio. Implica algo vago, desconhecido para nós. Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além de seu significado manifesto e imediato. Tal palavra ou imagem tem um aspecto "inconsciente" mais amplo que não é nunca precisamente definido ou plenamente explicado. Os sonhos são pontes importantes entre processos conscientes e inconscientes. Comparado à nossa vida onírica, o pensamento consciente contém menos emoções intensas e imagens simbólicas. Os símbolos oníricos frequentemente envolvem tanta energia psíquica, que somos compelidos a prestar atenção neles (MEIRA, 2015).

Jung tentou descobrir o significado dos símbolos oníricos prestando muita atenção à forma e ao conteúdo do sonho e, com relação à análise dos sonhos, conforme já mencionamos, Jung distanciou-se gradualmente da técnica psicanalítica de associação

livre. "A livre associação vai trazer à tona todos os meus complexos, mas dificilmente o significado de um sonho. Para entender o significado do sonho, precisamos nos agarrar tanto quanto possível às suas imagens" (JUNG, 1934, p.149 apud FADIMAN & FRAGER, 1986). Na análise, Jung traria continuamente seus pacientes de volta às imagens do sonho e perguntar-lhes-ia: "O que dizia o sonho?". A intenção com isso era encontrar um significado pessoal e relativo à história de vida do sonhador. Assim, seria possível compreender um pouco mais sobre as atitudes, os pensamentos e os comportamentos de uma pessoa. Em outras palavras, seria possível conhecer mais sobre a personalidade do sonhador.

Jung dizia que as pessoas eram guiadas por um tipo de atitude básica, a partir da qual suas funções psíquicas se manifestam. Entende-se por atitude a tendência básica e perceptiva de comportamento que pode ser observada desde a infância, podendo ser introvertida ou extrovertida. Tais atitudes são opostas, porém ambas estão presentes na personalidade (quando uma é consciente, a outra é inconsciente), ou seja, se o indivíduo tem uma atitude consciente introvertida, seu inconsciente manifesta uma atitude extrovertida, e vice-versa. Isso designa o fluxo de energia psíquica em suas relações com os objetos (FADIMAN; FRAGER, 1986). Vejamos mais de perto as atitudes e os tipos de psicológicos propostos por Jung.

Na atitude de extroversão, a energia psíquica consciente flui naturalmente em relação ao objeto, orientando o indivíduo para o meio externo. Isso quer dizer que o indivíduo que tem essa tendência se preocupa com as interações com as pessoas e coisas. Impulsividade, sociabilidade, expansividade e facilidade de expressão oral são características das pessoas sob essa predominância.

Na atitude de introversão, a atenção da pessoa está orientada para o mundo subjetivo. O introvertido se interessa pela exploração e análise de suas vivências privadas. É introspectivo, retraído e muito preocupado com os assuntos internos. Sua postura é reservada, não expõe suas emoções e tem facilidade no campo da escrita. Para os outros, pode parecer distante, reservado e antissocial.

Além das atitudes básicas citadas, Jung também falou de quatro funções mentais (pensamento, sentimento, sensação e intuição). Segundo o autor, é por meio dessas funções que a consciência processa as informações e interage com o mundo. O pensamento e o sentimento são chamados de funções racionais, porque utilizam o processamento de informações e o julgamento. A sensação e a intuição são denominadas funções irracionais, porque se baseiam na percepção do concreto, do particular. Vamos conhecer mais sobre cada uma dessas funções mentais segundo Jung (2011).

- Pensamento: consiste em associar ideias umas às outras para chegar a um conceito geral ou solução de um problema. É uma função intelectual que procura compreender as coisas. As pessoas com essa função proeminente fazem uma análise

lógica e racional dos fatos: julgam, classificam e discriminam uma coisa da outra sem maior interesse pelo seu valor afetivo. São naturalmente voltadas para a razão.

- Sentimento: é também um tipo de pensamento que tem uma função avaliadora. Aceita ou rejeita uma ideia tendo como base o sentimento agradável ou desagradável que tal ideia suscita. Os indivíduos que utilizam mais a função sentimento julgam o valor inerente às coisas, têm facilidade no contato social, preocupam-se com a harmonia do ambiente. Normalmente, tomam decisões baseadas em seus próprios valores e sentimentos pessoais.
- Sensação: é uma função baseada nas percepções sensoriais. Pessoas do tipo sensação dão atenção ao presente, por isso costumam ter “pés no chão”. São práticas, realistas e preocupam-se mais em manter as coisas funcionando do que em criar novos caminhos.
- Intuição: é a percepção por meio de pensamentos inconscientes e de conteúdos subliminares, que é o meio pelo qual se movem as pessoas desse tipo. A intuição busca os significados, as relações e as possibilidades futuras da informação recebida. Os fatos são apreendidos no seu conjunto, e a apreensão do ambiente geralmente acontece por meio de “pressentimentos”, “palpites” ou “inspiração”.



Assimile

O pensamento e o sentimento são chamados de funções racionais, porque utilizam o processamento de informações e o julgamento, ou seja, configuram a forma como a pessoa “pensa o mundo”. A sensação e a intuição são denominadas funções irracionais, porque se baseiam na percepção do concreto, do particular, ou seja, configuram como a pessoa “percebe o mundo”.

Jung dizia que, embora todas essas funções existam em todos os indivíduos, uma delas normalmente é dominante, e é exatamente isso o que observamos enquanto características de personalidade nas outras pessoas.

Para finalizar nossa seção sobre a teoria da personalidade segundo a psicologia analítica de Jung, cabe a reflexão de Friedman e Schustack (2004, p. 122) que diz:

O mais significativo na teoria de Jung é o fato deste ter desafiado Freud e aberto caminho para o novo fundamento conceitual sobre motivação e o ego, permitindo que outras abordagens florescessem. É necessário, ainda, observar que a disposição de Jung em se ocupar de aspectos mais espirituais e místicos da personalidade exerceu importante influência sobre as abordagens existenciais-humanistas. Assim como Freud, Jung foi um dos grandes gigantes intelectuais do início do século XX.

Sem medo de errar

Para realizar um com a equipe à equipe de assistência social da ONG, Adriana poderia trabalhar por meio de vivências com arte-terapia. Os participantes seriam informados sobre a importância desse trabalho para atuarem junto aos jovens e familiares da ONG. A ideia é que, tendo informações sobre os diferentes tipos de personalidade e sabendo como abordá-los, podemos ter mais sucesso no trabalho de acolhimento.

Para a vivência, Adriana pode disponibilizar, para a equipe, diversos materiais tais como: tinta, cola, tesoura, imagens e símbolos diversos. Pode-se colocar uma música instrumental tranquila e pedir para que os participantes criem imagens e desenhos ou que se identifiquem com algum tipo de imagem. Depois, Adriana poderia pedir para que cada um contasse a "história" do seu desenho. Para ajudar, algumas perguntas poderiam servir de guia: quais sentimentos, emoções e sensações estavam presentes durante a elaboração das imagens? O que aqueles desenhos poderiam dizer sobre cada um dos participantes?

Ela também pode falar sobre os tipos psicológicos segundo Jung e pedir para que cada um faça uma reflexão pessoal e se identifique com os tipos apresentados. Seria interessante que os participantes dessem exemplos sobre situações da vida em que se reconheceram mais em um tipo do que no outro.

Ao final, Adriana pode fazer uma reflexão com a equipe sobre a importância de se conhecer os tipos psicológicos e as formas de funcionamento de cada tipo, a fim de facilitar a formação de vínculos de confiança. Espera-se que, com essa vivência, a equipe possa reproduzir os conhecimentos adquiridos com os jovens e familiares da ONG.

Avançando na prática

Psicologia analítica e os símbolos dos sonhos

Descrição da situação-problema

Fábio tem 39 anos, é engenheiro, pai de duas filhas e casado com uma mulher 25 anos mais velha do que ele. Ele procura ajuda psicológica porque, apesar de sua vida confortável, relata sentir, constantemente, sentimentos de solidão e abandono.

Na última sessão com a terapeuta, Fábio revela um sonho que o acompanha há anos. Nesse sonho, ele é uma criança de aproximadamente 2 anos. Está sozinho no berço e sente muito medo do escuro do quarto. Por mais que ele chore, sua mãe não aparece. A única imagem que ele consegue ver é uma cruz que fica na parede de seu quarto e é levemente iluminada por uma luz baixa que sai do abajur. Depois de relatar seu sonho, Fábio fala sobre a sua difícil relação com a mãe, que trabalhou a vida toda e praticamente não tinha tempo para momentos afetivos com ele.

Resolução da situação-problema

No caso que acabamos de descrever, podemos começar a pensar nos arquétipos de Fábio. Já estudamos que os arquétipos presentes no inconsciente coletivo são universais e idênticos em todos os indivíduos e se manifestam simbolicamente em religiões, mitos, contos de fadas e fantasias. Entre os principais arquétipos estão os conceitos de nascimento, morte, sol, lua, fogo, poder e mãe. Após o nascimento, essas imagens preconcebidas são desenvolvidas e moldadas conforme as experiências do indivíduo. No caso de Fábio, vemos a presença do arquétipo Mãe. Assim que o bebê toma contato com a figura materna, a imagem pré-formada de “mãe” é amplificada, sendo então definida pela aparência e pelo comportamento da mãe verdadeira e pelas experiências que terá com ela ao longo da vida. No caso dele, as relações afetivas com a mãe verdadeira não foram de qualidade, e isso tem se apresentando constantemente em seus sonhos (que são formas de comunicação com o inconsciente).

Faça valer a pena

1. A biografia de Jung nos revela que o autor da psicologia analítica sofreu algumas influências importantes durante sua infância que influenciaram fortemente seu olhar para a psicologia.

Qual das alternativas a seguir mostra essa influência?

- a) Religiosidade.
- b) Agricultura.

- c) Teatro.
- d) Política.
- e) Economia.

2. O nascimento da psicologia analítica foi marcado pela aproximação e posterior ruptura de Jung em relação a um importante autor dentro da psicologia.

Quem foi esse autor?

- a) Alfred Adler.
- b) Burrhus Skinner.
- c) Abram Maslow.
- d) Carl Roger.
- e) Sigmund Freud.

3. Jung dizia que as pessoas eram guiadas por atitudes básicas a partir das quais suas funções psíquicas se manifestavam.

Quais são as atitudes básicas defendidas por Jung?

- a) Arquétipos e sombra.
- b) Introversão e sonho.
- c) Introversão e extroversão.
- d) Animus e anima.
- e) Extroversão e ausência.

Seção 3.3

Teorias sociopsicanalíticas

Diálogo aberto

Olá, aluno.

Na Unidade 3, estamos estudando as teorias da personalidade de base psicodinâmica. Você já aprendeu como a teoria psicanalítica de Freud e a psicologia analítica de Jung concebem a formação e o desenvolvimento da personalidade. Neste momento, iniciaremos os estudos sobre as teorias sociopsicanalíticas de Alfred Adler e Erik Erikson. Para isso, iremos abordar os seguintes conteúdos: introdução às teorias sociopsicanalíticas, a psicologia individual de Alfred Adler e as fases do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson.

Assim como fizemos nas demais unidades, vamos pensar de forma prática e objetiva como tudo isso acontece na vida profissional de um psicólogo. Para isso, iremos usar o contexto de aprendizagem apresentado no início desta unidade. Na Seção 3.3, Adriana precisará elaborar um programa motivacional (de incentivos) para que os jovens compreendam a importância de se aprender uma profissão. Para tanto, ela usará as teorias sociopsicanalíticas de Adler e Erikson. Como ela poderia conduzir esse programa? E que tipo de recursos ela poderia usar?

Vamos ajudá-la?

Não pode faltar

Em 1902, Alfred Adler participava dos seminários ocasionais promovidos por Sigmund Freud. Embora seu ponto de vista divergisse dos psicanalistas freudianos, ele permaneceu como membro do grupo durante muitos anos. Foi apenas em 1911 que as divergências com Freud se tornaram insustentáveis e emocionalmente intensas. Nessa época, Adler renunciou ao cargo de presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena e nunca mais teve nenhum tipo de contato com os membros do grupo. Foi por meio dos debates com Freud e seus seguidores que Adler conseguiu estabelecer sua própria teoria da personalidade. Fundou uma sociedade denominada Sociedade

de Psicanálise Livre, que, posteriormente, passou a ser chamada de Sociedade de Psicologia Individual (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004). Adler, assim como outros discípulos de Freud, passou a discordar (em relação à teoria do mestre) da ênfase dada para a origem da motivação humana. Para Freud, os motivadores primordiais eram o prazer e a sexualidade, enquanto, para Adler, as motivações humanas eram bem mais complexas.

A psicologia individual de Alfred Adler

Adler acreditava nas motivações exclusivas dos indivíduos e na importância da posição percebida por cada pessoa na sociedade. Assim como Jung, ressaltou a importância dos aspectos teológicos e a orientação para as metas da natureza humana. Além disso, estava preocupado com as condições sociais e via a necessidade de tomar medidas preventivas para evitar problemas na sociedade. Para Adler (1930), a principal essência da personalidade é a luta pela superioridade. O autor explica que, ao terem um irresistível sentimento de desamparo ou vivenciarem alguns acontecimentos que fazem com que se sintam impotentes, as pessoas, em geral, sentem-se inferiores. Se esse sentimento se torna difuso, a pessoa pode desenvolver um complexo de inferioridade. "No complexo de inferioridade, sentimentos normais de incompetência assumem proporções bem maiores, fazendo com que o indivíduo sinta que parece impossível alcançar metas e, portanto, que não vale a pena tentar" (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004, p. 124).



Exemplificando

João é o filho caçula de José e Maria. Em relação às atividades escolares, ele não é um péssimo aluno, mas nunca foi tão bem no desempenho acadêmico se comparado a seus irmãos. Suas notas escolares parecem insignificantes quando comparadas às notas deles. Com o passar dos anos, João foi desenvolvendo um complexo de inferioridade. Agora, ele se sente burro, incapaz e inferior a seus irmãos, não apenas no que se refere à escola, mas em muitos outros aspectos da vida, como o afetivo e o profissional.

A biografia de Alfred Adler (2005) traz relatos da sua história de vida que em tudo tem a ver com sua teoria da personalidade. Muitos construtos teóricos de Adler (complexo de inferioridade, inferioridade orgânica, complexo de superioridade e protesto masculino) repercutem suas experiências pessoais de criança adoentada.



Pesquise mais

Você pode encontrar mais informações sobre a vida e a obra de Alfred Adler e suas relações com a teoria da personalidade desenvolvida pelo autor no texto *Alfred Adler (1870-1937)*, publicado no site da Federação Brasileira de Psicanálise, conforme referenciado a seguir:

FRIEDRICH, Sônia Maria. **Alfred Adler (1870-1937)**. Disponível em: <http://www.febrapsi.org.br/novo/wp-content/uploads/2013/02/alfred_adler.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2016.

Com o desenvolvimento de sua teoria, Adler abandonou o modelo pulsional freudiano e passou a descrever a unidade da personalidade em função do finalismo ficcional e do estilo de vida de cada um. Ele via os indivíduos mais como causas do que como efeitos e afirmava que a personalidade é criativa. As pessoas fazem escolhas e determinam seus próprios resultados na vida. Os fatores externos implicam desafios e opções, mas não determinam por completo os resultados. Ou, para usar uma expressão adleriana que capta esse ponto de vista, a pessoa é um self criativo, que está tentando descobrir ou criar experiências que conduzem à plenitude. Sua motivação está na luta pela superação. Adler criou alguns conceitos para a psicologia individual, que foram se aperfeiçoando e mudando conforme suas opiniões sobre as motivações humanas evoluíram. Vejamos, aqui, alguns deles:

- Inferioridade orgânica: é a ideia de que todo mundo nasce com alguma fragilidade física. "É nesse elo frágil que a incapacidade ou doença tende a se enraizar e, portanto, o corpo tenta compensar a deficiência em outra área" (ADLER apud FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004, p. 125). Adler enfatizou que essas enfermidades seriam os motivadores que influenciavam as opções de vida das pessoas.
- Luta pela superioridade: corresponde ao objetivo superior do homem na sua luta contra os obstáculos: ser agressivo, poderoso, superior. "Superioridade é algo análogo ao conceito de self em Jung, ou ao princípio de autorrealização de Goldstein. É um esforço da personalidade no sentido de completar-se. É 'a força que arrasta para cima'" (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000, p. 123). Todas as funções do homem seguem em direção à luta pela superioridade, que é inata, é um princípio dinâmico preponderante – uma luta pela plena realização de si mesmo.
- Finalismo de ficção ou finalismo ficcional: é a ideia de que existe uma meta imaginada ou potencial que rege o nosso comportamento. Adler dizia que as pessoas que não tinham nenhum problema neurótico ligado ao complexo de inferioridade passavam a vida tentando alcançar suas metas ficcionais, ou

seja, a perfeição em alguma área da vida. Essas metas variam de pessoa para pessoa, refletem o que cada um considera importante. Segundo a psicologia individual de Adler, para atingir as metas ficcionais, as pessoas precisam eliminar as imperfeições identificadas para chegarem próximo daquilo que consideram perfeito (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004). A meta final pode ser uma ficção, isto é, um ideal impossível de realizar, mas continua sendo um estímulo muito real para a busca humana e para a explicação final da conduta. Em outras palavras: o finalismo ficcional é a imagem que o indivíduo tem do objetivo. É mais uma experiência subjetiva do que uma realidade objetiva e fornece a direção para os esforços do indivíduo (CLONINGER, 1999).



Exemplificando

Se uma pessoa acredita que existe um céu para as pessoas virtuosas e um inferno para as pecadoras, essa crença exerce uma considerável influência em sua conduta. Ou seja, a busca pelo céu pode fazer com que a pessoa tenha determinados comportamentos e atitude em vida motivados pelo alcance da felicidade plena depois da morte.

- Estilo de vida: corresponde ao princípio do sistema pelo qual a personalidade funciona e explica a singularidade da pessoa. Cada um tem um estilo de vida e não há dois iguais. Tudo o que fazemos é moldado e definido pelo nosso estilo de vida particular, que determina quais aspectos do nosso ambiente atendemos ou ignoramos e quais atitudes mantemos. Adquirimos nosso estilo de vida a partir das interações sociais que ocorrem nos primeiros anos de vida. Por volta dos 4-5 anos de idade, esse estilo de vida fica tão cristalizado que seria difícil mudá-lo depois e torna-se a estrutura guia de todos os comportamentos posteriores. Entre os estilos de vida básicos estão o dominador, o dependente, o esquivo e os tipos socialmente úteis.



Pesquise mais

Veja mais sobre os estilos de vida básicos, segundo Adler, no livro:

COBRA, Rubem Q. **Alfred Adler, fundador da psicologia individual.** Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

Segundo o pensamento adleriano, temos o controle do nosso destino, mas não somos vítimas dele (como diziam as teorias deterministas - a psicanálise de Freud).



Reflita

Adler dizia que o estilo de vida é determinado pelas reações sociais nos primeiros anos e sujeito a poucas mudanças mais tarde. Isso não parece tão determinista quanto a visão freudiana que enfatiza a importância da infância na formação da personalidade do adulto?

A resposta para essa pergunta está no fato de que a teoria de Adler não é tão determinista quanto pode parecer de início. Isso porque o autor resolveu o dilema propondo um conceito que descreveu como o poder criativo do self (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

- Self: corresponde a um sistema altamente personalizado e subjetivo que interpreta e torna as experiências do organismo significativas. É criativo, singular, consistente e soberano na estrutura da personalidade. O poder do self criativo está na habilidade de criar um estilo de vida apropriado (a partir de habilidades e experiências que são transmitidas para nós pela herança genética e pelo ambiente social). “Não somos passivamente moldados pelas experiências da infância, as quais não são tão importantes quanto a nossa atitude consciente em relação a elas” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015, p. 119). Adler informou que nem a hereditariedade nem o ambiente fornecem uma explicação completa para o desenvolvimento da personalidade. Em vez disso, a maneira como interpretamos essas influências forma a base para a construção criativa da nossa atitude em relação à vida.
- Interesse social: acontece quando a luta pela superioridade se torna socializada. Adler acreditava que o interesse social é inato, ou seja, o homem é uma criatura social por natureza e não por hábito. Quando essa característica é potencializada, o homem consegue colocar o bem-estar comum à frente de seus interesses pessoais. Em outras palavras, o interesse social é uma alavancas que nos faz ajudar outras pessoas a atingirem suas metas pessoais e sociais.



Assimile

Para Adler, cada pessoa é o “artista de sua própria personalidade” (ANSBACHER; ANBACHER, 1956 apud SCHULTZ; SCHULTZ, 2015, p. 177). Essa afirmação remete à ideia de que a personalidade é construída (e não determinada) pelo indivíduo e pela sociedade em que está inserido.

Além de Adler, outros autores expandiram a teoria psicanalítica e falaram sobre a importância do contexto social no desenvolvimento da personalidade humana. Aqui, falaremos sobre Erik Erikson e as fases do desenvolvimento psicossocial.

Erik Erikson e as fases do desenvolvimento psicossocial

Erikson foi outro autor que recebeu bastante influência da psicanálise freudiana, mas se afastou dela, atribuindo um caráter mais sociocultural para o desenvolvimento da sua teoria da personalidade. Não negava a proposta de desenvolvimento psicossexual de Freud, mas mudou o enfoque dela para o problema da identidade e das crises do ego, baseado em um contexto sociocultural. O estudo da identidade tornou-se estratégico para o autor, que viveu em uma época na qual a psicanálise deslocava o foco do id e das motivações inconscientes para os conflitos do ego.

Em meados do século XX, Erikson começou a construir sua teoria psicossocial do desenvolvimento, considerando o ser humano como um ser social, antes de tudo, um ser que vive em grupo e que está submetido à sua pressão e à sua influência. O autor, em sua obra clássica *Infância e sociedade* (1950-1987), criou oito estágios, que chamou de psicossociais, nos quais o ego passaria por algumas crises ao longo do ciclo vital. Tais crises seriam estruturadas de forma que, ao sair delas, o sujeito sairia com um ego (no sentido freudiano) mais fortalecido ou mais frágil, de acordo com a vivência do conflito, e cujo final de crise influenciaria diretamente o próximo estágio, de forma que o crescimento e o desenvolvimento da personalidade (na verdade, Erikson focalizou a identidade) estariam completamente vinculados ao seu contexto social, que seria o palco dessas crises. Isso quer dizer que a negociação eficaz em cada estágio das crises do ego é fundamental para o crescimento favorável. Erikson usou como base as fases de desenvolvimento psicossexual propostas por Freud; de fato, seus primeiros cinco estágios refletem as crises do ego que estão entrelaçadas com as fases propostas por Freud.

Vejamos as oitos fases do desenvolvimento psicossocial propostas por Erikson (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015):

1. Confiança básica versus desconfiança básica (0 até 1 ano de idade): durante o primeiro ano de vida, a criança precisa conseguir alimentação, sono tranquilo e condições confortáveis para a excreção, ou seja, é totalmente dependente de um cuidador. Se o ambiente proporcionado pelo cuidador satisfizer as necessidades do bebê, a criança desenvolverá um sentido de confiança e esperança. Entretanto, rupturas nesse estágio podem gerar sentimentos de desconfiança e abandono. O amadurecimento ocorrerá de forma saudável se a criança se sentir segura e afetivamente satisfeita. Isso a ajudará a desenvolver, quando adulta, confiança e segurança nas pessoas e no mundo.
2. Autonomia versus vergonha e dúvida (2 a 3 anos de idade): nessa fase, a criança passa a ter controle sobre o próprio corpo (necessidades fisiológicas e higiene pessoal), o que dá a ela grande autonomia, confiança e liberdade para tentar novas coisas sem medo de errar. O ideal, nessa etapa, é que os cuidadores

orientem e ensinem a controlar seus impulsos, mas não de maneira severa, pois, caso a criança seja excessivamente criticada ou ridicularizada, poderá desenvolver vergonha e dúvida quanto à sua capacidade de realização, provocando uma volta ao estágio anterior, ou seja, a dependência. Problemas nesse estágio poderão resultar em adultos dependentes e inseguros com sentimentos do tipo: não serei bem-sucedido, não conseguirei realizar essa tarefa.

3. Iniciativa versus culpa (4 a 5 anos de idade): a criança entra nessa fase sabendo que é uma pessoa independente e autônoma (é um ser separado de outro ser). Durante esse período, ela aprende a planejar e a agir, bem como a se dar bem com seus pares. Agora, resta relacionar a autonomia e a confiança adquirida à iniciativa, pela expansão intelectual. A combinação confiança-autonomia gera na criança um sentimento de determinação, alavanca para a iniciativa. "Com a alfabetização e a ampliação de seu círculo de contatos, a criança adquire o crescimento intelectual necessário para apurar sua capacidade de planejamento e realização" (ERIKSON, 1987, p. 116). Caso aconteçam excessivas negociações malsucedidas nesse estágio, a criança pode se tornar medrosa em relação a si mesma e ao mundo. Isso quer dizer que, embora ela visualize possibilidades de realização, sente-se muito medrosa ou incapaz de perseguí-las. Caso esses sentimentos não sejam resolvidos a tempo, a criança poderá se tornar um adulto incapaz de tomar iniciativas ou decisões, além de não ter confiança em si mesmo. Problemas relacionados à autoestima podem ter sido desencadeados nessa fase (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004).
4. Diligência versus inferioridade (6 a 11 anos de idade): esse é o período em que a criança aprende a tirar prazer e satisfação da realização de algum tipo de atividade (o mais comum é por meio das atividades acadêmicas durante o processo de alfabetização). É nessa fase, também, que ocorre o contato social da criança com outras crianças e adultos, no ambiente escolar. Segundo Friedman e Schustack (2004), o sucesso nessa fase pode resultar em adultos capazes de solucionar problemas e se orgulhar de suas habilidades, ou seja, uma pessoa competente. Entretanto, caso não consiga superar essa fase, as consequências podem estar associadas a dificuldades em encontrar soluções para os problemas da vida, sentimentos de inferioridade em relação a seus pares, além de um profundo sentimento de incapacitação para a realização de qualquer coisa em qualquer área da vida.
5. Identidade versus confusão de identidade (12 aos 18 anos de idade): o quinto estágio ganha contornos diferentes devido à crise psicossocial que nele acontece, ou seja, identidade versus confusão. Em seus estudos, Erikson ressalta que o adolescente precisa de segurança diante das transformações – físicas e psicológicas – do período. Essa segurança, ele encontra na forma de sua identidade, que foi construída por seu ego em todos os estágios anteriores. Toda a preocupação do adolescente em encontrar um papel social provoca uma confusão de identidade, afinal, a preocupação com a opinião

alheia faz com que o adolescente modifique suas atitudes, remodelando sua personalidade, muitas vezes, em um período muito curto, seguindo o mesmo ritmo das transformações físicas que acontecem com ele (RABELLO, 2001). Ainda, segundo o mesmo autor, nessa confusão de identidade, o adolescente pode se sentir vazio, isolado, ansioso, podendo sentir-se, também, incapaz de se encaixar no mundo adulto, o que pode, muitas vezes, levar a uma regressão. Da mesma forma, pode acontecer de o jovem projetar suas tendências em outras pessoas, por ele mesmo não suportar sua identidade. Aliás, esse é um dos mecanismos apontados por Erikson como base para a formação de preconceitos e discriminações. Porém, a confusão de identidade pode ter um bom desfecho: em meio à crise, quanto melhor o adolescente tiver resolvido suas crises anteriores, mais possibilidade terá de alcançar aqui a estabilização da identidade. Quando essa identidade estiver firme, ele será capaz de ser estável com os outros, conquistando, segundo Erikson, a lealdade e a fidelidade consigo mesmo, com seus propósitos, conquistando o senso de identidade contínua (RABELLO, 2001).

6. Intimidade versus isolamento (jovem adulto): nesse momento, o interesse, além de profissional, gravita em torno da construção de relações profundas e duradouras, podendo vivenciar momentos de grande intimidade e entrega afetiva. Caso ocorra uma decepção, a tendência será o isolamento temporário ou duradouro.
7. Generatividade versus estagnação (meia-idade): pode aparecer uma dedicação à sociedade à sua volta e realização de valiosas contribuições ou grande preocupação com o conforto físico e material. Essa é a fase em que o ser humano sente que sua personalidade foi enriquecida – e não modificada – com tais ensinamentos. Isso acontece porque existe uma necessidade inerente ao homem de transmitir, de ensinar. É uma forma de fazer-se sobreviver, de fazer valer todo o esforço de sua vida, de saber que tem um pouco de si nos outros. Isso impede a absorção do ser em si mesmo e, também, a transmissão de uma cultura. Caso essa transmissão não ocorra, o indivíduo se dá conta de que tudo o que fez e tudo o que construiu não valeu a pena, não teve um porquê, já que não existe como dar prosseguimento, seja em forma de um filho, um sócio, uma empresa ou uma pesquisa (RABELLO, 2001).
8. Integridade versus desespero (velhice): se o envelhecimento ocorre com sentimento de produtividade e valorização do que foi vivido, sem arrependimentos e lamentações sobre oportunidades perdidas ou erros cometidos, haverá integridade e ganhos; do contrário, um sentimento de tempo perdido e a impossibilidade de começar de novo trarão tristeza e desesperança.

Veja a tabela a seguir com um resumo bastante didático sobre as fases do desenvolvimento psicossocial segundo Erik Erikson.

Tabela 3.1 | Desenvolvimento psicossocial segundo Erikson

DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL SEGUNDO ERIKSON						
Estádio	Idade aproximada	Resolução da crise		Núcleo de relações significativas	Comportamentos psicossociais	Virtude
		Éxito	Fracasso			
1.ª idade: Bebé	Do nascimento Aos 18 meses	Questão-chave: "Será o meu mundo social previsível e protector?"				
		Confiança Sente-se protegido e seguro: desenvolve o sentimento básico de confiança na vida	Desconfiança Retraído, desprotegido ou abandonado, tem medo e aprende a desconfiar do mundo	Mãe ou substituta da mãe	- Dar - Receber	Esperança
2.ª idade: Criança de terra idade	Dos 18 meses aos 3 anos	Questão-chave: <i>Será que consigo fazer as coisas sozinho ou tenho de depender quase sempre dos outros?</i>				
		Autonomia Sente-se independente, atreve-se a fazer coisas e a desenvolver as suas capacidades.	Vergonha e Dúvida Demasiado controlado pelos pais, não se atreve, duvida, aprende tudo mais tarde.	País	- Dominar - Proteger - Largar - Deixar	Força de vontade
3.ª idade: Criança em idade pré-escolar	Dos 3 aos 6 anos	Questão-chave: "Serei bom ou mau?"				
		Iniciativa Imaginação, vivacidade, actividade. Sente orgulho nas suas capacidades.	Sentimento de culpa Falta de espontaneidade. Inibição. Sente-se culpado, considera-se mau.	Família	- Fazer - Reproduzir - Fazer de conta - Brincar	Tenacidade
4.ª idade: Criança em idade escolar	Dos 6 aos 12 anos	Questão-chave: "Serei competente ou incompetente?"				
		Diligência Trabalhador, empreendedor. Gosta de realizar coisas, de participar em jogos, de competir.	Sentimento de inferioridade Preguiçoso, sem iniciativa. Evita entrar em competição. Considera-se inferior e mediocre.	Vizinhos. Escola	- Fazer coisas - Competir - Fazer coisas em conjunto	Competência
5.ª idade: Adolescente	Dos 12 aos 20 anos	Questão-chave: "Quem sou eu? O que vou fazer da minha vida?"				
		Identidade Sabe quem é e o que quer da vida. Segurança, independência. É capaz de aprender muito. Sexualidade integrada	Confusão / Insegurança Não sabe o que quer. Não sabe situar-se face ao trabalho, à sociedade e à sexualidade.	Colegas e amigos	- Ser igual a si próprio - Partilhar	Lealdade / Fidelidade
6.ª idade: Jovem adulto	Dos 20 aos 35 anos	Questão-chave: <i>Deverei partilhar a minha vida com alguém ou deverei viver sozinho?</i>				
		Intimidade Capacidade de amar e de se entregar. Sexualidade enriquecedora. Vínculos sociais estáveis e abertos.	Isolamento Dificuldades em relacionar-se. Relações inautênticas, efêmeras, problemáticas, instáveis.	Parceiros com ligações de amizade, sexo e cooperação	- Encontrar-se ou perder-se no outro	Amor / Afiliação
7.ª idade: Adulto	Dos 35 aos 65 anos	Questão-chave: <i>"Produzirei algo com valor, útil para mim e também para outros?"</i>				
		Generatividade Produtivo e criativo. Projectado para o futuro. Gosta de colaborar com as novas gerações.	Estagnação Improdutivo, acabado. Precupado consigo próprio, egocêntrico.	Repartição entre actividades profissionais e familiares	- Fazer ser - Cuidar de	Produção / Cuidado
8.ª idade: Idoso	Dos 65 anos em diante	Questão-chave: "Valeu a pena viver?"				
		Integridade Aceita a sua existência como algo de valioso. Satisfeita com a vida.	Desespero Considera que a vida foi tempo perdido e que é impossível recuperar. Teme a morte.	Humanidade, os da mesma condição.	- Ser pelo o que se foi - Encarar o não - ser	Sabedoria

Fonte: adaptada de <<https://metamorfosepsicodesenvolvimento.files.wordpress.com/2011/07/erikson.jpg>>; <<https://metamorfosepsicodesenvolvimento.files.wordpress.com/2011/07/erikson2.jpg>> e <<https://metamorfosepsicodesenvolvimento.files.wordpress.com/2011/07/erik31.jpg>>.

Como você pode perceber, Erikson não apenas ampliou o âmbito de visão da personalidade para todo o período de vida, como também enfatizou a importância da sociedade no desenvolvimento da personalidade. Para isso, o autor estudou cultura, história e antropologia.



Faça você mesmo

Pesquise na internet sobre a biografia de pessoas famosas, tais como Martin Luther e Mahatma Gandhi. Veja como esses perfis de personalidade oferecem exemplos sobre a teoria de Erikson.

Para finalizamos nosso estudo sobre a teoria de Erik Erikson, cabe destacar que, embora o autor tenha contribuído significativamente para o desenvolvimento das teorias da personalidade em psicologia, principalmente no que se refere ao reconhecimento do desenvolvimento da personalidade durante toda a vida, o conceito de crise de identidade na adolescência e a incorporação (na sua teoria) das influências culturais no comportamento das pessoas, sua teoria não escapou das críticas (ROSENTHAL; GURNEY; MOORE, 1981; WATERMAN, 1982 apud SCHULTZ; SCHULTZ, 2015), que apontam termos e conceitos ambíguos, conclusões tiradas sem dados claros e precisos. Erikson concordava que essas acusações eram válidas e atribuía a culpa ao seu temperamento artístico e à falta de educação formal em ciências. Ele escreveu: "eu vim da arte à psicologia, o que pode explicar, se não justificar, o fato de que às vezes o leitor me verá pintando contextos e fundos onde ele preferiria que eu apontasse fatos e conceitos" (ERIKSON, 1950, p. 13).



Pesquise mais

Você poderá encontrar mais informações sobre as críticas que Erikson recebeu em relação à psicologia individual, lendo o livro:

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

Sem medo de errar

Podemos ajudar Adriana a elaborar um programa motivacional para os jovens da ONG, pensando nas teorias sociopsicanalíticas propostas por Adler e Erikson. A ideia é conscientizar e incentivar os jovens sobre a importância de se aprender uma profissão e o quanto essa oportunidade oferecida pela ONG poderá ajudá-los em seu desenvolvimento profissional e consequente inserção social.

É importante que Adriana inicie seu projeto conhecendo um pouco sobre a história de vida dos jovens. Conhecer as motivações e os planos de vida (finalismo ficcional), possíveis sentimentos de fracasso (complexo de inferioridade), lutas para atingir as metas (luta pela superioridade), rivalidades em família, estrutura de self, entre outros, pode ser um bom caminho para ter o conhecimento necessário de quem são esses jovens com quem ela pretende trabalhar.

Como sugestão para essa atividade, ela pode elaborar uma dinâmica na qual os jovens possam trocar informações e contar histórias referentes à sua vida. Que tipo de dinâmicas você indicaria para Adriana, pensando no objetivo proposto (informações sobre a história de vida)?

Você poderá encontrar diversas dinâmicas de grupo no site Só Dinâmicas, disponível em: <<http://sodinamicas.com.br/>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

Durante a atividade, é importante que Adriana preencha a seguinte tabela:

Tabela 3.2 | Observação dos participantes segundo a teoria de Adler

	Complexos de inferioridade?	Finalismo ficcional?	Luta pela superioridade?	Self criativo?
Participante X				
Participante Y				
Participante Z				

Fonte: elaborada pela autora.

Tendo em vista as informações sobre a forma de funcionamento dos participantes, Adriana pode trabalhar em pontos considerados mais problemáticos, como possíveis complexos de inferioridade que impeçam os participantes de aprenderem um ofício ou ideias idealizadas e fora da realidade que afastem os jovens de uma possível chance de ingresso no mercado de trabalho. Pense em quais atividades ela poderia realizar com os jovens. Que tipo de trabalho ajudaria uma pessoa que se considera incapaz de produzir? Como incentivar uma pessoa a tentar realizar algo que a deixa insegura? O artigo referenciado a seguir poderá ajudá-lo a responder a essas perguntas:

SANTOS, Eduardo João Ribeiro dos; PAIXÃO, Maria Paula. A perspectiva adleriana do desenvolvimento na adolescência: actualidade da noção de plano de vida. **Psychologica**, v. 7, p. 1-9, 1992. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13003>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

Veja um exemplo disso que estamos falando: uma jovem que tenha sido sempre comparada à irmã mais velha, desde a infância, e extremamente criticada pelos pais por sua falta de interesse em seguir a profissão da família (confecção de roupas). Ela apresenta resistência e falta de interesse em aprender qualquer outra profissão. Por meio da dinâmica feita por Adriana, a jovem mostrou interesse por informática. Sabendo disso, Adriana e o próprio grupo poderão incentivar a jovem a desenvolver competências e habilidades para aprender informática e, assim, ter uma chance de ingressar no mercado de trabalho. Com base nesse exemplo, elabore situações fictícias nas quais Adriana possa desenvolver seu projeto motivacional para inserir os jovens da ONG no mercado de trabalho.



Atenção

Não se esqueça de avaliar as fases do desenvolvimento psicossocial de Erikson pelas quais os jovens já passaram. Problemas de fixação em alguma das fases podem ser indícios de dificuldades na motivação para aprender um ofício.

Avançando na prática

As teorias sociopsicanalíticas de Adler e Erikson

Pedro tem 35 anos de idade e apresenta uma série de dificuldades tanto na vida pessoal quanto na vida profissional. Segundo seu relato, sua maior dificuldade está em confiar nas pessoas e acreditar que elas irão agir da maneira correta (sem trapaças), principalmente no ambiente profissional. Além disso, relata sentir muito ciúme da namorada e não consegue acreditar que ela o ama de verdade, uma vez que não consegue entender como uma mulher bonita e legal como ela pode querer estar com um homem feio e chato como ele. Sua conclusão é que deve existir algum interesse oculto da namorada para querer ficar nesse relacionamento. Sua história de vida passa por uma relação de tensão desde o nascimento. Sua mãe engravidou aos 16 anos e não quis criar o filho, deixando-o sob os cuidados do avô paterno, que trabalhava muito e praticamente não tinha tempo de ficar com o neto. Pedro acabou sendo criado um pouco na casa de cada membro da família e diz não conseguir identificar uma figura significativa de cuidado e afeto. Ele se recorda de ter vivenciado sentimentos de medo e angústia durante a infância, principalmente quando estava em locais escuros ou quando era fortemente criticado na escola por não conseguir acompanhar as notas dos demais alunos da classe. Uma das poucas lembranças que tem da adolescência refere-se a episódios nos quais era comparado aos primos e ridicularizado por não conseguir ter uma namorada e por ter um biótipo físico magro e frágil.

Resolução da situação-problema

O caso de Pedro pode ser pensado com base nas teorias sociopsicanalíticas de Adler e Erikson. Observe que ele, desde o nascimento, não teve figuras significativas de afeto e cuidado, o que pode ter ocasionado problemas durante a primeira fase da vida (confiança versus desconfiança). Segundo Erikson, crianças que não receberam cuidados e afetos básicos nos primeiros anos de vida podem desenvolver sentimento de insegurança e desconfiança em relação às pessoas e ao mundo. Além disso, não se sentem merecedores de afeto e consideram o mundo um lugar perigoso e hostil. Adler dizia que o estilo de vida de uma pessoa é determinado pelas reações sociais nos primeiros anos e sujeito a poucas mudanças mais tarde. No caso de Pedro, vimos que ele teve que encontrar meios de sobreviver (emocionalmente) sozinho no mundo. É possível, também, observar o desenvolvimento de complexo de inferioridade em relação aos primos e colegas da escola, o que justifica o ciúme e a insegurança em relação à namorada. Lembre-se de que, para Adler: "no complexo de inferioridade, sentimentos normais de incompetência assumem proporções bem maiores, fazendo com que o indivíduo sinta que parece impossível alcançar metas e, portanto, que não vale a pena tentar" (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004, p. 124).

O trabalho com Pedro consiste em desconstruir os complexos de inferioridade e encontrar motivações (luta pela superioridade) que possam ajudá-lo a se desenvolver e superar seus sentimentos de insegurança, abandono e desconfiança.

Faça valer a pena

1. Em relação a Erik Erikson, considere as seguintes afirmações:

- I. Foi fortemente influenciado pela psicanálise de Freud antes de construir sua teoria da personalidade, a qual deu um caráter mais sociocultural.
 - II. O estudo da identidade tornou-se estratégico para o autor, que viveu em uma época na qual a psicanálise deslocava o foco do id e das motivações inconscientes para os conflitos do ego.
 - III. Baseou-se na teoria cognitivo-comportamental para descrever as fases do desenvolvimento psicossocial de crianças e adultos.
 - IV. Criou oito estágios, que chamou de psicossociais, nos quais descreveu algumas crises pelas quais o ego passa, ao longo do ciclo vital.
- Assinale V (para verdadeiro) ou F (para falso) e depois escolha a alternativa correta.
- a) I (V), II (V), III (V), IV (V).
 - b) I (V), II (F), III (F), IV (V).

- c) I (V), II (V), III (F), IV (V).
- d) I (F), II (F), III (F), IV (F).
- e) I (F), II (V), III (V), IV (F).

2. Maria é uma pessoa bastante religiosa e tem muito claro, para si mesma, que existe "um mundo melhor" após a morte aguardando as pessoas com a mesma fé que a dela, bem como um "mundo cruel" para as pessoas pecadoras e que não acreditam no mesmo Deus que o seu.

A fé de Maria influencia e determina todos os seus comportamentos, afinal, sua maior preocupação é alcançar esse mundo melhor após a morte.

Segundo Alfred Adler e a psicologia individual, o comportamento de Maria pode ser explicado por:

- a) Fanatismo religioso.
- b) Finalismo ficcional.
- c) Superioridade religiosa.
- d) Complexo de inferioridade.
- e) Self criativo.

3. A biografia de Alfred Adler traz relatos da sua história de vida que em tudo tem a ver com sua teoria da personalidade. Muitos construtos teóricos de Adler repercutem suas experiências pessoais de criança adoentada. Um dos construtos teóricos de Adler mais importantes para a psicologia individual diz que todo mundo nasce com alguma fragilidade física. É nesse "elo frágil que a incapacidade ou doença tende a se enraizar e, portanto, o corpo tenta compensar a deficiência em outra área" (ADLER apud FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004, p. 125).

Assinale a alternativa que representa esse conceito teórico proposto por Adler:

- a) Luta pela superioridade.
- b) Finalismo ficcional.
- c) Complexo de Édipo.
- d) Inferioridade emocional.
- e) Inferioridade orgânica.

Referências

- ADLER, A. **Infância e história**: destruição de experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ADLER, E. N. **Jewish travellers in the middle ages**: 19 firsthand accounts. Courier Corporation, 1930.
- BERGERET, J. O problema das defesas. In: _____ et al. **Psicopatologia**: teoria e clínica. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Associação Palas Athena, 1988.
- CLONINGER, S. C. **Teorias da personalidade**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COBRA, R. Q. **Alfred Adler, fundador da psicologia individual**. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br/ecp-adler.html>>. Acesso em: 8 fev. 2017.
- CUNHA, M. V. **Psicologia da educação**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.
- ENTREVISTA com Carl Jung. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lN3y2go4Tmg>>. Acesso em: 3 out. 2016.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. **Infância e sociedade**. Tradução de G. Amado. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.
- _____; ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: HARBRA, 1986.
- FREUD, além da alma. Direção: John Huston. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ykywqa6uhhY>>. Acesso em: 19 set. 2016.
- FRIEDMAN, H. S.; SCHUSTACK, M. W. **Teorias da personalidade**: da teoria clássica à pesquisa moderna. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- FRIEDRICH, S. M. **Alfred Adler (1870-1937)**. S/D. Disponível em: <http://www.febrapsi.org.br/novo/wp-content/uploads/2013/02/alfred_adler.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2016.
- HALL, C. S.; NORDBY, V. J. **Introdução à psicologia junguiana**. 8. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2005.

- HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes Limitada, 2011.
- _____. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. In: **Obras completas de C. G. Jung**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 9, n. 1.
- _____. et al. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LIRUSSI, M. **El Psicoanálisis no es una ciencia**. 2014. Disponível em: <<http://barderzine.blogspot.com.br/2014/08/el-psicoanalisis-no-es-una-ciencia-y.html>>. Acesso em: 9 jan. 2016.
- MEIRA, I. F. **Carl Jung: símbolos e sonhos**. Disponível em: <<http://www.psicosmica.com/2015/01/carl-jung-simbolos-e-sonhos.html>>. Acesso em: 3 out. 2016.
- RABELLO, E. T.; PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2016.
- SANTOS, E. J. R.; PAIXÃO, M. P. A perspectiva adleriana do desenvolvimento na adolescência: actualidade da noção de plano de vida. **Psychologica**, v.7, p.1-9, 1992. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13003>>. Acesso em: 7 nov. 2016.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. Tradução de Priscila Lopes e Lívia Koepll. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. 4. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2002.
- SMITH, M. L.; GLASS, G. V. Meta-analysis of psychotherapy outcome studies. **American Psychologist**, v. 32, n. 9, p. 752, 1977.
- SÓ DINÂMICAS. Disponível em: <<http://sodinamicas.com.br/>>. Acesso em: 5 dez. 2016.
- SOUZA, F. L. M. **O livro vermelho de Jung**: as polaridades da psique e as concepções de Deus. 2015. 305 f. Tese (Doutorado em Ciéncia da Religião)–Instituto de Ciéncias Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

Transtornos da personalidade

Convite ao estudo

Você está iniciando a última unidade de ensino de *Teorias da Personalidade*. Como você deve ter percebido, o conceito de personalidade é bastante complexo fazendo com que as abordagens se aproximem ou se distanciem a partir de suas descobertas, de seu tempo histórico e de suas referências teóricas. O que não significa que há certo ou errado, mas, sim, que toda construção científica, para chegar ao entendimento desse termo, é válida e deve embasar o seu trabalho como futuro psicólogo. À medida que você se identifica com determinada abordagem, seu olhar científico se conecta a ela, agregando-lhe sentido. Porém, é fundamental que você não desconsidere os autores que porventura possam destoar de seu entendimento. A ciência psicológica demanda, incansavelmente, a busca por uma análise crítica e ampliada, que não reduza o ser humano aos conceitos, mas que possibilite a compreensão das múltiplas formas de ser e estar na sociedade.

Agora, se há tantas formas de descrever a personalidade, como podemos identificar se os traços ou comportamentos que a pessoa apresenta são sadios ou estão adoecidos? Qual é o instrumento balizador desse diagnóstico?

Nesta unidade, abordaremos os transtornos relacionados à personalidade, utilizando como guia o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM-5). A leitura desse referencial teórico nos esclarece sobre quais sinais e sintomas estão associados a um determinado transtorno, nos oferecendo possibilidades diagnósticas. Mas o DSM-5 e toda forma de classificação do comportamento humano nos convidam para um grande desafio: como diagnosticar sem reduzir o ser humano?

Primeiramente, é importante estar atento ao fato de que nenhum instrumento, manual, teoria ou concepção contêm uma verdade absoluta e imutável. Assim como os diversos conceitos aprendidos por você, as descrições apresentadas no DSM-5 são construções situadas em um determinado tempo e espaço, logo, históricas e suscetíveis à mudança. O uso de classificações diagnósticas deve ter sempre o objetivo de nortear nossas ações no cuidado. Portanto, não devemos promover uma cisão em relação aos demais saberes – incluindo o saber do indivíduo sobre si mesmo.

Isso posto, ao final desta unidade de ensino, você terá conhecido e poderá elaborar comparações a respeito das diferentes teorias e dos transtornos da personalidade.

Bons estudos!

Seção 4.1

Transtornos da personalidade do grupo A

Diálogo aberto

Não é simples determinar aspectos saudáveis ou adoecidos quando falamos de psiquismo. Diferentemente do corpo biológico, os transtornos mentais raramente são observáveis em exames como os de imagem, por exemplo, ou possuem etiologia (fatores causais) conhecida. Embora possamos lançar mão de alguns instrumentos (como exames complementares e testes psicológicos), o que orienta nosso diagnóstico são os dados clínicos baseados no perfil dos sintomas (apresentados pelo indivíduo) e dos sinais (observados pelo profissional).

Para identificar esses sinais e sintomas, a área da saúde mental adota manuais de classificação diagnóstica. Nesta unidade de ensino, utilizaremos o DSM-5, mas cabe enfatizar que a 10^a edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), elaborada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), abarca todas as condições clínicas, incluindo os transtornos mentais. Você também poderá fazer uso dessa referência em sua atuação.

Agora, imagine a seguinte situação-problema (SP): você é psicólogo e foi convidado a orientar um grupo de profissionais da área de reabilitação (enfermeiros, técnicos de enfermagem, fisioterapeutas e médicos ortopedistas). Esse convite surgiu, porque a equipe tem encontrado sérias dificuldades na condução do tratamento de alguns indivíduos, considerados como "difíceis". Um deles é extremamente desconfiado e recusa todas as orientações. Sua esposa afirma que ele se comporta assim em muitos lugares e que acabou perdendo o emprego, porque reagiu de forma muito raivosa quando se sentiu ofendido por um colega de trabalho. O outro se mantém totalmente distante de todos da equipe. Familiares relatam que ele apresenta muita resistência em comparecer ao serviço de saúde, porque prefere ficar sozinho em casa, arrumando computadores. A equipe tem a sensação de que ele é indiferente a tudo o que lhe acontece, até à questão de sua saúde. Por fim, o terceiro deles compareceu somente uma vez aos atendimentos. Embora apresente condição clínica grave, ele se recusa a sair de casa, ficando extremamente ansioso quando alguém toca no assunto. Cria justificativas infundadas, como a ideia de que alguém fez uma feitiçaria para ele (o que não condiz com a crença e a cultura da família) e que, por isso, não pode fazer

o tratamento. Em visita domiciliar, a equipe percebeu um jeito muito estranho em se vestir, com roupas manchadas e que mal lhe serviam. Analisando as características desses indivíduos e a preocupação da equipe, como você conduziria sua orientação?

Para auxiliá-lo na resolução dessa SP, esta seção abordará a descrição sintomatológica dos transtornos da personalidade do grupo A, segundo o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM-5), bem como a indicação terapêutica para o cuidado dos indivíduos.

Não pode faltar

O *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM), originalmente publicado sob o título *Diagnostic and Statistical Manual of Mental*, encontra-se em sua 5^a edição – lançada no ano de 2013. Elaborado por pesquisadores de todo o mundo e regulado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA - *American Psychiatric Association*), esse manual se constitui como um instrumento de linguagem comum entre as diversas categorias profissionais e como guia para a construção do diagnóstico e do tratamento dos transtornos mentais (APA, 2014).

Embora, como você aprendeu na pré-aula, muitas críticas tenham sido tecidas em torno do DSM-5, ele ainda é um instrumento importante para nortear nosso trabalho – **desde que façamos uso dele de forma a contribuir para o tratamento dos indivíduos**, e não engavetá-lo em padrões estabelecidos pela sociedade, tolhendo suas possibilidades criativas.

Antes de prosseguirmos, você se lembra do conceito de transtorno mental?

Como explica Dalgalarondo (2008), os transtornos mentais são síndromes clínicas, ou seja, uma definição descritiva momentânea e recorrente de sinais e sintomas. Para diagnosticá-los, é fundamental que o profissional investigue também a existência de causas orgânicas ou neurológicas – que podem levar a uma análise errônea – além de considerar o contexto sociocultural do indivíduo avaliado.



Exemplificando

Sintomas depressivos são muito semelhantes aos sintomas de hipotireoidismo – insuficiência fisiológica da glândula da tireoide. A cultura oriental tem características muito diversas da cultura ocidental. Os imigrantes podem apresentar comportamentos considerados inadequados pela inadaptabilidade ao novo meio.

Abordando especialmente as questões relacionadas aos transtornos da personalidade, a nova edição do DSM não apresenta alterações significativas em relação à anterior. Em vista disso, os traços de personalidade somente se constituem como transtornos da personalidade quando se apresentam *inflexíveis e mal adaptativos*, causando prejuízo funcional ou sofrimento significativos nas pessoas, atribuindo como critério diagnóstico (APA, 2014, p. 646-647):

- A. Um padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo. Esse padrão manifesta-se em duas (ou mais) das seguintes áreas:
1. Cognição (formas de perceber e interpretar a si mesmo, outras pessoas e eventos).
 2. Afetividade (variação, intensidade, labilidade e adequação da resposta emocional).
 3. Funcionamento interpessoal.
 4. Controle de impulsos.
- B. O padrão persistente é inflexível e abrange uma faixa ampla de situações pessoais e sociais.
- C. O padrão persistente provoca sofrimento clinicamente significativo e prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
- D. O padrão é estável e de longa duração, e seu surgimento ocorre pelo menos a partir da adolescência ou do início da fase adulta.
- E. O padrão persistente não é mais bem explicado como uma manifestação ou consequência de outro transtorno mental.
- F. O padrão persistente não é atribuível aos efeitos fisiológicos de uma substância (p. ex., droga de abuso, medicamento) ou a outra condição médica (p. ex., traumatismo).

Importante registrar que, para diagnosticar uma pessoa com menos de 18 anos de idade, essas características têm de estar presentes por pelo menos um ano, com exceção do transtorno da personalidade antissocial, que não pode ser atribuído aos indivíduos menores de 18 anos de idade (APA, 2014, p. 646-647).

O DSM-5 organiza os transtornos da personalidade em três grupos, a partir de semelhanças descritivas:

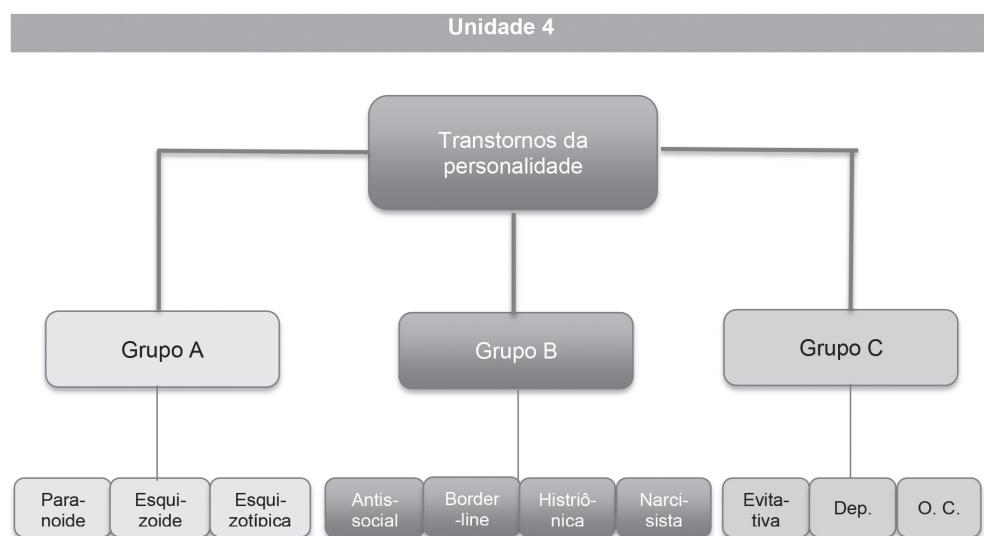
Grupo A: inclui os transtornos da personalidade paranoide, esquizoide e esquizotípica. Frequentemente indivíduos com sintomatologia relacionada a este

grupo parecem “esquisitos e excêntricos” (APA, 2014, p. 646).

Grupo B: inclui os transtornos da personalidade antissocial, borderline, histriônica e narcisista. A semelhança entre a sintomatologia desse grupo inclui comportamentos “dramáticos, emotivos ou erráticos” (APA, 2014, p. 646).

Grupo C: inclui os transtornos da personalidade evitativa, dependente e obsessivo-compulsiva. Portanto, a sintomatologia que se assemelha entre os transtornos deste grupo inclui comportamentos frequentemente “ansiosos ou medrosos” (APA, 2014, p. 646).

Figura 4.1 | Transtornos da personalidade



Fonte: elaborada pela autora.



Assimile

Os traços de personalidade somente se constituem como transtornos da personalidade quando se apresentam *inflexíveis e mal adaptativos*, causando prejuízo funcional ou sofrimento significativos nas pessoas (APA, 2014).

Ao longo desta unidade de ensino, você aprenderá sobre esses três grupos. Nesta seção, nos concentraremos nos transtornos relacionados ao grupo A:

Transtorno da personalidade paranoide

O transtorno da personalidade paranoide está representado no DSM-5 com o código 301.0 e, no CID-10, com o código F60.0.

O sujeito que vivencia uma situação paranoide percebe-se invadido por agentes externos. Como descreve Dalgalarroondo (2008, p. 117): “vivencia o seu espaço interior como invadido por aspectos ameaçadores, perigosos e hostis do mundo. O espaço exterior é, em princípio, invasivo, fonte de perigos e ameaças”. Segundo a APA (2014, p. 649), os critérios diagnósticos para este transtorno são:

- A. Um padrão de desconfiança e suspeita difusa dos outros, de modo que suas motivações são interpretadas como malévolas, que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por quatro (ou mais) dos seguintes:
1. Suspeita, sem embasamento suficiente, de estar sendo explorado, maltratado ou enganado por outros.
 2. Preocupação com dúvidas injustificadas acerca da lealdade ou da confiabilidade de amigos e sócios.
 3. Relutância em confiar nos outros devido ao medo infundado de que as informações serão usadas maldosamente contra si.
 4. Percepção de significados ocultos humilhantes ou ameaçadores em comentários ou eventos benignos.
 5. Rancores persistentes (sem perdão a insultos, injúrias ou desprezo).
 6. Percepção de ataques a seu caráter ou reputação que não são percebidos pelos outros e reação raivosa ou contra-ataque rápido.
 7. Suspeitas recorrentes e injustificadas acerca da fidelidade do cônjuge ou parceiro sexual.
- B. Não ocorre exclusivamente durante o curso de esquizofrenia, transtorno bipolar ou depressivo com sintomas psicóticos ou outro transtorno psicótico e não é atribuível aos efeitos fisiológicos de outra condição médica.



Dessa forma,



[...] o transtorno da personalidade paranoide não deve ser diagnosticado se o padrão de comportamento ocorre exclusivamente durante o curso de esquizofrenia, transtorno bipolar ou depressivo com sintomas psicóticos ou outro transtorno psicótico ou se é atribuível aos efeitos fisiológicos de uma condição neurológica (p. ex., epilepsia do lobo temporal) ou a outra condição médica. (APA, 2014, p. 650)

Mais uma vez, é extremamente importante frisar que aspectos culturais, históricos e sociais que envolvem o indivíduo devem ser considerados e analisados antes de lhe atribuir qualquer diagnóstico. Assim, por exemplo, imigrantes, refugiados, pessoas relacionadas a grupos minoritários podem apresentar, por conta de todo o contexto que as cercam, comportamento desconfiado e defensivo.

Transtorno da personalidade esquizoide

O transtorno da personalidade esquizoide está representado no DSM-5 com o código 301.20 e, no CID-10, com o código F60.1. A característica essencial desse transtorno é o *distanciamento afetivo*, com aparente frieza emocional. Além disso, o indivíduo apresenta capacidade limitada para expressar sentimentos calorosos, incluindo a raiva, sendo indiferentes a elogios ou críticas, e poucas atividades lhe oferecem prazer, o que inclui a atividade sexual, e por essa razão há uma preferência por atividades solitárias (DALGALARRONDO, 2008). Porém, embora incomum, quando se sente minimamente confortável em se revelar, por vezes, admite sentimento de dor, principalmente relacionado às interações sociais (DSM, 2014).

Dessa forma, os critérios diagnósticos para este transtorno, segundo a APA (2014, p. 652), são:



- A. Um padrão difuso de distanciamento das relações sociais e uma faixa restrita de expressão de emoções em contextos interpessoais que surgem no início da vida adulta e estão presentes em vários contextos, conforme indicado por quatro (ou mais) dos seguintes:
 1. Não deseja nem desfruta de relações íntimas, até mesmo ser parte de uma família.
 2. Quase sempre opta por atividades solitárias.
 3. Manifesta pouco ou nenhum interesse em ter experiências sexuais com outra pessoa.

4. Tem prazer em poucas atividades, por vezes em nenhuma.
 5. Não tem amigos próximos ou confidentes que não sejam os familiares de primeiro grau.
 6. Mostra-se indiferente ao elogio ou à crítica de outros.
 7. Demonstra frieza emocional, distanciamento ou embotamento afetivo.
- B. Não ocorre exclusivamente durante o curso de esquizofrenia, transtorno bipolar ou depressivo com sintomas psicóticos, outro transtorno psicótico ou transtorno do espectro autista e não é atribuível aos efeitos psicológicos de outra condição médica.

Para não confundir com outros diagnósticos com quadros psicóticos, é importante saber que: para diagnosticar o indivíduo com transtorno da personalidade esquizoide, os critérios descritos devem “ter estado presente antes do aparecimento dos sintomas psicóticos e deve persistir quando tais sintomas estão em remissão” (APA, 2014, p. 655).



Pesquise mais

Este artigo relata o processo psicoterapêutico, a partir da abordagem centrada na pessoa, de um homem de 55 anos com traços de personalidade esquizoide. Ao longo da leitura, podemos perceber o quanto o diagnóstico é delicado, uma vez que sinais e sintomas de outros transtornos mentais atravessam a vivência do indivíduo, mas que, para além de uma classificação diagnóstica, o psicólogo deve atuar, compreendendo o indivíduo de forma integral:

FREITAS, Vânia; MOTA, Catarina Pinheiro; BORGES, Marisa. No limite da realidade: intervenção psicoterapêutica na vivência de João. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 299-309, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2016.

Transtorno da personalidade esquizotípica

O transtorno da personalidade esquizotípica está representado no DSM-5 com o código 301.22 e, no CID-10, com o código F21. Os critérios para seu diagnóstico incluem (APA, 2014, p. 655-656):



A. Um padrão *difuso de déficits sociais e interpessoais* marcado por desconforto agudo e capacidade reduzida para relacionamentos íntimos, além de distorções cognitivas ou perceptivas e comportamento excêntrico, que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes:

1. Ideias de referência (excluindo delírios de referência): interpretações incorretas de incidentes casuais e eventos externos como tendo um sentido particular e incomum especificamente para a pessoa.
 2. Crenças estranhas ou pensamento mágico que influenciam o comportamento e são inconsistentes com as normas subculturais (p. ex., superstições, crença em clarividência, telepatia ou "sexto sentido"; em crianças e adolescentes, fantasias ou preocupações bizarras). Outro exemplo: a crença de que o fato de o cônjuge estar levando o cachorro para passear é consequência direta de, uma hora antes, ter pensado que isso devia ser feito.
 3. Experiências perceptivas incomuns, incluindo ilusões corporais: por exemplo, sentir que outra pessoa está presente ou ouvir uma voz murmurando seu nome.
 4. Pensamento e discurso estranhos (p. ex., vago, circunstancial, metafórico, excessivamente elaborado ou estereotipado).
 5. Desconfiança ou ideação paranoide, por exemplo: crer que os colegas de trabalho estão planejando minar sua reputação com o chefe.
 6. Afeto inadequado ou constrito.
 7. Comportamento ou aparência estranha, excêntrica ou peculiar. Por exemplo, o indivíduo pode evitar contato visual, usar roupas manchadas ou que não servem bem e ser incapaz de participar das provocações e brincadeiras que ocorrem entre colegas de trabalho.
 8. Ausência de amigos próximos ou confidentes que não sejam parentes de primeiro grau.
 9. Ansiedade social excessiva que não diminui com o convívio e que tende a estar associada mais a temores paranoídeos do que a julgamentos negativos sobre si mesmo. Exemplo: em um jantar, a pessoa com o transtorno da personalidade esquizotípica não ficará mais relaxada com o passar das horas; pelo contrário, ficará mais tensa e desconfiada.
- B. Não ocorre exclusivamente durante o curso de esquizofrenia, transtorno bipolar ou depressivo com sintomas psicóticos, outro transtorno psicótico ou transtorno do espectro autista.

Novamente, é importante reforçar que o contexto social, histórico e cultural do sujeito deve ser levado em consideração antes de lhe atribuir o diagnóstico, sobretudo os relativos aos rituais e crenças religiosas.



Assimile

Um diagnóstico psíquico tem o objetivo de nortear a conduta terapêutica, contribuir para o entendimento do caso clínico, orientar os profissionais, não devendo ser tomado como verdade absoluta.

A seguir, você encontrará uma tabela com as principais características dos transtornos da personalidade descritos nesta seção. A Tabela 4.1 é meramente ilustrativa, com o objetivo de sinalizar as diferenças conceituais entre os diagnósticos:

Tabela 4.1 | Principais características dos transtornos de personalidade do grupo A

Transtorno da personalidade paranoide	Transtorno da personalidade esquizoide	Transtorno da personalidade esquizotípica
<ul style="list-style-type: none"> • Padrão de desconfiança presente em diversos contextos. • Desconfiança sem fundamento. • Rancor persistente. • Percepção de significados ocultos humilhantes em situações benignas. • Percepção de ataques a seu caráter ou reputação que não são percebidos pelos outros. • Contra-ataque rápido e de forma raivosa. • Desconfiança da lealdade e da fidelidade das pessoas que estão a sua volta. 	<ul style="list-style-type: none"> • Padrão de distanciamento das relações, em diversos contextos. • Frieza, indiferença até a elogios ou críticas. • Parece não se incomodar com o que os outros pensam dele. • Isolamento. • Pouco ou nenhum prazer em manter relações sexuais ou demais atividades do cotidiano. • Rara vivência de emoções fortes, como raiva ou alegria. 	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação incorreta de eventos externos com um sentido particular e incomum. • Crenças estranhas que não condizem com a sua subcultura, com o seu grupo de pertencimento. • Experiências perceptivas incomuns, incluindo ilusões corporais. • Desconfiança. • Ausência de amigos próximos ou confidentes. • Afeto inadequado. • Aparência física excêntrica, peculiar, estranha. • Ansiedade social excessiva.

Fonte: adaptada de APA (2014).

Agora que você aprendeu as diferenças entre os três diagnósticos possíveis do grupo A, qual seria o tratamento indicado para esses indivíduos?

Primeiramente, a psicoterapia (*independentemente da abordagem teórica*) é extremamente importante, embora de difícil condução. A dificuldade ocorre, justamente, porque os indivíduos possuem traços que dificultam o processo de vinculação com o profissional psicólogo.

Se entendermos que o cerne da psicoterapia está no vínculo estabelecido, na confiança em relação à ética e ao sigilo, no encontro humano entre a pessoa do psicólogo e a pessoa do indivíduo atendido, vamos ter a dimensão do quanto é desafiante construir uma relação terapêutica.

Difícil sim, mas não impossível!

Outro aliado da psicoterapia pode ser o *uso de medicamentos* – devidamente prescritos pelo psiquiatra. Eles podem atuar no controle dos impulsos, na estabilização do humor, no controle da ansiedade e dos sintomas psicóticos.

A *família* também se configura como um caminho importantíssimo para chegarmos ao indivíduo e deve ser considerada na elaboração de estratégias de intervenção e cuidado.

Considerando esses apontamentos, podemos afirmar que o *trabalho em equipe* (incluindo familiares, conhecidos e outros profissionais do convívio do indivíduo) é imprescindível em casos dessa complexidade.



Refletá

É fundamental que a cultura de cada indivíduo seja considerada no momento em que construímos um diagnóstico psicopatológico. Mas seria possível essa mesma cultura promover sofrimentos que podem levar o indivíduo a desenvolver um transtorno mental?

Sem medo de errar

Pronto para realizar a situação-problema? Agora que você aprendeu as diferenças entre os diagnósticos dos transtornos da personalidade do grupo A (que contemplam o transtorno da personalidade paranoide, o transtorno da personalidade esquizoide e o transtorno da personalidade esquizotípica), é muito importante que você esteja atento aos sinais identificados pela equipe e aos sintomas relatados pelos indivíduos ou familiares.

Para tanto, separe os indivíduos e as queixas e procure identificar, com base no DSM-5, se é possível traçar hipóteses diagnósticas. Obviamente, seu papel **não** é estabelecer o diagnóstico de pessoas que você não atendeu, mas contribuir para que a equipe compreenda que a dificuldade no manejo pode estar vinculada à alguma forma de sofrimento psíquico que impede os indivíduos de seguirem com o tratamento em saúde.

Assim, alguns pontos podem ser abordados em sua orientação: 1) a importância dessa compreensão ampliada; 2) a necessidade de descartar hipóteses orgânicas ou neurológicas; 3) a entrada de um profissional da saúde mental que possa realizar o exame do estado psíquico, buscando localizar em qual momento esses traços de personalidade começaram a aparecer e os impactos que têm sobre a funcionalidade dos indivíduos; 4) acionar um profissional, que não faz parte da equipe, mas que conhece os indivíduos para construir uma aproximação sutil e cuidadosa.

É importante desmitificar que a entrada de um profissional da saúde mental irá resolver o caso clínico. Se a desconfiança, o distanciamento, as crenças fora de contexto são generalizadas (ou seja, estão presentes em diversas circunstâncias), há uma grande probabilidade de os indivíduos apresentarem os mesmos traços diante do psicólogo. Portanto, o tratamento para o transtorno da personalidade envolve tempo, paciência, outros profissionais, a parceria da família ou pessoas próximas.

Você poderá também propor que a equipe investigue melhor os sinais apresentados pelos pacientes. Por exemplo, no caso de suspeita de transtorno da personalidade paranoide, você pode sugerir que o profissional pergunte ao indivíduo: você sente que as pessoas estão frequentemente contra você e que elas não são confiáveis? No caso da suspeita de transtorno da personalidade esquizoide, pode ser perguntado: você se sente mais seguro quando está sozinho? O que você sente quando recebe um elogio ou uma crítica? O que você sente quando está diante de outras pessoas? No caso da hipótese do transtorno da personalidade esquizotípica, podemos perguntar: de onde vem essas crenças? Há alguma conexão com seu núcleo familiar ou outro grupo que frequenta? Como você escolhe as roupas para se vestir, qual é o seu estilo? Como é para você estar em situações sociais?

Pode ser que, a partir dessas perguntas, a equipe encontre possibilidades de aproximação e consiga, até mesmo, encaminhar os indivíduos para profissionais da saúde mental.

Avançando na prática

Quando o transtorno da personalidade se manifesta no contexto organizacional

Descrição da situação-problema

Você é psicólogo organizacional e realiza treinamento para os novos colaboradores, explicando as regras, a missão e os valores da empresa. Num determinado dia, um senhor se levantou e reivindicou explicações. Afirmou ter se sentido ofendido, porque você o teria chamado de desonesto. Todos os presentes procuraram acalmá-lo. Depois de um tempo, foi possível concluir o treinamento. Meses depois, você encontra o funcionário pela fábrica e percebe que ele falou mal de você a um colega. Incomodado, você chama o supervisor para conversar. Nesse momento, você fica sabendo que, desde o dia do treinamento, ele nutre muito rancor a seu respeito. O supervisor afirma que ele é um bom funcionário, mas que é preciso tomar muito cuidado com as palavras, porque ele “se ofende muito rápido e não perdoa”. Acrescenta que foi assim que seu casamento havia acabado: “o homem colocou na cabeça que a mulher o havia traído e, por mais que ela negasse, não havia santo que o convencesse”. Aproveitando sua aproximação, o supervisor lhe pede ajuda para lidar com o funcionário. Como você o orientaria?

Resolução da situação-problema

A função do psicólogo organizacional não é diagnosticar funcionários, mas o conhecimento a respeito dos transtornos mentais lhe permite compreender discursos e comportamentos que interferem nas relações interpessoais e no cotidiano da empresa. Uma de suas atribuições é propor ações que envolvam cuidado à saúde mental e física dos colaboradores. Por essa razão, você, ao conversar com o supervisor e levantar mais informações sobre o funcionário que já havia lhe chamado a atenção no treinamento, comprehende que pode estar diante de um indivíduo com transtorno da personalidade paranoide. Essa é apenas uma suposição, afinal, outros eventos e fenômenos precisam ser descartados para que seja possível diagnosticar e indicar o melhor tratamento. Você explica a sua hipótese ao supervisor e ressalta que é preciso ter cuidado, mas que ele pode ser um aliado do funcionário na medida em que reconhece seu potencial e está tentando ajudá-lo. Portanto, uma vez que o funcionário apresenta importante desconfiança em relação a você e ao seu trabalho, a abordagem não será direta, mas subsidiará o trabalho do supervisor.

Faça valer a pena

1. O transtorno da personalidade conhecido como _____ inclui critérios diagnósticos centrados no distanciamento das relações, no embotamento afetivo, no isolamento e na ausência de prazer para atividades cotidianas, até mesmo sexuais. Por sua vez, o transtorno da personalidade _____, embora possa se confundir com o anterior, por conta do distanciamento, apresenta critérios diagnósticos relacionados também à aparência excêntrica, a crenças infundadas que não fazem parte da subcultura do indivíduo, experiências perceptivas incomuns e à ansiedade excessiva em contexto social.

Baseando-se nesse texto e nos critérios diagnósticos do DSM-5, selecione a resposta que preenche corretamente as lacunas:

- a) Paranoide/esquizoide.
- b) Paranoide/esquizotípica.
- c) Esquizoide/equizotípica.
- d) Esquizoide/paranoide.
- e) Esquizotípica/esquizoide.

2. I) São considerados, enquanto critério diagnóstico para transtornos da personalidade, os traços e comportamentos humanos que destoam do padrão cultural de determinada sociedade.

Portanto,

II) O tratamento indicado aos indivíduos com esse diagnóstico é a psicoterapia e, se necessário, a introdução medicamentosa por meio de um profissional da psiquiatria.

Após a leitura das duas sentenças que compõem o texto-base, assinale a alternativa correta:

- a) A primeira sentença está correta. A segunda sentença está incorreta, pois o tratamento indicado é somente a psicoterapia.
- b) A primeira sentença está incorreta, pois não basta o traço de personalidade destoar do padrão cultural para ser diagnosticado como um transtorno. A segunda sentença está correta.
- c) A primeira sentença está correta. A segunda sentença está incorreta, porque não há tratamento para o transtorno da personalidade, uma vez que o traço é imutável.

d) A primeira sentença está incorreta, uma vez que não há como estabelecer um padrão de personalidade saudável ou adoecido. Portanto, a segunda sentença também está incorreta.

e) As duas sentenças estão corretas.

3. Luciano, 17 anos, deu entrada no pronto-socorro após envolver-se em uma briga com um vizinho. Sua mãe relata que há mais de um ano o filho tem apresentado comportamentos estranhos: "ele sempre foi meio desconfiado, mas, de uns tempos para cá, isso piorou muito. Ele sempre acha que estão falando dele, diz que não confia em ninguém, brigou com o irmão há uns dois meses pelo mesmo motivo. Eu fui testemunha de que o irmão não falou nada demais, mas ele não se convence e fica remoendo essa raiva. Agora explodiu de novo, e mais uma vez porque não entendeu direito o que o vizinho tinha falado", relata ela.

Com base nessa vinheta clínica, podemos afirmar que uma hipótese para o caso de Luciano seria:

- a) Transtorno da personalidade paranoide.
- b) Transtorno da personalidade esquizoide.
- c) Transtorno da personalidade esquizotípica.
- d) Transtorno da personalidade antissocial.
- e) Transtorno da personalidade psicótica.

Seção 4.2

Transtornos da personalidade do grupo B, segundo o DSM-5

Diálogo aberto

Nesta seção, serão abordados os transtornos da personalidade do grupo B, segundo o DSM-5, que contemplam: transtorno da personalidade antissocial, transtorno da personalidade borderline, transtorno da personalidade histriônica e transtorno da personalidade narcisista. A sintomatologia desse grupo é composta por traços de personalidade caracterizados como dramáticos, emotivos, instáveis e/ou manipuladores.

Os transtornos da personalidade já foram considerados insanidade moral. Isso nos aponta como tem sido delicada a compreensão desses traços de personalidade ao longo das décadas. Além disso,



[...] embora de modo geral produzam consequências muito penosas para o indivíduo, familiares e pessoas próximas, não são facilmente modificáveis por meio das experiências da vida; tendem, antes, a permanecer estáveis ao longo de toda a vida.
(DALGALARRONDO, 2008, p. 268)

Portanto, o tratamento dos transtornos da personalidade demandará muita habilidade técnica por parte do psicólogo.

Para ajudá-lo a compreender de que forma a psicologia contribui no cuidado desses indivíduos, apresentamos a seguinte situação-problema (SP): imagine-se como um psicólogo que atue em um hospital geral e, como tal, deve estar atento às emergências psíquicas que podem decorrer nesse espaço. Mas, hoje, a equipe lhe chamou para atender um jovem, de 23 anos, que tem deixado todos irritados. Ivan deu entrada no hospital após um acidente de carro de gravidade média. Enquanto

aguarda a realização de alguns exames clínicos, ele chama a equipe de incompetente e incapaz de diagnosticar o seu problema. Os insultos não cessam. A equipe está dividida pois, ao mesmo tempo que precisa finalizar os procedimentos, a paciência para atendê-lo está se esgotando. Ivan assume ares de superioridade, se considera muito especial e acredita que ninguém será capaz de ajudá-lo, pois "não estão à altura de sua sabedoria". Quais seriam suas sugestões para trabalhar com a equipe?

O objetivo desta seção é apresentar o conteúdo teórico necessário para estabelecer comparações entre os critérios diagnósticos relacionados ao grupo B, dos transtornos da personalidade, segundo o DSM-5, e contribuir para seu aprendizado em relação às teorias da personalidade.

Bons estudos!

Não pode faltar

Antissocial é uma palavra muito utilizada no senso comum para descrever pessoas que não se importam com as outras, que não fazem questão de conviver com os demais ou que ferem o outro sem demonstrar culpa. Por desconhecer seu conceito científico, a sociedade, sob forte influência midiática, também o atribui aos comportamentos de crianças ou adolescentes – geralmente que cometem algum ato infracional. Mas será que podemos utilizar o termo antissocial para qualquer pessoa, independentemente da idade, quando falamos em transtorno da personalidade?

A resposta é não! Quando identificamos traços de personalidade, em crianças ou adolescentes, que são equivalentes aos traços de personalidade antissocial, o diagnóstico correto é o de *transtorno da conduta*. Relembrando a Seção 4.1, o diagnóstico de transtorno da personalidade antissocial (TPAS) é o único, entre os transtornos da personalidade, que não pode ser atribuído aos menores de 18 anos de idade.

Dessa forma, é importante compreender que:



O transtorno da conduta envolve um padrão repetitivo e persistente de comportamento no qual os direitos básicos dos outros ou as principais normas ou regras sociais apropriadas à idade são violados. Os comportamentos específicos característicos do transtorno da conduta encaixam-se em uma de quatro categorias: agressão a pessoas e animais, destruição de propriedade, fraude ou roubo ou grave violação a regras. (APA, 2014, p. 659)

Comportamento antissocial versus psicopatia

Quando falamos em comportamento antissocial, estamos falando de psicopatia? Esses conceitos são sinônimos?

Determinar a etiologia dos comportamentos antissociais não é nada simples e envolve inúmeras abordagens psicológicas, neurológicas e psiquiátricas. Encontram-se em jogo inúmeros conceitos teóricos, concepções e visões de mundo. Como foi trazido na seção passada, não há uma verdade absoluta sobre nenhuma teoria. Dessa forma, nos identificamos com a abordagem que nos faz mais sentido, mas com a cautela de não desconsiderarmos outros aportes teóricos.

Blair (2003 apud DEL-BEN, 2005) afirma que o conceito de *psicopatia* é mais amplo e envolve características como *falta de empatia, arrogância e vaidade excessiva* – que não são considerados nos critérios diagnósticos do transtorno da personalidade antissocial (TPAS), no qual geralmente se observa a presença do comportamento agressivo. Essa agressividade pode ser dividida em duas categorias: **1)** a agressividade afetiva ou reativa, que se manifestaria em resposta a eventos ou situações que provoquem sentimentos de frustração, raiva ou medo no indivíduo; **2)** a agressividade operativa ou predatória, que seria planejada e executada de maneira calculada para se atingir um objetivo claramente específico.

Um estudo realizado por Hauck Filho, Teixeira e Dias (2012) sugere a importância de superarmos a ideia de que comportamento antissocial e psicopatia seriam a definição de um mesmo conceito. Para eles, o comportamento antissocial seria um aspecto secundário da psicopatia, ou seja, embora possa ser frequente, o comportamento antissocial nem sempre estaria presente na psicopatia.

Pesquisas apontam ainda que “a psicopatia tem se mostrado associada a traços de narcisismo e maquiavelismo na população geral” (JONASON; WEBSTER, 2010 apud HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2012, p. 321). Para compreender melhor: o termo “maquiavelismo” descreve “uma estratégia de conduta social que envolve usar os outros para ganho pessoal, frequentemente em detrimento dos interesses pessoais dos mesmos”, envolvendo a falta de empatia e a manipulação que são centrais na psicopatia (WILSON; NEAR; MILLER, 1996 apud HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2012, p. 321). Já o narcisismo “pode ser amplamente definido como um padrão de grandiosidade, crenças de superioridade e falta de empatia pelos sentimentos, desejos e necessidades dos outros” (MORF; RHODEWALT, 2001 apud HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2012, p. 321).

Os autores ainda trazem a concepção evolucionista para compreender a permanência dos traços de psicopatia, narcisismo e maquiavelismo em nossa sociedade. O argumento utilizado é de que, “embora esses traços sejam indesejáveis em todas as culturas que dependem da cooperação entre os indivíduos, sua permanência na espécie humana pode ter ocorrido porque possivelmente ajudaram

a resolver alguns problemas evolutivos enfrentados" (GLENN; KURZBAN; RAINÉ, 2011 apud HAUCK FILHO; TEIXEIRA; DIAS, 2012, p. 321). Dessa forma, é possível que tais características tenham promovido vantagens em situação de competição que envolvia a evolução da espécie humana, concluem os autores.



Assimile

O conceito de psicopatia é mais amplo do que o conceito de comportamento antissocial, uma vez que inclui também *falta de empatia, arrogância e vaidade excessiva*. Porém, nem um dos dois conceitos deverá ser atribuído à crianças e adolescentes.

Transtorno da personalidade antissocial (TPAS)

O TPAS está representado no DSM-5 com o código 301.7 e, no CID-10, com o código F60.2. Configuram-se como critérios sintomatológicos para esse diagnóstico (APA, 2014, p. 659):



- A. Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade, conforme indicado por três (ou mais) dos seguintes:
 - 1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção.
 - 2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.
 - 3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
 - 4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.
 - 5. Descaso pela segurança de si ou de outros.
 - 6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras.
 - 7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.
- B. O indivíduo tem, no mínimo, 18 anos de idade.
- C. Há evidências de transtorno da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade.

D. A ocorrência de comportamento antissocial não surge exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar.



Refletá

Por que uma pessoa se torna indiferente aos sentimentos dos outros? Será que nossos comportamentos são determinados a partir de nosso nascimento?

Del-Ben (2005, p. 29) afirma que “seria ingenuidade negligenciar a influência de fatores psicosociais no desenvolvimento do comportamento antissocial”, porém, segundo ela, o que se observa ainda é que poucos estudos buscaram explorar a relação entre as experiências de vida e a personalidade antissocial. Essa observação da autora parte de um levantamento sobre pesquisas científicas que buscaram relacionar alterações orgânicas, anatômicas e/ou fisiológicas aos comportamentos antissociais – possivelmente herança da antiga frenologia.

A frenologia, fundada pelos alemães Franz Joseph Gall e Johann Gaspar Spurzheim, defendia que diferentes aspectos da personalidade estariam relacionados à formação da caixa craniana. Segundo Arreguy (2010, p. 1269), “historicamente, essas teorias foram caracterizadas por uma espécie de localizacionismo pseudocientífico”.

Dessa forma,

Um dos problemas de um posicionamento entusiasta diante das descobertas sobre o “cérebro emocional” (LEDOUX, 1996; ALMADA, 2009) se encontra justamente nas repetições pouco refletidas, vastamente propagadas nos meios socioeducacionais de base e nos meios de comunicação de massa de frases de impacto do tipo: “as emoções estão no cérebro”, usando a revelação da existência do Sistema Límbico (...) como promessa de dar uma resposta definitiva para os conflitos emocionais humanos. (ARREGUY, 2010, p. 1272)

Com isso, comportamentos agressivos ou violentos tendem a ser associados às falhas que poderão ser localizadas anatomicamente no cérebro. Contudo, essa visão biológica desconsidera o impacto do meio no comportamento humano. Reduzir o indivíduo à aspectos orgânicos é negar todo o contexto social, cultural e familiar que o circunda.

Portanto, como conclui Arreguy (2010, p. 1286), “além do fluxo dos neurotransmissores no cérebro, os efeitos da palavra no corpo precisam ser profundamente conhecidos por quem pretende lidar com a agressividade humana tornada violenta e desproporcional” – por “palavra no corpo”, podemos entender a influência do mundo externo (relações interpessoais, realidade econômica, social, familiar, cultural) nas reações e comportamentos humanos.



Faça você mesmo

Assista ao filme *Filme indicado não consta nas Referências*. Baseado em fatos reais, e analise a importância de uma intervenção precoce em crianças que apresentem sintomatologia dos transtornos da conduta. Identifique também quais fatores psicossociais podem ter influenciado o comportamento da protagonista.

Transtorno da personalidade borderline (TPB)

O TPB está representado no DSM-5 com o código 301.83 e, no CID-10, com o código F60.3, e, por apresentar características relacionadas ao comportamento impulsivo e manipulador, esse diagnóstico pode ser confundido com o TPAS. Porém, segundo a APA (2014, p. 663), os critérios sintomatológicos para sua descrição envolvem:



Um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, da autoimagem e dos afetos e de impulsividade acentuada que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes:

1. Esforços desesperados para evitar abandono real ou imaginado. (Nota: Não incluir comportamento suicida ou de automutilação coberto pelo Critério 5.)
2. Um padrão de relacionamentos interpessoais instáveis e intensos caracterizado pela alternância entre extremos de idealização e desvalorização.
3. Perturbação da identidade: instabilidade acentuada e

- persistente da autoimagem ou da percepção de si mesmo.
4. Impulsividade em pelo menos duas áreas potencialmente autodestrutivas (p. ex., gastos, sexo, abuso de substância, direção irresponsável, compulsão alimentar). (Nota: Não incluir comportamento suicida ou de automutilação coberto pelo Critério 5.)
 5. Recorrência de comportamento, gestos ou ameaças suicidas ou de comportamento automutilante.
 6. Instabilidade afetiva devida a uma acentuada reatividade de humor (p. ex., disforia episódica, irritabilidade ou ansiedade intensa com duração geralmente de poucas horas e apenas raramente de mais de alguns dias).
 7. Sentimentos crônicos de vazio.
 8. Raiva intensa e inapropriada ou dificuldade em controlá-la (p. ex., mostras frequentes de irritação, raiva constante, brigas físicas recorrentes).
 9. Ideação paranoide transitória associada a estresse ou sintomas dissociativos intensos.

Indivíduos com TPB vivenciam medo de abandono de forma muito intensa. Esse medo pode levar o indivíduo à automutilação (se cortar, por exemplo) ou a comportamentos suicidas. O fato é que o padrão de relacionamento dessas pessoas é extremamente instável e intenso, ao mesmo tempo. Eles idealizam demais as pessoas, o que automaticamente leva à frustração intensa.

Esses comportamentos aparecem também na relação terapêutica, o que demandará do psicólogo, além do conhecimento técnico, muita habilidade para lidar com os ataques (que podem ser verbais ou físicos) em relação ao paciente. Segundo o DSM-5, esses indivíduos expressam, com frequência, raiva intensa e inadequada – com impossibilidade de controle – e que geralmente são procedidas de vergonha ou culpa (APA, 2014).

Indivíduos com transtorno da personalidade borderline podem ter um padrão de sabotagem pessoal no momento em que uma meta está para ser atingida (APA, 2014). Como o próprio nome diz: *borderline*, em inglês, significa na fronteira. O indivíduo está sempre entre o amparo e o desamparo, o querer e não querer, o amor e o ódio.



Exemplificando

É relativamente comum que o indivíduo diagnosticado com TPB abandone um curso quando estiver prestes a concluir-o, abandone a terapia quando apresentar melhorias, termine um relacionamento quando as coisas estão caminhando bem.

Por fim, além de apresentar traços que podem confundir-se como diagnóstico de TPAS, há também muita semelhança sintomatológica com o transtorno bipolar ou com o transtorno depressivo. Dessa forma, o DSM-5 orienta que, havendo critério para os dois diagnósticos, ambos poderão ser realizados, desde que profundamente avaliados.

Transtorno da personalidade histrônica

Seguindo na categoria dos transtornos da personalidade difíceis de cuidar, porque nos provocam inúmeras sensações e sentimentos, vamos abordar o comportamento histrônico. Esse diagnóstico está representado no DSM-5 com o código 301.50 e, no CID-10, com o código F60.4.

Indivíduos com esse transtorno têm uma tendência à dramaticidade. São pessoas muito frágeis egoicamente, por isso, buscam sempre ser o centro das atenções. Assim, segundo o DSM-5 (APA, 2014, p. 667), os critérios para esse diagnóstico envolvem:



Um padrão difuso de emocionalidade e busca de atenção em excesso que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes:

1. Desconforto em situações em que não é o centro das atenções.
2. A interação com os outros é frequentemente caracterizada por comportamento sexualmente sedutor inadequado ou provocativo.
3. Exibe mudanças rápidas e expressão superficial das emoções.
4. Usa reiteradamente a aparência física para atrair a atenção para si.
5. Tem um estilo de discurso que é excessivamente impressionista e carente de detalhes.
6. Mostra autodramatização, teatralidade e expressão exagerada das emoções.
7. É sugestionável (facilmente influenciado pelos outros ou pelas circunstâncias).
8. Considera as relações pessoais mais íntimas do que na realidade são.



Exemplificando

Certa vez, uma jovem de 19 anos, às voltas com a sua sintomatologia, pegou o CID-10 para saber em qual categoria ela se encaixava (precisava muito achar uma “resposta” para seus conflitos internos). Todas as categorias lidas, desde transtornos psicóticos ao autismo, foram compreendidas como pertencentes a ela, havendo uma identificação com todos os sinais e sintomas, o que indica o quanto ela é facilmente influenciada pelas circunstâncias.

Indivíduos com esse diagnóstico sofrem duplamente: um, por suas questões internas, e, outro, porque são desacreditados até pela equipe de saúde. Seu sofrimento, expresso de forma muito teatral, é banalizado. Frases como “ela só quer chamar a atenção”, são recorrentes nesses serviços. Podemos perceber a desvalorização desse sofrimento, até mesmo, pela ausência de publicações científicas sobre o tema.

Transtornos da personalidade narcisista

O transtorno da personalidade narcisista está representado no DSM-5 com o código 301.81 e, no CID-10, com o código F6G.81. Para realizar um diagnóstico diferencial, os critérios para esse transtorno, segundo o DSM-5 (APA, 2014, p. 669-670), envolvem:

Um padrão difuso de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes:

1. Tem uma sensação grandiosa da própria importância (p. ex., exagera conquistas e talentos, espera ser reconhecido como superior sem que tenha as conquistas correspondentes).
2. É preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal.
3. Acredita ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condição elevada.
4. Demanda admiração excessiva.
5. Apresenta um sentimento de possuir direitos (expectativas irrationais de tratamento especialmente favorável ou que estejam automaticamente de acordo com as próprias expectativas).

“ ”

6. É explorador em relações interpessoais (tira vantagem de outros para atingir os próprios fins).
7. Carece de empatia: reluta em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e as necessidades dos outros.
8. É frequentemente invejoso em relação aos outros ou acredita que os outros invejam.



Refletá

O que você faria se o seu paciente afirmasse com muita prepotência que você o inveja? Ou que ele tem conhecimentos superiores ao seu e que você pouco sabe da vida?

Esses mesmos traços podem aparecer na relação terapêutica. Isso porque, na verdade, eles escondem uma vulnerabilidade muito acentuada na autoestima do indivíduo, que são muito sensíveis a críticas ou derrotas – episódios que os ferem profundamente. Assim, se protegem em sua arrogância, buscando, em sua fantasia quase infantil, afastar qualquer ameaça que possa destruí-los, como sentimentos de humilhação ou vazio. Também podem reagir com desdém ou com contra-ataques desafiadores, além do que, essas vivências podem levá-lo ao isolamento social ou à “uma aparência de humildade que pode mascarar e proteger a grandiosidade” (APA, 2014, p. 672). Por fim, cabe apontar que, indivíduos muito bem-sucedidos podem exibir traços de personalidade considerados narcisistas, porém tais “traços somente constituem o transtorno da personalidade narcisista quando são inflexíveis, mal adaptativos e persistentes, além de causar prejuízo funcional ou sofrimento subjetivo significativos” (APA, 2014, p. 672).



Pesquise mais

Este artigo aborda a correlação do narcisismo (e não somente dele) com a cultura e a contemporaneidade:

LANGARO, Flávia Nedeff; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Subjetividade contemporânea: narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 197-215, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 dez. 2016.

Sem medo de errar

Você se lembra de Ivan e do desafio do psicólogo em relação ao manejo da equipe? Para facilitar a resolução dessa situação-problema, apresentamos uma tabela comparativa com as principais características dos transtornos da personalidade descritos nesta seção. Identifique, com base nos comportamentos apresentados, qual é a hipótese diagnóstica para o caso clínico. Em seguida, descreva possíveis estratégias de intervenção junto à equipe.

Obs.: essa tabela é meramente ilustrativa, com o objetivo de sinalizar as diferenças conceituais entre os diagnósticos.

Tabela 4.2 | Principais características dos transtornos da personalidade do grupo B

TPAS	T. P. Borderline	T. P. Histrionica	T. P. Narcisista
<ul style="list-style-type: none"> Diagnóstico somente poderá ser atribuído aos indivíduos maiores de 18 anos. Evidências de transtorno da conduta anterior aos 15 anos de idade. Fracasso em se ajustar às normas e regras sociais. Tendência a falsidade, mentiras recorrentes, trapaças e uso de nomes falsos. Possibilidade de agressividade, havendo descaso em relação à sua própria segurança ou de outros. Ausência de remorso pelos danos causados às outras pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> Comportamento impulsivo. Instabilidade nas relações interpessoais. Instabilidade acentuada e persistente quanto à percepção de si. Alternância entre extremos de idealização e desvalorização Recorrência de comportamento, gestos ou ameaças suicidas ou de automutilação. Dificuldade em controlar sua raiva. Sentimento crônico de vazio. 	<ul style="list-style-type: none"> Tendência à dramaticidade. Expressão exagerada das emoções. Busca constante por chamar a atenção. Sentimento de desconforto quando não é o centro das atenções. Possibilidade de comportamento sedutor, inadequado ou provocativo. Uso da aparência física para atrair a atenção para si. Fácil sugestionabilidade. Interpretação das relações interpessoais como mais íntimas do que realmente são. 	<ul style="list-style-type: none"> Comportamento de grandiosidade. Falta de empatia. Necessidade de admiração. Fantacias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal. Crença de ser muito especial. Proveito das outras pessoas, tirando vantagem nas relações interpessoais. Sentimento de inveja ou crença de que os outros o invejam.

Fonte: adaptada de APA (2014).

Avançando na prática

Manejando o transtorno da personalidade no contexto escolar

Descrição da situação-problema

Imagine que você acabou de se formar e começou a atuar como psicólogo educacional em uma escola de ensino médio. Em reunião pedagógica, os professores comentam, com grande preocupação, a situação de uma adolescente que chegou à escola com os braços e as pernas cortados – aparentemente com lâmina ou estilete. Os professores não sabem o que fazer diante do comportamento de automutilação da jovem e esperam de você uma orientação para conduzir a situação.

Resolução da situação-problema

Precisamos considerar que a adolescência é uma fase de transição muito intensa, podendo promover sofrimentos capazes de desencadear algum transtorno mental, até mesmo os transtornos da personalidade. Portanto, com base nessa nova situação-problema, identifique qual hipótese diagnóstica está relacionada ao comportamento da aluna e descreva quais estratégias de intervenção poderão ser utilizadas junto aos professores, alunos e familiares.

Faça valer a pena

1. Analise os sinais e sintomas, segundo o DSM-5, descritos a seguir:

- Fracasso em ajustar-se às normas sociais.
- Mentiras repetidas, trapaças para ganho ou prazer pessoal.
- Impulsividade.
- Irritabilidade e agressividade.
- Ausência de remorso.

A qual diagnóstico, entre os transtornos da personalidade do grupo B, podemos atribuir essa sintomatologia?

- a) Transtorno da personalidade paranoide.
- b) Transtorno da personalidade narcisista.
- c) Transtorno da personalidade antissocial.
- d) Transtorno da personalidade borderline.
- e) Transtorno da personalidade esquizoide.

2. O transtorno da personalidade _____ envolve um padrão de instabilidade nas relações interpessoais, na autoimagem e nos afetos, além de importante impulsividade, que está presente em diversos contextos. Por sua vez, o transtorno da personalidade _____ envolve características como emoção acentuada e busca por ser o centro das atenções, podendo utilizar da aparência física para atrair a atenção para si.

Com base nessas descrições, assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

- a) Histrionica/borderline.
- b) Borderline/histrionica.
- c) Antissocial/borderline.
- d) Borderline/antisocial.
- e) Narcisista/histrionica.

3. Não é incomum encontrarmos indivíduos, no contexto clínico, que nos desafiam e nos enfrentam. No caso de indivíduos com transtorno da personalidade narcisista, esse enfrentamento pode surgir em forma de arrogância e prepotência - características difíceis de manejar.

Com base na leitura do livro didático e em seu conhecimento teórico acerca desse diagnóstico, podemos afirmar que esse comportamento está relacionado à:

- a) Necessidade de chamar a atenção e ser aceito.
- b) Sugestionabilidade do meio em que vive.
- c) Alterações anatomoefisiológicas relacionadas ao sistema límbico.
- d) Pouca habilidade do profissional em manejar essas situações.
- e) Vulnerabilidade acentuada em sua autoestima.

Seção 4.3

Transtornos da personalidade do grupo C, segundo o DSM-5

Diálogo aberto

Seja bem-vindo ao último grupo dos transtornos da personalidade, segundo o DSM-5: o grupo C. Nesse grupo estão concentrados critérios diagnósticos que envolvem indivíduos frequentemente ansiosos e medrosos.

Diferentemente dos grupos anteriores, nesse, temos dificuldades em encontrar artigos científicos que exploram seus conceitos ou que relatam experiências de casos clínicos, o que pode nos levar a algumas suposições, entre elas a possibilidade de esses diagnósticos estarem diluídos em diferentes categorias, por apresentarem traços semelhantes a outros transtornos. Portanto, o grupo C contempla: os transtornos da personalidade evitativa, o transtorno da personalidade dependente e o transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva.

Nesta última situação-problema (SP) desta unidade de ensino, imagine-se como estudante em um atendimento clínico. Uma de suas pacientes, Juliana, é uma jovem de 22 anos, que procurou o laboratório de clínica aplicada da faculdade após sugestão de sua mãe. A queixa apresentada centrou-se na impossibilidade de tomar decisões sozinha. Diante de perceptíveis traços de baixa autoestima, ela relatou a você que não consegue ficar só e, quando necessário, sente seu coração palpitar mais rapidamente, necessitando também ouvir todos os dias o quanto é amada por seus pais. A jovem ainda disse que nunca consegue comparecer às entrevistas de emprego, porque acredita que será ridicularizada por sua “incompetência”, além de sentir-se mal toda vez que precisa sair de casa, por isso, para conseguir chegar ao atendimento, sua mãe precisa acompanhá-la. Diante do relato de Juliana, você pensou que, provavelmente, essa maneira de reagir deveria estar presente também nas relações de amizade, no período de sua adolescência. O que você faria em relação a esse caso? Qual seria a conduta adequada?

O objetivo desta seção é apresentar o conteúdo teórico necessário para estabelecer comparações entre os critérios diagnósticos relacionados ao grupo C, dos transtornos

da personalidade, segundo o DSM-5, e contribuir para seu aprendizado em relação às teorias da personalidade.

Não pode faltar

Chegamos ao último grupo dos transtornos da personalidade, segundo o DSM-5. Nele estão incluídos diagnósticos com semelhanças descriptivas relacionadas à ansiedade e ao medo, que se manifestam de forma significativa em diversos momentos da vida do indivíduo.

Quando sentimos medo, nosso organismo reage fisicamente, produzindo o estado de ansiedade. É esperado que todas as pessoas, em determinadas situações, vivenciem essas sensações. Porém, quando se manifestam acentuadamente, elas interferem nas relações interpessoais de forma prejudicial, podendo desencadear sinais e sintomas associados a diversas psicopatologias – entre elas, os transtornos da personalidade que compõem o grupo C.

Transtorno da personalidade evitativa

O transtorno da personalidade evitativa está representado no DSM-5 com o código 301.82 e, no CID-10, com o código F60.6. Os indivíduos que correspondem aos critérios diagnósticos desse transtorno são extremamente inibidos socialmente e vivenciam muito sofrimento por conviverem com um intenso sentimento de inadequação. Também conhecido como transtorno da personalidade ansiosa (APA, 2014, p. 672-673), os sinais e sintomas que compõem o critério diagnóstico são:



Um padrão difuso de inibição social, sentimentos de inadequação e hipersensibilidade à avaliação negativa que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por quatro (ou mais) dos seguintes:

1. Evita atividades profissionais que envolvam contato interpessoal significativo por medo de crítica, desaprovação ou rejeição.
2. Não se dispõe a envolver-se com pessoas, a menos que tenha certeza de que será recebido de forma positiva.
3. Mostra-se reservado em relacionamentos íntimos devido ao medo de passar vergonha ou de ser ridicularizado.
4. Preocupa-se com críticas ou rejeição em situações sociais.
5. Inibe-se em situações interpessoais novas em razão de sentimentos de inadequação.

6. Vê a si mesmo como socialmente incapaz, sem atrativos pessoais ou inferior aos outros.
7. Reluta de forma incomum em assumir riscos pessoais ou se envolver em quaisquer novas atividades, pois estas podem ser constrangedoras.

São indivíduos tão sensíveis à crítica e à desaprovação como os que sofrem de transtorno da personalidade narcisista, mas, ao contrário destes, suas defesas centram-se em manter-se calados, retraídos ou isolados. Há, nesses indivíduos, uma fantasia de que tudo o que disserem estará errado, embora haja um grande desejo de participar da vida social, mas, por tenderem a enxergar perigos em situações comuns, acabam buscando saídas que produzem o sentimento de certeza e segurança (APA, 2014).



Exemplificando

Os indivíduos caracterizados com transtorno da personalidade evitativa podem cancelar uma entrevista por medo de passar vergonha. Podem, também, diante da apresentação de um seminário, sentir tanto desconforto que chegam a produzir sintomas físicos.

Este diagnóstico pode ser comumente confundido ou somado a outros transtornos, como: transtorno depressivo, transtorno de ansiedade (em especial fobia social), transtornos do grupo A (paranoide, esquizoide ou esquizotípico) e transtorno da personalidade dependente, uma vez que ficam muito apegados às poucas pessoas que consideram amigas ou com quem sentem-se seguras (APA, 2014).

Perceba que os transtornos da personalidade paranoide e evitativa são caracterizados pela relutância em confiar nos outros. No entanto, no transtorno da personalidade evitativa, essa relutância é atribuível mais ao medo de sentir vergonha ou de ser considerado inadequado do que ao medo de intenções maldosas de outras pessoas (APA, 2014).

Sintomas e sinais como timidez, isolamento e medo de estranhos possivelmente estão presentes desde a infância, mas tornam-se mais acentuados na adolescência e na vida adulta, principalmente em momentos em que o convívio social se intensifica.

Transtorno da personalidade dependente

O transtorno da personalidade dependente está representado no DSM-5 com o código 301.6 e, no CID-10, com o código F60.7. Neste diagnóstico, estão contidos

indivíduos cuja necessidade de ser cuidado é demasiadamente presente, propiciando, além de excessivo apego por medo de separação, a submissão ao outro. A sensação que essas pessoas apresentam é de que não podem seguir adiante sem o suporte de outras pessoas. Apresentam muita dificuldade em tomar qualquer pequena decisão sozinhos.



Pesquise mais

Neste artigo, a autora relata um caso clínico com transtorno da personalidade dependente e sua atuação psicoterapêutica:

ZANIN, Carla Rodrigues; VALERIO, Nelson Iguimar. Intervenção cognitivo-comportamental em transtorno de personalidade dependente: relato de caso. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 81-92, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452004000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Os critérios diagnósticos para este transtorno, segundo o DSM-5 (APA, 2014, p. 675), são:



Uma necessidade difusa e excessiva de ser cuidado que leva ao comportamento de submissão e apego. Surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes:

1. O indivíduo tem dificuldades em tomar decisões cotidianas sem uma quantidade excessiva de conselhos e reasseguramento de outros.
2. Precisa que outros assumam responsabilidade pela maior parte das principais áreas de sua vida.
3. Tem dificuldades em manifestar desacordo com outros, devido ao medo de perder apoio ou aprovação. (Nota: Não incluir os medos reais de retaliação.)
4. Apresenta dificuldade em iniciar projetos ou fazer coisas por conta própria (devido mais à falta de autoconfiança em seu julgamento ou em suas capacidades do que à falta de motivação ou energia).
5. Vai a extremos para obter carinho e apoio de outros, a ponto de voluntariar-se para fazer coisas desagradáveis.

6. Sente-se desconfortável ou desamparado quando sozinho, devido a temores exagerados de ser incapaz de cuidar de si mesmo.
7. Busca com urgência outro relacionamento como fonte de cuidado e amparo logo após o término de um relacionamento íntimo.
8. Tem preocupações irreais com medo de ser abandonado à própria sorte.



Exemplificando

Adultos com transtorno da personalidade dependente tendem a necessitar dos pais (ou cuidadores da infância) para tomar decisões pessoais, como onde morar, qual curso fazer, se aceitam ou não determinado trabalho. Em relação aos adolescentes, destoando do comportamento questionador esperado nessa fase da vida, é comum precisarem dos pais para escolher amigos, roupas, cursos etc. (APA, 2014).

Transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva

O transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva está representado no DSM-5 com o código 301.4 e, no CID-10, com o código F60.5. Esse diagnóstico não pode ser confundido com o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). Segundo o DSM-5:

Apesar dos nomes semelhantes, o transtorno obsessivo-compulsivo costuma ser distinguido do transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva pela presença, no primeiro, de obsessões e compulsões verdadeiras. Quando atendidos os critérios para transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva, ambos devem ser registrados. (APA, 2014, p. 681)

“

Há também a necessidade de diagnóstico diferencial entre este e o transtorno de acumulação, embora ambos possam ser registrados. O transtorno de acumulação “deve ser especialmente cogitado quando a acumulação é extrema (p. ex., pilhas de objetos sem valor acumulados representam perigo de incêndio e dificultam que outras pessoas transitem pela casa)” (APA, 2014, p. 681). Os critérios diagnósticos

para o transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva (APA, 2014, p. 678-679) contemplam:



Um padrão difuso de preocupação com ordem, perfeccionismo e controle mental e interpessoal à custa de flexibilidade, abertura e eficiência que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por quatro (ou mais) dos seguintes:

1. É tão preocupado com detalhes, regras, listas, ordem, organização ou horários a ponto de o objetivo principal da atividade ser perdido.
2. Demonstra perfeccionismo que interfere na conclusão de tarefas (p. ex., não consegue completar um projeto, porque seus padrões próprios demasiadamente rígidos não são atingidos).
3. É excessivamente dedicado ao trabalho e à produtividade em detrimento de atividades de lazer e amizades (não explicado por uma óbvia necessidade financeira).
4. É excessivamente consciencioso, escrupuloso e inflexível quanto a assuntos de moralidade, ética ou valores (não explicado por identificação cultural ou religiosa).
5. É incapaz de descartar objetos usados ou sem valor, mesmo quando não têm valor sentimental.
6. Reluta em delegar tarefas ou trabalhar com outras pessoas a menos que elas se submetam à sua forma exata de fazer as coisas.
7. Adota um estilo miserável de gastos em relação a si e a outros; o dinheiro é visto como algo a ser acumulado para futuras catástrofes.
8. Exibe rigidez e teimosia.



Exemplificando

Indivíduos com transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva podem ter tanta dificuldade em decidir qual tarefa priorizar, ou qual é a melhor forma de desempenhá-la, que acabam nem começando. Também costumam aborrecer-se com facilidade, mas sem demonstrar raiva. Ficam pensando sobre determinado fato por muito tempo. Além disso, as relações no cotidiano são formais, sérias e com dificuldades em expressar sentimentos amorosos ou elogios. Não conseguem ser flexíveis em situações novas, apresentam uma forte necessidade de controle (APA, 2014).

Cabe aqui, para esclarecimento, a descrição do transtorno obsessivo-compulsivo.

O TOC é caracterizado pela presença de obsessões e/ou compulsões. Obsessões são pensamentos, impulsos ou imagens recorrentes e persistentes que são vivenciados como intrusivos e indesejados, enquanto compulsões são comportamentos repetitivos ou atos mentais que um indivíduo se sente compelido a executar em resposta a uma obsessão ou de acordo com regras que devem ser aplicadas rigidamente (...) Embora o conteúdo específico das obsessões e compulsões varie entre os indivíduos, certas dimensões dos sintomas são comuns no TOC, incluindo as de limpeza (obsessões por contaminação e compulsões por limpeza); simetria (obsessões por simetria e compulsões de repetição, organização e contagem); pensamentos proibidos ou tabus (p. ex., obsessões agressivas, sexuais e religiosas e compulsões relacionadas); e ferimentos (p. ex., medo de ferir a si mesmo ou aos outros e compulsões de verificação relacionadas). (APA, 2014, p. 235)



Portanto, uma diferença entre o TOC e o transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva é que o primeiro conta com a presença de obsessões (pensamentos, impulsos ou imagens intrusivas e indesejadas) e compulsões (comportamentos repetitivos, atos mentais); enquanto, no segundo, os pensamentos tendem mais à necessidade de controle do que à sensação de estar sendo invadido por pensamentos não desejados.



Refita

Uma vez que os indivíduos com traços de personalidade relacionados ao grupo C apresentam excessiva ansiedade e medo, quais seriam as ações adequadas, por parte do psicólogo, se essas reações aparecessem em contexto terapêutico?

A seguir, você encontrará uma tabela com as principais características dos transtornos da personalidade descritos nesta seção. Esta tabela é meramente ilustrativa, com o objetivo de sinalizar as diferenças conceituais entre os diagnósticos:

Tabela 4.3 | Principais características dos transtornos da personalidade do grupo C

T. P. Evitativa	T. P. Dependente	T. P. Obsessivo-Compulsiva
<ul style="list-style-type: none"> Inibição social extrema. Sentimentos de inadequação. Hipersensibilidade à avaliação negativa. Resistência ao contato pessoal por medo de crítica, desaprovação ou rejeição. Envolvimento interpessoal somente quando há certeza de que serão recebidos de forma positiva. Medo de passar vergonha ou serem ridicularizados. Sentimento de incapacidade social e de inferioridade. Relutância em assumir novas atividades ou qualquer risco, por medo do constrangimento. 	<ul style="list-style-type: none"> Excessiva necessidade de ser cuidado. Demasiado apego. Medo de separação. Dificuldade em tomar decisões cotidianas sem excessivos conselhos dos outros. Dificuldade em discordar das pessoas, por medo de perder apoio ou aprovação. Dificuldade em iniciar novos projetos. Possibilidade de fazer coisas desagradáveis para obter carinho e apoio. Sentimento de desamparo quando estão sozinhos. Medo irreal de serem abandonados, procurando rapidamente um novo relacionamento em que possam se sentir seguros e cuidados. 	<ul style="list-style-type: none"> Excessiva preocupação com ordem. Perfeccionismo extremo. Preocupação com detalhes, regras, listas, horários. Perfeccionismo tão significativo que acaba por interferir na conclusão de tarefas. Dedicação excessiva ao trabalho, abrindo mão do lazer e das amizades. Inflexibilidade em relação à moralidade. Dificuldade em descartar objetos, mesmo que estes não têm valor sentimental. Relutância em delegar tarefas. Rigidez extrema.

Fonte: adaptada de APA (2014).

Principais técnicas e tratamento dos transtornos da personalidade

Como você aprendeu nas seções anteriores, o tratamento dos transtornos da personalidade envolve geralmente a psicoterapia – podendo ser incluído o uso de medicações, prescritas por psiquiatras. Importante ressaltar que a medicação não altera a personalidade do indivíduo, mas é utilizada para diminuir o impacto dos sinais e dos sintomas na vida da pessoa, o que pode contribuir para que ele se sinta menos incomodado na presença do psicólogo e, até, para que possa chegar ao tratamento. Contudo, não há uma abordagem única suficiente para dar conta das complexidades que envolvem os transtornos da personalidade. Portanto, é importante aperfeiçoar-se cada vez mais nas técnicas psicológicas e manter-se sempre atualizado com as pesquisas, que podem apontar novos parâmetros de intervenção.

O bom embasamento teórico é fundamental para o desenvolvimento do profissional de psicologia, porém outras atitudes provavelmente serão esperadas de

você, como futuro profissional, em seu cotidiano de trabalho: disponibilidade interna, raciocínio crítico, análise ampliada das situações, desconstruções de estereótipos e preconceitos – que em nada contribuem para o cuidado dos indivíduos –, ausência de julgamento – mesmo quando as situações forem demasiadamente difíceis de aceitar e entender. Por essa razão, tanto a sua própria análise pessoal quanto a supervisão clínica são fundamentais para uma atuação ética e tecnicamente adequada.



Assimile

A ansiedade e o medo são duas reações produzidas pelo organismo humano. Porém, quando manifestos acentuadamente, interferindo nas relações sociais e interpessoais de forma prejudicial, eles poderão ser um indicativo da presença de transtorno mental, entre eles os que compõem os transtornos da personalidade do grupo C.

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, você está na posição de professor de psicologia e precisa orientar uma aluna em relação a um determinado caso clínico.

É muito importante que você, no papel de professor, considere qual é a abordagem teórica da aluna, pois é preciso orientá-la de forma que as ações lhe façam sentido, uma vez que é ela quem está na relação terapêutica. Feito isso, alguns pontos perpassam todas as teorias psicológicas e podem ser apontados para Juliana:

- 1) Pensar em possibilidades diagnósticas: nesse breve recorte, podemos pensar em duas possibilidades, aprendidas nesta seção: a) transtorno da personalidade evitativa; b) o transtorno da personalidade dependente. O primeiro, quando a paciente evita contato interpessoal por medo de desaprovação, apresenta reservas em seus relacionamentos íntimos, tem uma preocupação acentuada com críticas e rejeição, sente-se incapaz, reluta em assumir riscos ou se envolver em atividades novas; e o segundo, quando apresenta dificuldades em tomar decisões cotidianas, sente-se desamparada quando sozinha, não discorda da mãe, tem dificuldade em iniciar projetos, além de grande preocupação em ser abandonada à própria sorte. Não podemos descartar outras hipóteses, como o transtorno depressivo, que também será investigado ao longo do processo psicoterapêutico. O que cabe ressaltar é que, atendendo aos critérios, pode ser diagnosticado mais de um transtorno. Outro ponto fundamental, quando elaboramos um diagnóstico e, principalmente, quando o informamos ao paciente, é analisar o impacto desse diagnóstico na vida dele. Portanto, não se trata de omitir a informação, mas de cuidar da forma com que serão anunciadas as hipóteses, deixando claras as possibilidades de mudança, uma vez que somos seres dinâmicos.

2) Estar ciente de que há uma grande possibilidade de ela transferir o comportamento dependente que tem com as figuras de cuidado para a aluna, à medida que a confiança e o vínculo forem sendo estabelecidos: se isso ocorrer a aluna não precisa se assustar ou se angustiar, pois é esperado que os pacientes nos incluam em sua dinâmica psíquica, portanto, esse acontecimento pode tornar-se material da análise.

3) É importante orientar a mãe e outras figuras de cuidado a buscar por psicoterapia.

4) É importante também que Juliana realize atendimentos de orientação à mãe e outras figuras de cuidado, quando necessários.

Avançando na prática

Convivendo no trabalho com o transtorno da personalidade

Descrição da situação-problema

Suponha que você iniciou um trabalho novo e, em poucos dias, percebeu que a relação com uma colega, Marta, não será fácil. Ela apresenta alguns traços de personalidade que provocam grande desconforto na equipe, como: é extremamente preocupada com detalhes; invade o trabalho de seus colegas, quando considera que eles estão desorganizados; quando a coordenadora orienta a realizar duas ou mais tarefas diferentes, você percebe que ela não consegue decidir por onde começar. Marta conta que gosta das coisas muito certinhas, que nada pode sair do lugar e que, por isso, se dedica demais ao trabalho – deixando muitas vezes de fazer outras atividades que possam ser prazerosas, até mesmo aos finais de semana, quando está de folga. Há, também, um discurso muito moralista sobre o que é certo e errado, que irrita a equipe. Quando você perguntou a ela, de uma forma muito delicada e cuidadosa, sobre religião, percebeu que não há uma identificação que explique tamanha rigidez. Quando alguém lhe oferece ajuda para concluir as atividades do trabalho, ela nega veementemente, porque, segundo ela, as coisas nunca ficam como deseja. Com base nesse contexto, como você poderia contribuir para melhorar a relação entre Marta e os demais integrantes da equipe?

Resolução da situação-problema

A função de um psicólogo, na equipe, não é analisar ou diagnosticar seus colegas. Porém, há conhecimentos específicos, acerca do comportamento humano, que podem ser compartilhados com os demais, a fim de contribuir para o bom andamento do trabalho. Se a coordenadora for da área da psicologia, possivelmente, o diálogo será facilitado. Entretanto, se a coordenadora não tiver conhecimento sobre as dinâmicas psíquicas, você deverá abordá-la de forma didática e cuidadosa. Uma de suas ações, portanto, poderá ser a conversa inicial com a coordenadora, considerando as possibilidades de ela ser ou não da área da psicologia. Diante disso, elabore estratégias para abordar o tema, justificando-as.

Faça valer a pena

1. Compõem a sintomatologia do transtorno de personalidade obsessivo-compulsiva quatro dos seguintes critérios:

- I. Relutância em delegar tarefas ou trabalhar com outras pessoas a menos que elas se submetam à sua forma exata de fazer as coisas.
- II. Preocupação com detalhes, regras, listas, ordem, organização ou horários a ponto de o objetivo principal da atividade ser perdido.
- III. Dificuldades em tomar decisões cotidianas sem uma quantidade excessiva de conselhos e reassseguramento de outros.
- IV. Incapacidade de descartar objetos usados ou sem valor, mesmo quando não têm valor sentimental.
- V. Rigidez e teimosia.
- VI. Resistência às atividades profissionais que envolvam contato interpessoal significativo por medo de crítica, desaprovação ou rejeição.

Assinale a alternativa que corresponda corretamente aos sinais e sintomas que compõem o transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva:

- a) I, II, IV, V, apenas.
- b) I, III, IV e V, apenas.
- c) II, III, V, VI, apenas.
- d) II, IV, V, VI, apenas.
- e) III, IV, V, VI, apenas.

2. Quando um indivíduo evita atividades profissionais que envolvam contato interpessoal significativo, não se dispõe a se envolver com outras pessoas a menos que tenha certeza de que será recebido de forma positiva, quando se preocupa demasiadamente com críticas ou rejeições em situações sociais e reluta de forma incomum em assumir riscos pessoais ou se envolver em novas atividades que possam ser consideradas constrangedoras, consideramos que o diagnóstico a ele atribuído poderá ser _____.

Com base no DSM-5, assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna.

- a) Transtorno da personalidade antissocial.
- b) Transtorno da personalidade dependente.
- c) Transtorno da personalidade esquizoide.
- d) Transtorno da personalidade evitativa.
- e) Transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva.

3. O grupo C, dos transtornos da personalidade, envolvem pessoas que apresentam características como _____. Dentro desse grupo, encontramos o transtorno da personalidade _____, no qual o indivíduo apresenta uma forte necessidade, que ocorre em diversos contextos, de ser cuidado, desenvolvendo, até mesmo, comportamentos de submissão.

Segundo o DSM-5, a alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

- a) Ansiedade e medo/evitativa.
- b) Ansiedade e medo/dependente.
- c) Ansiedade e medo/obsessivo-compulsiva.
- d) Esquisito e manipulador/dependente.
- e) Manipulador e instável/evitativa.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Revisão Técnica de Aristides Volpato Cordioli et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARREGUY, M. E. A leitura das emoções e o comportamento violento mapeado no cérebro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1267-1292, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jan. 2017.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DEL-BEN, C. M. Neurobiologia do transtorno de personalidade antissocial. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 27-36, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832005000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 dez. 2016.

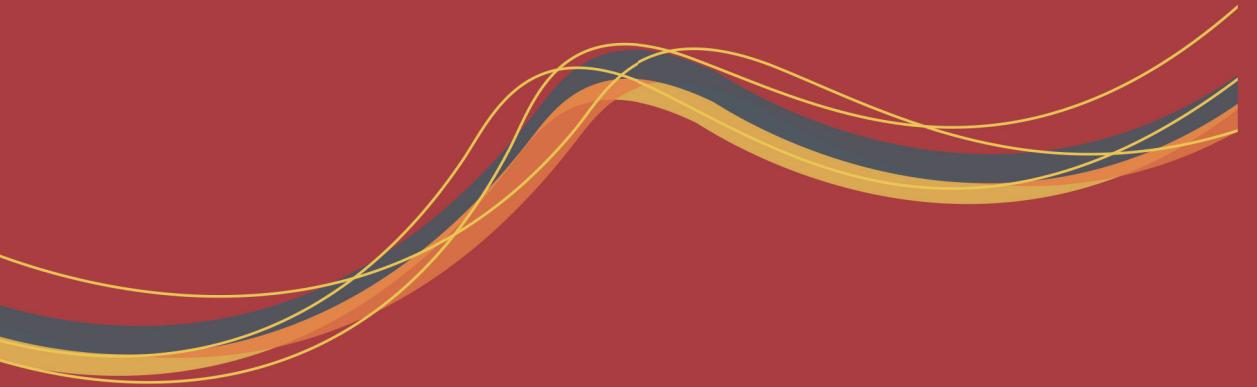
FREITAS, V.; MOTA, C. P.; BORGES, M. No limite da realidade: intervenção psicoterapêutica na vivência de João. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 299-309, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2016.

HAUCK FILHO, N.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não criminosa do construto. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 30, n. 2, p. 317-327, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242012000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 dez. 2016.

LANGARO, F. N.; BENETTI, S. P. da C. Subjetividade contemporânea: narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 197-215, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 dez. 2016.

ZANIN, C. R.; VALERIO, N. I. Intervenção cognitivo-comportamental em transtorno de personalidade dependente: relato de caso. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 81-92, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452004000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Anotações



ISBN 978-85-8482-861-6

A standard linear barcode representing the ISBN number 9788584828616.

9 788584 828616 >